

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Leonardo da Silva Mello Dockhorn

**ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPFER:
ESTILOS E INFLUÊNCIAS PRESENTES NA PRODUÇÃO
MOVELEIRA**

Santa Maria, RS
2020

Leonardo da Silva Mello Dockhorn

**ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPFER:
ESTILOS E INFLUÊNCIAS PRESENTES NA PRODUÇÃO MOVELEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Arquitetura e Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Caryl Eduardo Jovanonich Lopes

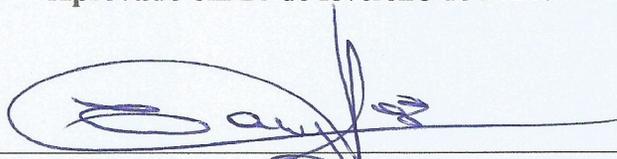
Santa Maria, RS, Brasil
2020

Leonardo da Silva Mello Dockhorn

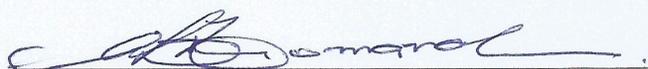
**ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPFER:
ESTILOS E INFLUÊNCIAS PRESENTES NA PRODUÇÃO MOVELEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Arquitetura e Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**

Aprovado em 28 de fevereiro de 2020:



Caryl Eduardo Jovanovich Lopes, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Leonora Romano, Dra. (UFSM)



Clarissa Oliveira Pereira, Dra. (UFN)

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

Este trabalho dedico a Pedro Alves de Mello, exímio marceneiro e laborioso ferroviário.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que colaboraram para a realização da pesquisa da qual resulta esta Dissertação de Mestrado e o livro: <Hugo Taylor> Escola de Artes e Ofícios – A produção moveleira.

Agradeço aos que preservam a história e possibilitaram a realização deste trabalho, responsáveis pela Casa de Cultura Edmundo Cardoso; Danièle Xavier Calil, diretora do Arquivo Histórico de Santa Maria; Cinara Isolde Koch Lewinski, historiógrafa do Museu do Trem de São Leopoldo; Débora de Melo de Oliveira, do Arquivo Provincial Marista; professor Rodrigo Coelho de Mello, guardião da documentação da Coopfer; Prof. Dr. João Rodolpho Amaral Flôres, coordenador do Núcleo de Estudos Ferroviários do Rio Grande do Sul; Luiza Haesbaert; Arquivista da Fundação Eny; Maria Helena Romero, responsável pelo Memorial do Colégio Manoel Ribas; bem como a toda equipe destas instituições.

Agradeço ao Sr. Aymoré Medina Garcia; Sra. Eronita; Sr. Guido Isaia; Sérgio Roberto Valcorte; João Alberto Licht Teixeira; Sr. Didi e Sra. Marli; Irmão Volmar e todos aqueles que se dispuseram a compartilhar suas histórias e móveis que, agora, fazem parte deste trabalho.

Ao prof. Dr. Luiz Fernando da Silva Mello, agradeço os momentos de trocas e conversas sobre o universo ferroviário.

Ao meu orientador, prof. Dr. Caryl Eduardo Jovanonich Lopes, agradeço pela orientação e oportunidade de desenvolver este trabalho.

À minha mãe, Marlene, agradeço todo o apoio e colaboração.

À Eliane Caldas da Silva, agradeço pelo incentivo, compreensão e companheirismo.

É fácil destruir o que os outros construíram com tanto amor e com tanto sacrifício.
(Irmão Ottmar Schmitt)

RESUMO

ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPFER: ESTILOS E INFLUÊNCIAS PRESENTES NA PRODUÇÃO MOVELEIRA

AUTOR: Leonardo da Silva Mello Dockhorn
ORIENTADOR: Prof. Dr. Caryl Eduardo Jovanonich Lopes

A cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, foi o maior entroncamento ferroviário do sul do Brasil e isto propiciou a fundação da Cooperativa de Consumo dos Empregados da VFRGS (COOPFER), que, por sua vez, tornou-se a maior cooperativa de consumo da América Latina. Esta cooperativa tinha, dentre seus objetivos, a educação profissional dos filhos dos seus associados, que se concretizou na Escola de Artes e Ofícios. Desta forma, este estudo tem como objetivo identificar os estilos e influências presentes na produção moveleira da Escola de Artes e Ofícios da COOPFER. Utilizando, como metodologia, uma pesquisa qualitativa aplicada que utiliza-se de pesquisa bibliográfica e documental, buscando material em acervos públicos e particulares, assim como entrevistas com sujeitos que vivenciaram o universo da Escola de Artes e Ofícios, ou ainda, que possuem móveis por lá fabricados. Esta busca permitiu elaborar um livro fotográfico e descritivo do mobiliário produzido nesta instituição, preservando, desta forma, este importante Patrimônio Cultural da cidade de Santa Maria.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Escola de Artes e Ofícios. Móveis.

ABSTRACT

CCEVFRGS SCHOOL OF ARTS AND CRAFTS: Styles and influences in furniture production

AUTHOR: Leonardo da Silva Mello Dockhorn
ADVISOR: Prof. Dr. Caryl Eduardo Jovanonich Lopes

The city of Santa Maria, in the state of Rio Grande do Sul, was the largest railway junction in the south of Brazil, and this propitiate the foundation of the *Cooperativa de Consumo dos Empregados da VFRGS* (VFRGS worker's consumption cooperative known as COOPFER), which became the largest consumer cooperative in Latin America. This cooperative had among its objectives, the professional education of the children of its associated, that materialized at the Escola de Artes e Ofícios (School of Arts and Crafts). This Study aims to identify the styles and influences present in the furniture production of COOPFER School of Arts and Crafts, using as methodology a qualitative applied research that uses bibliographical and documental research, which sought material in public and private collection, as well as interviews with subjects who experienced the universe of the Escola de Artes e Ofícios or that own furniture manufactured there. This research allowed the elaboration of a photographic and descriptive book of the furniture produced in this institution, preserving, thus, this important Cultural Heritage of the city of Santa Maria.

Keywords: Cultural Heritage; School of Arts and Crafts; Furniture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1877	16
Figura 02 - Vista aérea da malha ferroviária de Santa Maria em 24.04.1935	18
Figura 03 - Sede da Cooperativa dos Empregados da VFRGS	24
Figura 04 - Projeto definitivo da Escola de Artes e Ofícios da COOPFER	26
Figura 05 - Vista geral da Escola de Artes e Ofícios em 1924	27
Figura 06 - Construção das Oficinas da EAO.....	29
Figura 07 - Inauguração das oficinas	31
Figura 08 - Convite para a entrega de premiações e exposição de trabalhos manuais	32
Figura 09 - Exposição de 1926: secção de marcenaria e secção de torneiros em madeira	33
Figura 10 - Sopa aos alunos que trabalham nas oficinas	33
Figura 11 - Torno para madeira construído nas oficinas da EAO	35
Figura 12 - Biblioteca Dr. Vauthier	36
Figura 13 - Projeto: Reforma do Prédio Escola Hugo Taylor	37
Figura 14 - Planta do segundo pavimento da Escola Industrial Hugo Taylor em 1961	38
Figura 15 - Enxoval dos alunos internos	39
Figura 16 - Edifícios da Escola de Artes e Ofícios e Internato	40
Figura 17 - Incêndio Hugo Taylor	45
Figura 18 - Incêndio Hugo Taylor	46
Figura 19 - Oficina desativadas e Serra Fita construída na EAO abandonada	51
Figura 20 - Frases pintadas no interior de uma das oficinas da EAO	54
Figura 21 - Boletim de notas, ano de 1927	56
Figura 22 - Relação das Disciplinas dos Cursos Industriais	58
Figura 23 - Exposição de 1931 secção de marcenaria	59
Figura 24 - Biblioteca Dr. Vauthier em 1928; Exposição de 1945	60
Figura 25 - Exposição de 1933	60
Figura 26 - Esboço e foto da mesa de abrir	62
Figura 27 - Secção de Escultura em Madeira – exposição de 1934	63
Figura 28 - Secção Marcenaria – exposição de 1933	64
Figura 29 - Móveis fabricados por alunos da E.A.O.	64
Figura 30 - Móveis em metal	65
Figura 31 - Exposição de 1944, móveis estilo futurista e móveis estilo rústico	66
Figura 32 - Exposição de 1945, móveis estilo Colonial-Mexicano e Móveis de Estilo	66
Figura 33 - Fluxograma processo de fabricação de móveis em madeira	69
Figura 34 - Secção de carpintaria	70
Figura 35 - Prolongamento da Secção de carpintaria	70
Figura 36 - Secção de Marcenaria	71
Figura 37 - Secção de Torneiros Mecânicos	71
Figura 38 - Secção de Escultura em Madeira	72
Figura 39 - Secção de Estofaria.....	72
Figura 40 - Detalhe de uma inserção produzida na secção de escultura	73
Figura 41 - Secção de Solda e Caldearia	74
Figura 42 - Móvel sob medida produzido em 1948 ou 1949 pela EAO	76
Figura 43 - Contadores de 1939; Turma de 1948	77
Figura 44 - Genuflexório em madeira, exposição de 1950	78
Figura 45 - Exposição de 1931: marcenaria	79
Figura 46 - Medalha de Honra ao Mérito	82
Figura 47 - Roupeiros e criado mudo	85

Figura 48 - Balcão e detalhe da abertura	86
Figura 49 - Poltrona; móvel sob medida	87
Figura 50 - Aparador, relógio e carrinho de bebidas	87
Figura 51 - Poltronas e Sofá; Cadeira de espaldar alto	88
Figura 52 - Cristaleira do Museu; Armário do Laboratório	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diretores da Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor>	55
Tabela 2 - Média de alunos	57
Tabela 3 - Secções e cursos do ensino profissional de 1942	68
Tabela 4 - Ganhadores do Prêmio Viação Férrea – Secção Masculina	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

8ª DE	8ª Delegacia de Ensino
aGARE	Amigos da Gare - Associação Cultural de Preservação Histórico-Ferrovária
AHMSM	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
COOPFER	Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul
DAG/UFSM	Divisão de Arquivo Permanente do Departamento de Arquivo Geral (UFSM)
EAO	Escola de Artes e Ofícios
EMAI	Escola Municipal de Aprendizagem Industrial
ICM	Imposto sobre Circulação de Mercadorias
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPREMEC	Instituto de Preservação da Memória Cultural de Santa Maria
NEFERS	Núcleo de Estudos Ferroviários do Rio Grande do Sul
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RS	Rio Grande do Sul
SENEC	Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TSF	Telecomunicações Sem Fio
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
VFRGS	Viação Férrea do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos	14
1.2	ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO	16
2.1.1	VFRGS	19
2.1.2	Cooperativa de Consumo dos Empregados da VFRGS	22
2.1.3	Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria	25
2.1.3.1	<i>Fator Humano</i>	54
2.1.3.2	<i>Processo de desenvolvimento dos produtos</i>	58
2.1.3.3	<i>Estilos empregados no mobiliário produzido</i>	61
2.1.3.4	<i>A Produção das Oficinas</i>	67
2.1.3.5	<i>Comercialização do mobiliário</i>	74
2.1.3.6	<i>Exposições anuais e premiações</i>	77
2.1.3.6.1	<i>Medalha de Honra ao Mérito</i>	82
2.1.3.7	<i>Últimos anos de produção e o encerramento das atividades</i>	83
2.1.3.8	<i>Impacto no desenvolvimento local</i>	84
2.1.3.9	<i>Bens preservados</i>	85
3	METODOLOGIA	89
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	90
5	PRODUTO	93
6	CONCLUSÕES	107
	REFERÊNCIAS	109
	ANEXO A - PROGRAMA DOS APRENDIZES PARA 1942	118
	ANEXO B - INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE SANTA MARIA	119
	ANEXO C - PARECER SOBRE A ALIENAÇÃO E DEMOLIÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA DE PRIMEIRO GRAU HUGO TAYLOR	120
	ANEXO D - COMUNICAÇÃO DE RESCISÃO DE CONTRATO DE TRABALHO	121

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1920, a cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, prosperava com a manufatura e comércio de produtos, que se destinavam ao consumo local, regional e que também tinham como destino a Europa, onde países se reconstruíam após a Primeira Guerra Mundial. Em paralelo, na mesma cidade, uma cooperativa de consumo impulsionada pelo desenvolvimento trazido pela estrada de ferro se consolidava, e continuava a crescer sobre fortes alicerces para que, em algumas décadas, se tornasse a maior cooperativa de consumo das Américas (COOPFER, 1963), era a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (COOPFER).

Rapidamente, a COOPFER alcançou a estabilidade que permitiu dar início ao cumprimento das metas estabelecidas pelo estatuto de 1916 que visava suprir as demandas dos associados e as necessidades vislumbradas para o futuro. Para tal, em 1919, a cooperativa deu início a construção da Escola de Artes e Ofícios (EAO), que tinha como objetivo a formação dos filhos dos associados, onde, além de cursar as disciplinas básicas ao ensino regular, viriam a aprender marcenaria, latoaria, artes entre outros ofícios. Para o “ensino profissional foi construído um pavilhão especial para a carpintaria e marcenaria” (COOPFER, 1921, p. 18). O desenvolvimento que havia se materializado na cidade no final do século XX através da chegada da estrada de ferro e da inauguração da usina elétrica de Santa Maria, permitiam uma projeção de desenvolvimento baseada na industrialização e desta forma, operários capacitados seriam muito solicitados, tanto que, na ocasião da inauguração da escola, um deputado proclamou que “[...] só a inteligência iluminada pela cultura, podem dar aos operários o conhecimento e o sentimento de grandeza moral de sua missão como órgão necessário da actividade industrial do mundo” (COOPFER, 1922, p. 8).

A Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria, posteriormente nomeada de Escola Industrial Hugo Taylor, funcionou por 63 anos, encerrando suas atividades em 1986. Durante este período, milhares de alunos aprenderam não apenas seus ofícios, como também despertaram suas vocações através de um volume incontável de móveis e objetos que foram produzidos partindo do conhecimento de mestres oriundos inicialmente da Europa e posteriormente formados na própria escola. Como todo produto produzido pela Cooperativa, os móveis eram vendidos nos armazéns da COOPFER de todo o estado, e podiam ser comprados não apenas pelos cooperativados, mas por toda a população diretamente da EAO. Desta forma, os móveis poderiam chegar a locais que não existiam armazéns da Cooperativa.

Buscando resgatar a história deste patrimônio material, cujo contexto se mescla com a história da cidade e parte dele ainda se faz presente no centro histórico de Santa Maria, nesta pesquisa se exploram as características da produção moveleira e estilos aplicados na Escola de Artes e Ofícios, da cidade de Santa Maria. Pois passados quase cem anos de sua inauguração, sua tradição e conhecimento sobre os produtos desta escola de artífices é quase ignorado (desconhecido), levantando a questão: Quais foram os estilos e técnicas empregados no mobiliário construído na Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria?

O questionamento se justifica, pois embora tenha ficado em funcionamento por mais de seis décadas, não há documentos, sejam eles públicos ou de circulação interna da Cooperativa, que cataloguem a produção e, desta forma permitam o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural produzido na cidade, que anonimamente preenche muitos espaços residenciais e institucionais. Sua origem, história e importância acabam por tornar-se invisíveis ao decorrer dos anos, embora sigam presentes. Esta realidade, que parece se contrapor a afirmação de Sudjic (2009, p. 23): “objetos são a maneira com a qual nós medimos o passar de nossas vidas. Eles são o que nós usamos para nos definir, para mostrar quem somos e quem nós não somos”.

Entretanto esta afirmação elucida que a preservação da produção e da memória da Escola de Artes e Ofícios acaba por preservar a memória de todos os sujeitos envolvidos direta, ou indiretamente com a Escola de Artes e Ofícios, Coopfer, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) e da cidade de Santa Maria, que viu o crescimento populacional florescer no entorno dos trilhos, e ainda hoje vê os reflexos deste período no seu cotidiano.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Identificar os estilos e influências presentes na produção moveleira da Escola de Artes e Ofícios da COOPFER.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar a produção de móveis da Escola de Artes e Ofícios.
- Catalogar os móveis de acordo com a data e estilo de produção.

- Comprovar, através do primor conceitual e construtivo desenvolvido pelos artífices, que a produção moveleira da Escola de Artes e Ofícios compõe o Patrimônio Cultural Material Móvel da cidade de Santa Maria.

1.2 ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

Quanto a sua estrutura, este trabalho será organizado em 6 capítulos elaborados de forma a responder todos os quesitos pertinentes.

O **primeiro capítulo** consiste na INTRODUÇÃO do trabalho que, portanto, busca apresentar o tema, justificativa e os objetivos a serem atingidos.

O **segundo capítulo** traz o REFERENCIAL TEÓRICO, que se inicia com uma revisão bibliográfica a fim de embasar a motivação que leva a construção deste trabalho, tendo como intenção apresentar o contexto histórico, cultural e econômico que compunham o período que permitiu a criação da Escola de Artes e Ofícios da COOPFER em Santa Maria. Na continuidade o estudo se aprofunda em temas que remetam diretamente à escola, tratando de sua história, do fator humano envolvido no seu cotidiano, estrutura das oficinas, estilos aplicados na produção moveleira e do legado deixado pelo conjunto que formara este patrimônio.

No **terceiro capítulo** é apresentada a METODOLOGIA do estudo e os desdobramentos empregados para elaboração desta dissertação.

Os RESULTADOS obtidos após a conclusão das pesquisas e as DISCUSSÕES pertinentes e relativas ao mobiliário produzido na Escola de Artes e Ofícios serão apresentados no **quarto capítulo** desta dissertação.

O **quinto capítulo** tratará do PRODUTO elaborado como resultado final desta pesquisa, que consiste em um Livro de fotografias e informações pertinentes ao mobiliário identificado, enquanto o **sexto capítulo** apresentará CONCLUSÃO do trabalho, na qual serão abordados todos os elementos que fizeram parte deste compêndio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A cidade de Santa Maria tem como sua origem documentada a Comissão de Demarcação Mista, formada em 1784 para demarcar os territórios pertencentes a Portugal e Espanha e que em 1787 chegou nesta localidade, e nela permaneceu até 1781 (BELÉM, 2000). Embora provavelmente já houvesse um povoado no local, como pondera Vilarino (2004), levantando a questão que já haveriam estradas no local abertas por padres Jesuítas, informação complementada por Rechia (1999), afirmando que o local já teria anteriormente a denominação de Guarda de Santa Maria. Um século depois da chegada da Comissão, em 1884 os primeiros trilhos da estrada de ferro chegaram a cidade, inaugurando um novo ciclo de desenvolvimento para a região que permitiu o aumento do fluxo comercial na cidade e escoamento da produção local, que através das embarcações que chegavam ao cais de Porto Alegre, poderia ter como destino qualquer localidade.

Figura 01 - Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1877



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Da mesma forma em 9 de novembro de 1889, o decreto nº 10.432 permitiu a construção da estrada de ferro que ligava a cidade de Itararé, no estado de São Paulo, ao pequeno povoado do centro do Rio Grande do Sul (LOPES, 2003). A conclusão desta estrada possibilitou o “Trem Internacional”, composição que partia de São Paulo (capital) com destino a Buenos Aires (Argentina), passando por Santa Maria. Estas conexões propiciadas pelas estradas de ferro que passaram a ligar a cidade a São Paulo, Argentina e a capital do estado trouxeram avanços para a localidade, propiciando então, que o pequeno povoado, cuja a população não chegava a 30 mil habitantes em 1898 passasse a contar com o advento da iluminação elétrica e sofresse uma remodelação social e cultural, pois com o fluxo de viajantes houve a necessidade de se construir novos hotéis, restaurantes e também proporcionar cultura e entretenimento, que se deu através da construção do Teatro Treze de Maio, em 1890 e dos jornais que já eram impressos na cidade (BELÉM, 2000). O autor cita que nessa data haviam 04 publicações periódicas em circulação na cidade, sendo elas em ordem cronológica: A Gazeta do Norte, O Combatente, O Popular e O Porvir. As mudanças ocasionadas pela ferrovia também são evidenciadas por Lopes (2003), que destaca que não apenas houve um aumento da quantidade de casas comerciais e hotéis, resultado do aumento do fluxo de pessoas pela cidade como também trouxe o advento do telégrafo, necessário para comunicar o fluxo dos trens, mas que permitiu que as notícias chegassem rapidamente a cidade. O autor salienta ainda que Santa Maria viria a se tornar um importante centro ferroviário do estado e os reflexos disto são não apenas o desenvolvimento da cidade, mas também na forma que ocorreu ocupação dos espaços.

Em 1907 foi realizado o primeiro Censo referente a indústrias existentes no Brasil, no qual foi verificado que 15% das indústrias existentes no país estavam no Rio Grande do Sul, neste quesito ficara atrás apenas de São Paulo (16%) e Distrito Federal¹ (33%) (PRADO JR., 2006). Sendo que no interior do município de Santa Maria, as atividades predominantes eram a agrícola e pecuária, que ocorriam nas colônias de imigrantes (LOPES, 2003).

Embora o período fosse conturbado, o crescimento do transporte ferroviário era constante e em 1905 foi criada a Viação Férrea do Rio Grande do Sul² (VFRGS), o que, proporcionou que em 1910 o transporte ferroviário já alcançasse importantes cidades produtoras e entrepostos comerciais como: Alegrete, Bagé, Cruz Alta, Caxias do Sul, Uruguaiana, Santana do Livramento, Pelotas, Rio Grande, Passo Fundo e Marcelino Ramos

¹ Na data, a capital da República se localizava inclusa ao estado do Rio de Janeiro.

² A data da criação da VFRGS não é ponto comum entre os autores, entretanto, a Sindicato Cooperativista dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul foi fundado em 1913 como será visto na página 20 desta dissertação, sendo necessariamente a data de fundação da VFRGS anterior a este.

(IPHAERS, 2002). Assim Santa Maria passou a ter um papel importante, privilegiada por sua localização geográfica, sendo “identificada como o principal polo ferroviário do estado” (FLÔRES, 2007, p. 58), pois “recebeu as principais oficinas de manutenção e depósitos de locomotivas e vagões da VFRGS” (FLÔRES, 2007, p. 19). Segundo o autor, esta concentração de estruturas ferroviárias, eram acompanhadas por um grande número de funcionários ferroviários, que, naturalmente traziam renda ao local, mas também demandavam produtos e serviços diversos.

A figura 2 exemplifica a extensão da malha ferroviária descrita por Flôres (2007). No centro da fotografia está a estação Férrea, acima a Vila Belga³ e a esquerda da estação se nota a extensão das oficinas existentes na época e ao fundo o depósito de locomotivas, ao lado da então Escola Feminina de Artes e Ofícios, hoje Colégio Estadual Manoel Ribas.

Figura 02 - Vista aérea da malha ferroviária de Santa Maria em 24.04.1935



Fonte: Acervo de Helio e Wilson Aita.

A grande concentração de ferroviários possibilitou que em 1913 fosse fundado na cidade de Santa Maria o *Sindicato Cooperativista dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul*, que por sua vez deu origem a *Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação*

³ Mais informações sobre a Vila Belga podem ser encontradas em Lopes, 2001, p. 139-147.

Férrea do Rio Grande do Sul (COOPFER, 1963), esta tinha dentre seus motes o de manter e auxiliar instituições de artes e ofícios (MELLO, 2010). No ano seguinte, com o início da Primeira Guerra Mundial, algumas indústrias nacionais se favoreceram das exportações e cresceram consideravelmente. O Rio Grande do Sul, principal polo pecuarista do país se valeu da recente “Indústria de Congelação de Carnes”, que cresceu impulsionada pela exportação para os países que se recuperavam do pós-guerra, sendo que no ano de 1920 o Brasil exportou 60.509 toneladas de carne (PRADO JR., 2006, p. 34).

Como centro geográfico do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria tem posição privilegiada em termos estratégicos, naturalmente sendo um local de concentração militar, tanto que em 1955 foi determinado que o ponto geodésico do estado do Rio Grande do Sul se encontraria dentro dos limites da cidade, no Parque Regional de Motomecanização e na data foram plantadas mudas de árvores formando uma estrela (RECHIA, 1999). Pelo mesmo motivo, meio século antes, a cidade tornou-se o centro administrativo da *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil (Auxiliaire)*, aumentando a sua relevância no Estado, ao se tornar ponto de cruzamento de todas as linhas ferroviárias do RS e em 1922 foi criado o Parque de Aviação Militar de Santa Maria, sendo que os 35 aviões, pilotos e mecânicos chegaram na cidade dia 7 de janeiro, em um comboio de trens (AVIAÇÃO, 1922, p. 1).

O papel de Santa Maria no estado é descrito por Ribeiro:

Santa Maria, por sua situação geográfica, foi o centro de convergência e distribuição, acolhendo vultos significativos, homens de negócios, estudantes com suas famílias que aqui chegavam constantemente, à procura do saber e do aprimoramento pessoal. Esta também foi sua tarefa social: permitiu a ligação de núcleos urbanos de povoamento, separados e diversificados pelas distâncias, contribuindo para a integração de diversos municípios do Rio Grande do Sul num passar constante de homens e coisas (RIBEIRO, 1979, p. 29).

Anos mais tarde, Santa Maria viria a ser conhecida como Cidade Ferroviária, ou “Capital Ferroviária” (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

2.1.1 VFRGS

O primeiro movimento buscando a criação do transporte ferroviário no Brasil se deu em 31 de outubro de 1835, com o Decreto-Lei nº 101 do então regente Diogo Antônio de Feijó (FLÔRES, 2007).

Autoriza o Governo a conceder a uma ou mais companhias, que fizerem uma estrada de ferro da Capital do Império para as de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia, o privilégio exclusivo por espaço de 40 anos para o uso de carros para transporte de gêneros e passageiros, sob as condições que se estabelecem. (BRASIL, 1835).

No entanto, os termos do decreto não eram economicamente atrativos, e por isto foi necessária a Lei nº 641, de 1852, que trazia entre outras mudanças, a possibilidade que os interessados construíssem trechos de extensões menores, e conseqüentemente mais lucrativos para as empresas que assumissem a construção e operação de cada trecho, desta forma a primeira ferrovia nacional entrou em operação em 30 de abril de 1854, no estado do Rio de Janeiro (BRASIL, 2015). Enquanto no Rio Grande do Sul, em 1867 o presidente da província assinava uma lei que tornava responsabilidade da província deliberar sobre a construção das ferrovias, sendo que o projeto das estradas de ferro do Rio Grande do Sul foi elaborado por Ewbank da Câmara, levando em consideração objetivos econômicos, desta forma o controle das estradas de ferro ficaria às margens do rio Taquari, local de onde já havia distribuição de produtos através do porto de Taquari e originalmente a estrada de ferro passaria pela cidade de São Gabriel (LOPES, 2003). Segundo o autor, posteriormente o projeto foi revisado por militares que consideraram Santa Maria um local mais adequado em termos estratégicos, desta forma, se observa que a formação do mapa ferroviário do estado se origina de projetos concretos que atende a necessidades específicas do Estado e da União.

Em 14 de abril de 1874 seria inaugurado a primeira linha férrea do estado, percorrendo um trecho de 33,7 quilômetros entre Porto Alegre e São Leopoldo e controlada pela *Porto Alegre and New Hamburg (Brazilian) Railway Company Limited* (FLÔRES, 2007). No dia 10 de setembro de 1885 foi finalizada a colocação dos trilhos da estrada de ferro entre Santa Maria e a capital do estado, Porto Alegre e, devido a demanda do comércio local o Dr. Eugênio de Melo, então diretor da Estrada, liberou o transporte de cargas antes da inauguração oficial, que se deu apenas em 15 de outubro de 1885 (BELÉM, 2000). Sendo que, segundo Lopes (2003) a construção da linha Porto Alegre-Uruguaiana se iniciou em 1877.

No contexto da VFRGS, segundo Lopes (2003) três empresas⁴ de capital estrangeiro tiveram maior participação no processo, a *Compagnie des Chemins de Fer Sud-Ouest Brésilien (Sud-Ouest)*, empresa de capital Belga que assumiu a construção e administração do trecho entre Cruz Alta até a margem do rio Uruguai, na divisa com Santa Catarina, finalizou o trecho em 31 de janeiro de 1898 e estabeleceu seus escritórios em Santa Maria. A segunda companhia e talvez a mais relevante para a VFRGS, a *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil*

⁴ Para mais informações sobre o histórico das ferrovias no estado do Rio Grande do Sul ver Lopes, 2003.

se estabeleceu no Brasil, em 24 de abril de 1898 como subsidiária da *Compagnie Générale des Chemins de Fer Secondaire* e recebeu a concessão para operar a linha Porto Alegre-Uruguaiana, transferindo os escritórios e oficinas para Santa Maria em 1901. Ribeiro (1979) salienta que a unificação do controle das estradas de ferro e a conseqüente transferência dos escritórios e a administração para Santa Maria, trouxe servidores de origem belga e francesa, que geraram novas demandas e da mesma forma integravam a população local seus costumes e tradições. Ainda segundo o autor, no ano seguinte iniciou-se a construção da Vila Belga, conjunto habitacional destinado aos trabalhadores da *Auxiliaire*, localizada próxima à estação ferroviária e em local que era então, o eixo principal da cidade.

No ano 1905 o governo federal, que havia assumido o controle de outras linhas por conta do fim dos contratos com as empresas arrendatárias, transferiu as estradas em seu controle para a *Auxiliaire* (LOPES, 2003).

A terceira empresa, a *Brazil Railway Company* assumiu o controle da *Auxiliaire* e conseqüentemente das estradas de ferro do estado em 1911 (COOPFER, 1963), sendo que esta situação permaneceu até 1919, quando brevemente a *Auxiliaire* reassumiu o controle das operações, para em 18 de junho de 1920, devido a problemas financeiros, ter o contrato rompido pelo governo do Estado (FLÔRES, 2007). Segundo Lopes (2003), os descontentamentos com os serviços prestados pela *Auxiliaire* não eram recentes, tampouco exclusivos do governo do estado, sendo que foi em 21 de junho de 1920, através do decreto nº14.224, que o então Presidente Epitácio Pessoa encampou as linhas controladas pela companhia Belga, posteriormente transferindo o controle das mesmas para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1922. O autor ainda esclarece que o contrato da *Auxiliaire* teria duração até 25 de março de 1958.

Quando o governo do estado assumiu o controle da VFRGS os escritórios foram transferidos para a capital do estado, Porto Alegre, assim foram descentralizadas algumas oficinas de manutenção, entretanto a Santa Maria seguiu como principal entroncamento ferroviário e contando com o maior número de ferroviários ligados à VFRGS.

O governo do estado do Rio Grande do Sul teve controle das vias férreas do estado até 1959, quando se iniciou o processo de encampamento da VFRGS pela RFFSA (RIBERO, 1979).

2.1.2 Cooperativa de Consumo dos Empregados da VFRGS

Não apenas a principal linha da estrada de ferro do RS passava por Santa Maria desde 1855, como também, em 1905 a cidade passou a ser sede da *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil*, empresa privada que administrava as linhas da recém-formada VFRGS (FLÔRES, 2007).

Embora a cidade estivesse em pleno crescimento, as condições de trabalhos dos ferroviários não eram ideais e por este motivo em 1906 os ferroviários entraram em greve e demandavam um aumento substancial dos salários que foi negado pelo então diretor da *Auxiliaire*, Dr. Gustavo Vauthier, porém, em compensação a manutenção salarial propôs a criação do “Economat”, um sistema de venda de produtos a custo reduzido que favorecia os ferroviários, pois neste sistema os ferroviários tinham redução de até 40% do valor do produto em relação ao comércio local e que poderiam ser adquiridos em armazéns localizados em Santa Maria, Rio Grande e São Leopoldo, ou ainda em vagões especiais destinados pela *Auxiliaire* para atender outras localidades e os ferroviários que moravam próximos a estrada de ferro (COOPFER, 1963).

O Economat perdurou até 1911, quando a *Brazil Railway Company*, empresa de capital norte americano, assumiu o controle da *Auxiliaire* e optou por vender o Economat a um particular⁵, que rapidamente passou a praticar preços de mercado, ocasionando descontentamento por parte dos ferroviários (COOPFER, 1963). Segundo Perez (1998), a experiência dos ferroviários com o Economat fez com que percebessem que mesmo sem melhoria salarial, seu poder aquisitivo aumentou consideravelmente.

Como efeito, “numa ensolarada tarde de outubro de 1913, domingo dia 26, houve uma reunião dos interessados no “buffet” da Estação de Santa Maria [...], pelas 13 horas em número de aproximadamente 200” funcionários, cerca de 15% da força de trabalho da VFRGS estavam presentes para fundar Sindicato Cooperativista dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, a base do que alguns anos mais tarde se consolidaria como a Cooperativa de Consumo da VFRGS (COOPFER, 1963, p. 67). A cooperativa assumiu personalidade jurídica no dia 27 de janeiro de 1914.

A consolidação da Cooperativa se deu em 1916, registrada através da Ata de Instalação Definitiva da Cooperativa de Consumo da VFRGS, que se deu no dia 27 de abril desse ano, com prazo de vigência de 30 anos a partir da data de 31 de dezembro de 1915 (COOPFER,

⁵ Em 1911 o Economat foi vendido a Antônio Alves Ramos.

1916). Neste dia foram registrados os estatutos que norteariam as ações e disposições da Sociedade, sendo que o artigo 2º trata do objetivo da mesma, que é tocante ao objeto de estudo deste trabalho (Cooperativa, 1916):

Art. 2º, A sociedade tem por principal objetivo, a) manter armazéns para fornecimento aos associados por preços razoáveis de todos os gêneros de uso e consumo pessoal e doméstico; b) aplicar o seu patrimônio, lucros e rendimentos, em benefício exclusivo, geral e proporcionado, direta e indiretamente, dos seus associados, podendo, 1º instituir pecúlios pagáveis em dinheiro, nos casos de invalidez ou falecimento dos sócios; 2º fundar, manter e auxiliar instituições escolares de artes e ofícios; 3º auxiliar ou encampar a sociedade “Amparo Mutuo dos Empregados Da V.F.R.G.S., mediante reforma de estatutos sujeita a aprovação do conselho fiscal; 4º) encampar a sociedade “Caixa de Socorro dos Empregados da V.F.R.G.S., mediante aprovação da assembleia geral; 5º) estabelecer hospitais, farmácias e caixa de empréstimos. (COOPFER, 1916, p. 1).

Em ata foi ainda definido que 40% do lucro líquido seria destinado ao Fundo de Beneficência que foi “instituído para o fim de cumprir-se o objetivo social referidos nos números 1, 2, 3, 4 e 5 da letra b do art. 2º” (COOPFER, 1916, p. 3). Com esta definição ficou nítida a motivação da Cooperativa em buscar puramente atender às necessidades dos associados, além da preocupação com a necessidade da criação de uma escola de artes e ofícios, que aparece colocada logo após o auxílio direto aos associados. Esta necessidade profissionalizante se dava por dois motivos: primeiramente a necessidade de proporcionar ensino de qualidade e sem custo aos filhos dos funcionários associados e, desta forma proporcionar um ofício que poderia ser seguido durante toda a vida do aluno e em segundo lugar suprir uma demanda de profissionais aptos a realizar tarefas com exímio desempenho e, dessa forma, atender a demanda das indústrias que se formavam e também da própria e crescente VFRGS.

Esta preocupação não era somente dos cooperativados, se mostrava geral, tanto que Flôres (2008, p. 320) discorre sobre a “taxa profissional, instituída em 1913 pelo governo do estado do Rio Grande do Sul buscando fundos para financiar o ensino de formação de operários especializados” e uma nota publicada no jornal Diário do Interior de 20 de janeiro de 1922, registrou que o intendente municipal havia demandado a aquisição de um terreno que seria destinado a construção da Escola Industrial Elementar. Embora fosse uma preocupação na época, a construção desta escola não se concretizou.

Figura 03 - Sede da Cooperativa dos Empregados da VFRGS.



Fonte: (COOPFER, 1963).

No mesmo ano, em 28 de janeiro, após a transferência dos escritórios centrais da VFRGS para Porto Alegre, ocorreu também a transferência do escritório comercial da Cooperativa para a mesma cidade (COOPERATIVA, 1922a, p. 4).

Em 02 de outubro de 1958 a Cooperativa alterou sua denominação legal para Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul Limitada (SANTA MARIA, 1958).

Embora tenha a Cooperativa prestado inúmeros serviços à cidade de Santa Maria, apenas em 1958, no dia 03 de dezembro, a instituição foi reconhecida como de utilidade pública.

2.1.3 Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria

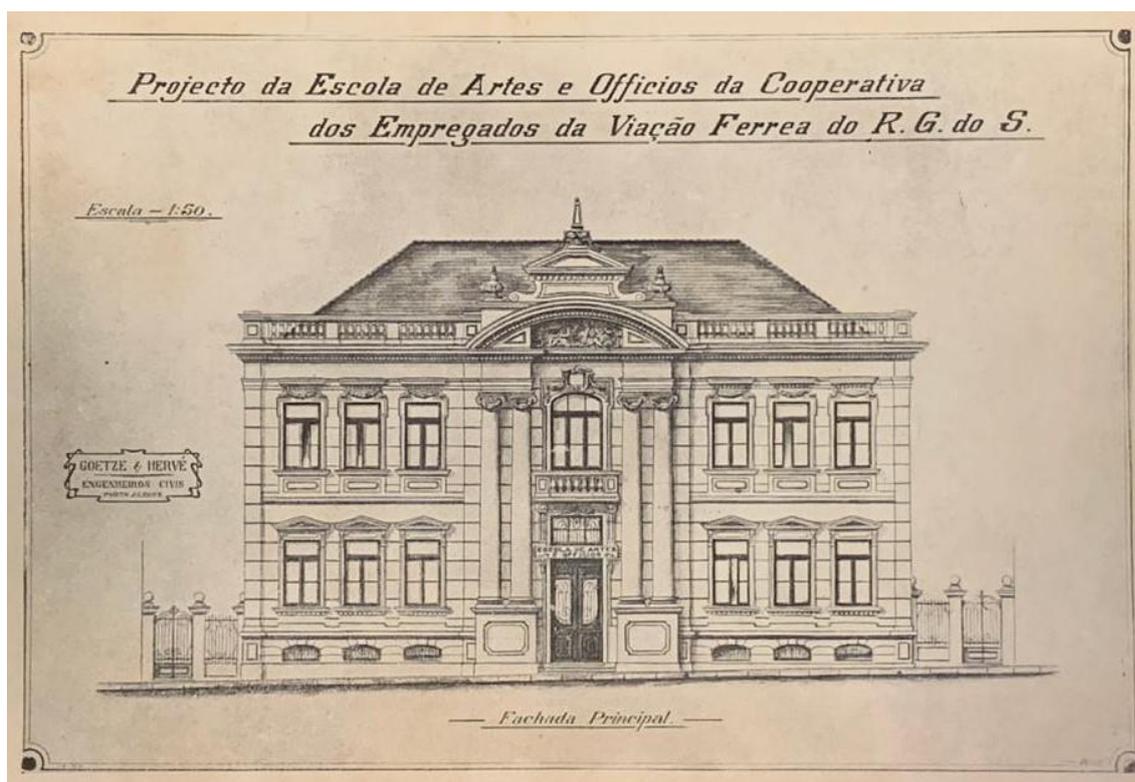
A Escola de Artes e Ofícios, buscava atender às demandas levantadas pelos ferroviários no momento da fundação da Cooperativa, e desta forma tinha “por finalidade ministrar sólida educação profissional, intelectual, moral e física a seus alunos, realizando a sua formação humana e a sua preparação profissional, de modo a torná-los apto para a vida social” (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Para isto, em 1917 a Cooperativa já direcionava esforços na iniciativa de alcançar seus objetivos com a compra de um terreno pertencente a Intendência Municipal e localizado na Avenida Rio Branco, sendo que no ano seguinte já se iniciava a construção do edifício sob a administração dos arquitetos Goetz & Hervé (BELÉM, 2000). Porém, para isto, ainda no mesmo ano a cooperativa abriu uma concorrência pública, divulgada nos jornais de Santa Maria e Porto Alegre, convocando interessados a apresentar projetos para a futura escola, sendo que seis projetos foram apresentados, e estes foram analisados por uma equipe de três engenheiros civis, que descartaram um dos projetos por exceder o custo de construção e classificaram em primeira posição o projeto realizado por João Baade, que tinha o pseudônimo de “ordem e progresso” (COOPFER, 1918).

[...] projecto classificado em 1º lugar foi julgado satisfazer melhor a sua distribuição interna; o auctor satisfaz plenamente aos requisitos exigidos pelas construções modernas quanto a fachada é, sem dúvida, a par de sua simplicidade a de realice e esthetica para edificios dese gênero. Além disso o alludido projecto é composto de desenhos que claros e detalhados que mais facilitam ao seu estudo e a sua construção. (COOPFER, 1918. p. 6).

A pedra fundamental da obra foi lançada em 13 de maio de 1918, porém em decorrência da Primeira Guerra Mundial, os custos dos materiais para a construção do edifício se elevaram e, desta forma apenas após o término do conflito se deu início a concorrência para escolha do construtor que executaria a obra, sendo escolhido a proposta de Alexandre Cassal, por ordem direta de valores, entretanto, em abril de 1918 após análise, a concorrência é anulada e buscando evitar mais demora no início da construção, a diretoria da Cooperativa busca a empresa Goetze & Herve, de Porto Alegre, para aconselhamentos sobre a obra (COOPFER, 1919). “Devido as excessivas dimensões do edifício, dimensões essas muito superiores ás dos estabelecimentos congêneres em funcionamento neste estado” (COOPFER, 1919, p. 15), foi indicado que fossem feitas reduções no tamanho da edificação, porém permitindo ampliações posteriores e, desta forma, fosse possível manter-se dentro do valor orçado.

Por esse projecto o edificio ficou dividido em tres peças, sendo a primeira, considerada principal, composta de tres andares, com 25 metros de frente por 12 de fundo, onde serão intalladas as differentes aulas, alojamento para internos, bibliotheca, secretaria, refeitório, etc., e as outras duas, dois pavilhões ao fundo, onde funcionarão as officinas de carpintaria, ferraria, fundição, modelagens, etc. (COOPFER, 1919, p. 15).

Figura 04 - Projeto definitivo da Escola de Artes e Officios da COOPFER.



Fonte: (COOPFER, 1919).

Assim, Goetze & Herve iniciaram no ano 1919 a construção da Escola Profissional que enfrentou a escassez de tijolos e sua consequente alta de valores, como solução a Cooperativa chegou a um acordo com Vicente Adamys, proprietário de uma olaria próxima a estação de Pinhal, que se propôs oferecer tijolos a um preço justo, em troca de um auxílio por parte da Cooperativa para ampliar sua capacidade produtiva e assim estar apto a suprir a necessidade da mesma (COOPFER, 1920).

Em 1922 a escola estava concluída, em menos de dez anos após sua fundação a Cooperativa já cumpria outra parte de seu propósito:

[...] em 1º de maio de 1922, em sessão extraordinária e soleníssima, tinha lugar a inauguração da benemérita Escola (seção masculina) e do majestoso edifício em cujas dependências destinadas às aulas elementares e às de ensino técnico, o material existente representava o que de mais moderno e adiantado se conhecia então. (BELÉM, 2000, p. 226).

A inauguração teve destaque no jornal *Diário do Interior*, sendo reportada na primeira página de 3 de maio de 1922, o destaque se deve pela representatividade da edificação no centro da cidade em desenvolvimento. O evento, que teve início às 19 horas e 20 minutos, foi ritmado pela banda do 7º Regimento de Infantaria e fez uso de uma “gyrandola de foguetes” durante a recepção, na qual se fizeram presentes cooperativados, membros da sociedade e representantes de instituições militares, religiosas, educacionais e das associações locais, que durante a visita conheceram as “amplas salas do edifício, todas fartamente iluminadas, ostentando moderno e vistoso mobiliário em diversos compartimentos” (COOPERATIVA, 1922b, p. 1).

Figura 5 - Vista geral da Escola de Artes e Ofícios em 1924.



Fonte: (COOPFER, 1925).

Na data da fundação da Escola a direção da Cooperativa era formada pelo presidente do Conselho, João Carlos Maura; o secretário, Eudóxio Gonçalves Silva Filho; o tesoureiro, Henrique Northfleet; diretor comercial, Manoel Ribas, além destes, estavam presentes no ato

as autoridades Coronel Ernesto Marques da Rocha, Intendente Municipal que também presidiu a sessão; o vice-intendente Dr. Pelágio de Almeida; representando a Brigada Militar o Tenente Garibaldi Marques, sendo que o orador oficial foi o Dr. Walter Jobim e o Reverendíssimo Padre Caetano Pagliuca deu a benção (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

No edifício de três pavimentos, ao nível da Avenida Rio Branco foram dispostas as salas de aula, no nível superior ficariam os dormitórios, a diretoria, secretaria, biblioteca e banheiros, enquanto no nível inferior estavam o refeitório e espaço para trabalhos manuais, sendo que a administração da Escola ficou a cargo dos Irmãos Maristas, entretanto o ensino religioso não era obrigatório, respeitando assim as individualidades dos estudantes (COOPFER, 1922).

Pelo contrato⁶ o Irmão Diretor era encarregado de administrar a Escola, solicitar bens de consumo e equipamentos à Cooperativa, contratar e dispensar funcionários, observar o comportamento dos alunos e fiscalizar o trabalho realizado nas oficinas (COOPFER 1932b). Em contrapartida o Irmão Diretor e Irmãos Professores receberiam salário, alimentação e quartos, e o diretor teria direito a um quarto individual, além disso, teriam disponibilidade de dois quartos para visitantes e um refeitório particular.

O jornal Diário do Interior de 03 de maio de 1922 trazia uma detalhada descrição dos espaços da “grandiosa obra da Cooperativa”, a qual permite melhor entendimento do uso dos espaços:

“O edifício tem as seguintes divisões: na parte terrea – dois salões, duas camaras escuras para trabalhos fotográficos, um amplo saguão, uma sala para refeitório e compartimentos para cozinha e cópia; no segundo andar, que tem entrada pela avenida Rio Branco, existem três salões para aulas, um salão para bibliotheca e uma sala de portaria; no pavimento superior, que tem acesso por uma vistosa escadaria de mármore, ficam um salão para aulas, um para dormitório dos alunos, um para dormitório dos professores, uma saleta e um quarto para o diretor, uma sala para a secretaria e três compartimentos para banheiros e serviço sanitário”. (COOPERATIVA dos Empregados da Viação Ferrea, 1922, p. 1).

O prédio principal da Escola possuía 1.109,85 m², sendo 369,95 m² por pavimento, enquanto as oficinas quando prontas, viriam a ocupar 3.356,00 m², 1.936,00 m² no primeiro pavimento e 1.420,00 no subsolo (BEVILACQUA, 1989).

O jornal destaca ainda que as oficinas já estavam sendo montadas⁷ e os equipamentos a serem utilizados haviam sido encomendados da França e Alemanha, sendo que a Escola iniciou suas atividades de ensino no dia 2 de maio de 1922, com 46 estudantes matriculados

⁶ Os contratos tinham duração de 10 anos e mantiveram sua estrutura original.

⁷ Durante a construção do edifício da EAO, foi iniciada a construção de um pavilhão para as secções de Carpintaria e Marcenaria.

(COOPERATIVA, 1922, p. 1). Com o intuito de oferecer o melhor ensino aos alunos, Manoel Ribas, em viagem à Europa, contratou artífices alemães para organizarem e dirigirem os cursos técnicos da EAO (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

Buscando angariar estudantes, cartazes de divulgação da Escola de Artes e Ofícios foram distribuídos em todos os locais onde a Cooperativa atuava, com a indicação de datas e critérios de seleção (PEREZ, 1998). Assim durante o período letivo mais alunos se matricularam e a escola encerrou o primeiro ano de atividades com 118 alunos no turno diurno e 114 no período noturno, o curso noturno se destinava a ferroviários adultos que buscavam a alfabetização (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

Em 1923, devido ao número de alunos matriculados, o andar inferior da escola passou a ser ocupado por salas de aula, exigindo a construção de outro pavilhão para abrigar os dormitórios e o refeitório, foi também decidido a criação de uma sala para diversões e a construção das oficinas para abrigar as aulas profissionalizantes, pois o maquinário para tal já havia sido trazido da Europa e estava armazenado na escola (COOPFER, 1924). Assim, no dia 07 de junho de 1924 foi colocada a pedra fundamental para a construção das oficinas (IRMÃOS MARISTAS, 1976), e no mesmo ano a EAO ganhou um laboratório de química, um equipamento de Telecomunicações Sem Fio (TSF) e também a biblioteca, que segundo Perez (1998) teve todo seu mobiliário construído pelos professores e alunos da escola, e nos últimos anos de funcionamento, o espaço acomodou a diretoria da instituição.

Figura 06 - Construção das Oficinas da EAO



Fonte: Coopfer (1924).

O regulamento interno da instituição foi elaborado com base no regulamento do Instituto Parobé, da Escola de Engenharia de Porto Alegre, que segundo Lersch (2016) foi

fundada em 1886, inicialmente como uma Escola de Agrimensura e em 1906, através do Instituto Técnico-Profissional, passou a ter cursos para ensinar e profissionalizar gratuitamente filhos de operários. Seguindo no cumprimento de seu mote, na EAO, as turmas eram divididas em três cursos, sendo eles primário, preparatório e técnico, sendo que as primeiras seções técnicas instaladas foram de carpintaria e modelagem, porém já em 1924 eram oferecidos além destes, os cursos de fundição, ferraria, mecânica, eletricidade e funilaria (BELÉM, 2000), sendo que no período da manhã se davam as aulas convencionais, enquanto à tarde os alunos iam para as oficinas. “Durante o primeiro ano os alunos da Escola Masculina de Artes e Ofícios faziam estágios em todas as oficinas. Assim eles tinham a oportunidade de conhecer, de tomar contato com todas as atividades ali desenvolvidas e entender melhor o processo de produção” (GAIDA. In: PEREZ 1998).

Ainda no ano de 1924 a cidade de Santa Maria enfrentava um surto de varíola e varicela, e buscando conter o aumento e evitar a propagação entre os alunos, a escola disponibilizou vacinas aos estudantes, que tinham a livre escolha de se vacinar ou não (COOPFER, 1925).

No ano de 1925 a Escola passou a oferecer o ensino secundário, que se somava ao primário e técnico, entretanto, neste ano apenas 4 alunos estavam matriculados nos cursos técnicos, isto, segundo expressa a diretoria da Cooperativa ocorria, pois, os filhos, ao receberem as primeiras aulas profissionalizantes eram colocados pelos pais no mercado de trabalho (COOPFER, 1926).

Este aproveitamento precoce do trabalho infantil é um erro lamentável sob todos aspectos.

Primeiramente, do lado moral, porquanto afastar da Escola uma criança quando ainda não se plasmou o seu carácter nos ensinamentos moraes, allí ministrados, para deixal-a ás soltas, em meios perniciosos, mercê sua própria iniciativa, sob a sugestão imperiosa dos máos exemplos, máos costumes, ausencia completa de principios moraes.

Em segundo logar, porque o trabalho de um profissional que adquiriu ligeiras tinturas na carreira abraçada, não poderá competir com o trabalho oriundo de um estudo accurado, fructo da lição dos mestres, ocorrendo assim que o profissional incompleto terá sempre um salário menor que o artista completo. (COOPFER, 1927, p. 11).

No mesmo ano, no domingo de 1º de março, o grupo de escoteiros da EAO apresentou-se população de Santa Maria com uniformes oferecidos pela Cooperativa, “raramente acontece que um ato tão simples, faça vibrar o patriotismo de uma população inteira como vibrou a população de Santa Maria na bela tarde de domingo” (IRMÃOS MARISTAS, 1976, p. 278). O grupo de escoteiros foi criado por iniciativa de Manoel Ribas e chefiado pelo Capitão Alfredo Mariante. Entretanto, o acontecimento de maior importância para a EAO se deu no dia 20 de setembro de 1925, era a concretização de outro objetivo da Cooperativa, a inauguração de dois

pavilhões somando 2.100 metros quadrados destinados às oficinas (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

No 1.º pavilhão estão instaladas as oficinas de carpintaria e marcenaria, com suas modernas máquinas, bancos de aprendizes e tornos.

Ao fundo está o aparelhamento para fundição, laminação e moldagem de ferro, aço e bronze. Esta secção acha-se esplendidamente instalada.

Funcionam igualmente as secções de ferreiros, caldeireiros, oxigenistas e eletricitas. Um dínamo de 18 H.P. aciona as máquinas do 1.º pavilhão, e um de 25 H.P. as do 2.º Tudo obedece a um magnífico motor belga de 50 H.P. (IRMÃOS MARISTAS, 1976, p. 279).

Assim como na inauguração da Escola, a inauguração das oficinas foi um ato muito importante para a Cooperativa, que contou com a presença de diversas autoridades, entre elas o diretor da VFRGS, Dr. Augusto Pestana; o bispo de Santa Maria Don. Ático Eusébio da Rocha, os irmãos Ribas e membros da diretoria da Cooperativa e também de 2.000 populares (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Após a inauguração, no dia 1º de outubro os aprendizes iniciaram suas atividades nas novas instalações.

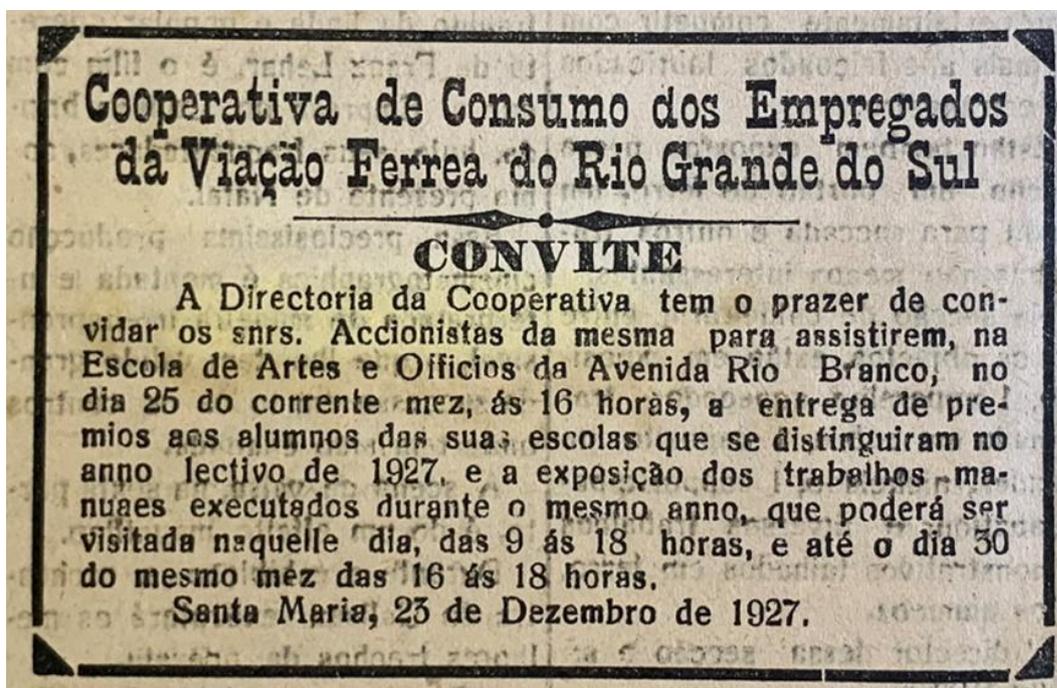
Figura 07 - Inauguração das oficinas



Fonte: (COOPFER, 1925)

O ano de 1926 iniciou, com 273 matriculados, sendo que os alunos do curso profissional passaram a receber refeições pois demandavam de mais energia no exercício de suas tarefas (COOPFER, 1927). Neste ano ocorreu uma nova divisão dos cursos, que agora somados totalizavam 9 anos, sendo 3 anos do curso primário, 3 do preparatório e 3 anos correspondendo ao curso técnico, este tinha a carga horária de 4 horas diárias, entretanto por haver pouca procura o curso noturno, destinado a adultos, o mesmo foi suspenso (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Também em 1926 ocorreu a inauguração da secção de fundição, que passa a trabalhar com ferro e bronze, sendo que, desta forma a secção industrial da escola passou a ser uma das mais bem equipadas do estado, fato que verificou o presidente eleito do estado, Sr. Getúlio Vargas, quando visitou a Escola nos últimos dias de dezembro, presenciando a primeira exposição dos trabalhos realizados nos cursos profissionais da Escola de Artes e Ofícios, secção masculina (COOPFER, 1927). Segundo o relatório, tais exposições ocorriam entre os dias 25 e 31 de dezembro e eram amplamente divulgadas nos jornais e recebendo de todos uma avaliação muito positiva.

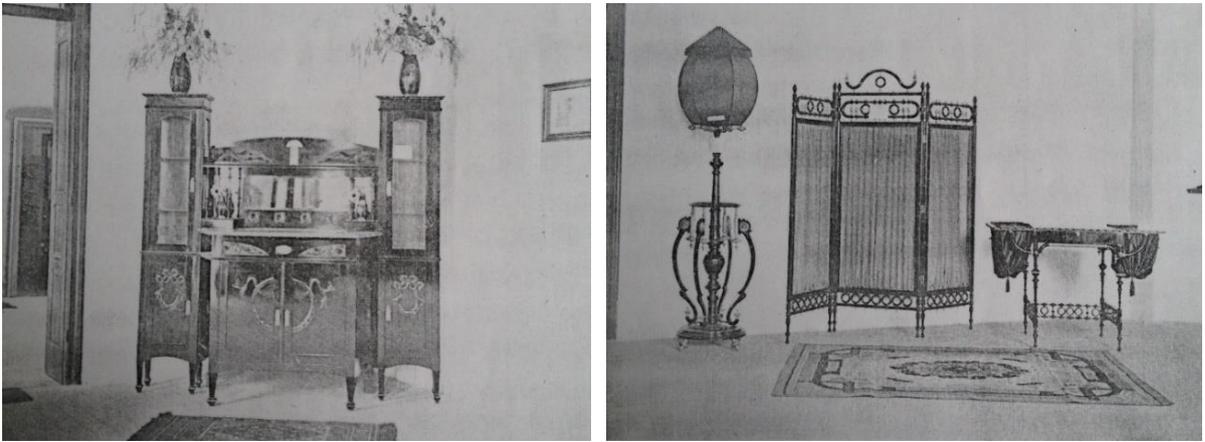
Figura 08 - Convite para a entrega de premiações e exposição de trabalhos manuais



Fonte: (ESCOLA de Artes e Ofícios, 1927, p. 2).

O convite publicado na segunda página do jornal Diário do Interior de 25 de janeiro de 1927 confirma as informações do relatório do ano anterior, e mostram o evento como uma constante que estava se formando no calendário de eventos culturais da cidade de Santa Maria.

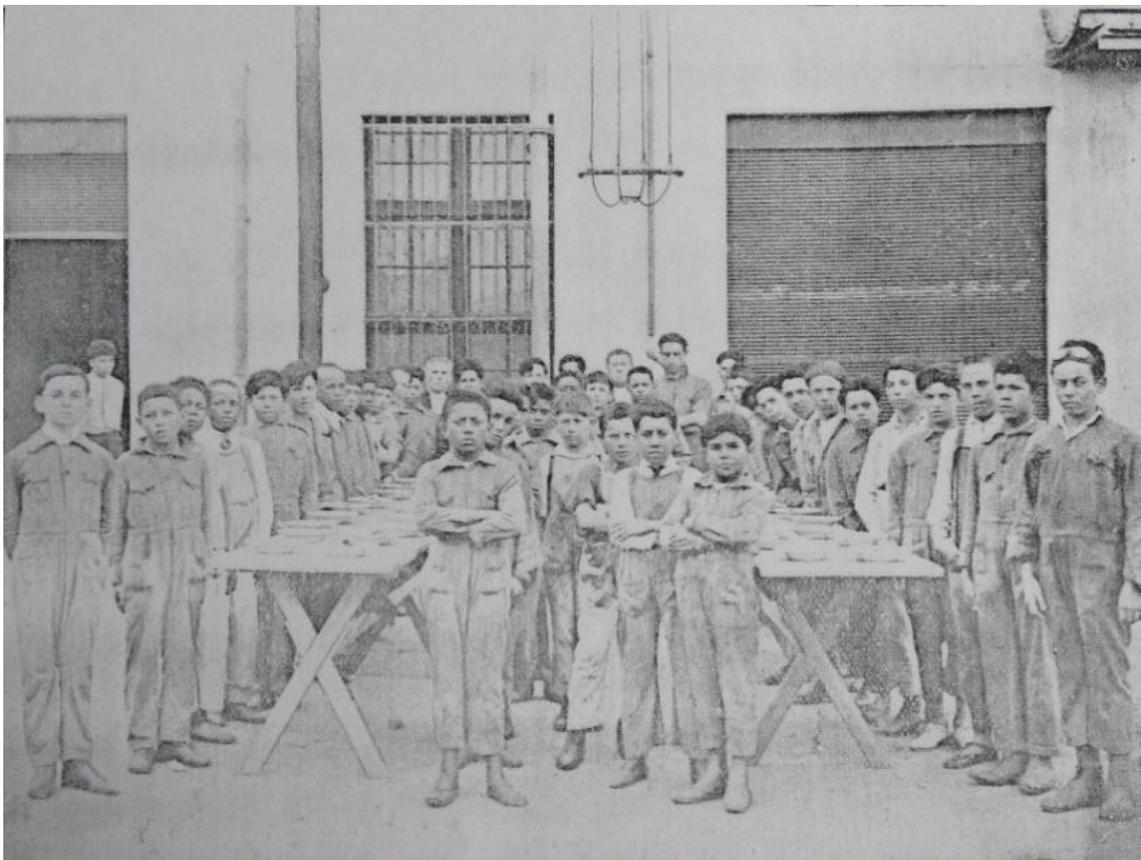
Figura 09 – Exposição de 1926: secção de marcenaria e secção de torneiros em madeira



Fonte: (COOPFER, 1927).

A diretoria faz ainda referência ao atendimento realizado pelo Gabinete Dentário, que realizou 1.709 procedimentos, entre restaurações, obturações e extrações (COOPFER, 1927).

Figura 10 - Sopa aos alunos que trabalham nas oficinas



Fonte: (COOPFER, 1927).

O jornal Diário do Interior de 25 de janeiro de 1927 trazia a festa de encerramento da Escola de Artes e Ofícios como destaque, no centro da página e informava que a festa de encerramento teria início às 16 horas daquele dia, e a exposição estaria aberta ao público a partir das 9 horas. O jornal noticia que haviam 8 seções técnicas em funcionamento, sendo elas: marcenaria com direção do “mestre L. Georgete e tendo como contra-mestre Adeodato Lobato”; estofaria, com direção de Lybio Cardoso; fundição comandada por Lourenço Shultz; eletricidade, por Juvenil Machado; ferraria, com Mauricio Carvalho; caldearia por Willy Wilky; tornearia por Roberto Romano; escultura e pintura, por F. G. Lobe, sendo que todas foram fartamente elogiadas pelo jornal após a visita que ocorreu no dia anterior a abertura da exposição e acompanhada por Manuel Ribas, então diretor comercial da Cooperativa (DIÁRIO DO INTERIOR, 1927, p. 1).

A importância do evento que representava a concretização dos esforços dos ferroviários cooperativados com a inauguração da Escola de Artes e Ofícios e a importância da Cooperativa era notável, e percebida nas reportagens que seguiram tratando do tema. O jornal 27 de dezembro traz uma descrição detalhada dos objetos que estavam em cada uma das seções masculina e feminina, que participavam da exposição, sendo que a seção de marcenaria ocupava 6 salas.

3ª sala – 1 finíssima mobília de louro para sala de jantar, composta de 1 bufete, 1 étagér, 1 mesa elástica e seis cadeiras, tendo essas peças como escultura um cacho de uva; 1 terno de couro vermelho, salão Oxford, com grande sofá e 2 poltronas; outro terno salão Moderno, de couro verde; 1 lindíssima mesa de centro feita de guajuvira e nó de pinheiro com armação de metal (ESCOLA, 1927, p. 2).

O jornal destaca ainda que antes da cerimônia foram distribuídos presentes para todos os alunos da AEO e, que estes presentes foram ofertados pelas empresas que forneciam produtos a Cooperativa.

No ano seguinte, a exposição que ocupava todas as salas da EAO, teve início dia 17 de dezembro, e encerramento dia 25 do mesmo mês e, novamente no primeiro dia houve a formatura dos alunos e a entrega dos prêmios aos destaques (ESCOLA, 1928, p.1). Novamente a exposição foi muito elogiada,

A impressão dos visitantes, ao percorrerem o recinto da exposição, era de surpresa e de justificado orgulho bairrista, por possuímos em nossa cidade um estabelecimento que suplanta em organização e aproveitamento os seus congêneres da América do Sul (ESCOLA, 1928, p. 1).

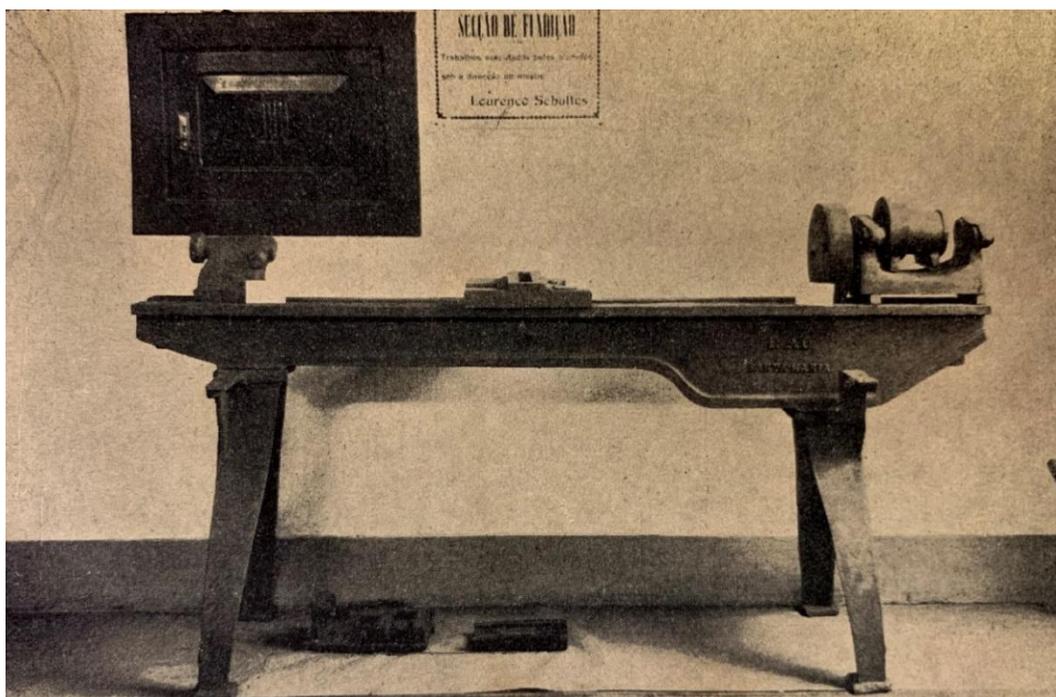
Como no ano anterior os objetos em exposição foram detalhados, porém desta vez ocuparam as páginas do jornal nos 3 dias posteriores. Nos anos seguintes a exposição da Escola de Artes e Ofícios continuou em destaque na mídia da cidade, que discorria elogios a produção dos jovens artífices enquanto detalhava os pormenores dos objetos e listava os alunos que recebiam destaque pela qualidade dos trabalhos apresentados.

Toda a vez que o anno se approxima do seu termo, Santa Maria assiste um espectuculo grandioso que bem revela os resultados estupendos e os fructos opimos germinados no terreno dadivoso do cooperativismo bem orientado e consciente das suas finalidades.

Queremos nos referir á exposição dos trabalhos executados no decorrer do anno em curso, nas modelares oficinas da Escola de Artes e Officios mantida pela Cooperativa dos Empregados da Viação Ferrea.” (ESCOLA, 1934, p. 1).

No ano de 1929 se matriculou no internato da escola o filho de Adelino Camargo, Iberê Camargo, que teve a oportunidade de iniciar seus estudos na EAO e acabou por destacar-se internacionalmente como pintor. Assim, o número de alunos seguia aumentando, tal como a estrutura física e material da Escola, que recebia constantemente novos equipamentos importados da Europa, local de onde também vieram extensas coleções de livros para a biblioteca (COOPFER, 1929).

Figura 11 – Torno para madeira construído nas oficinas da EAO.



Fonte: (COOPFER, 1933).

Neste período, os artífices da EAO já haviam alcançado um elevado nível de destreza, o que possibilitava que maquinários e equipamentos complexos fossem inteiramente construídos dentro das oficinas e envolvendo diferentes secções, como descreve Gaida:

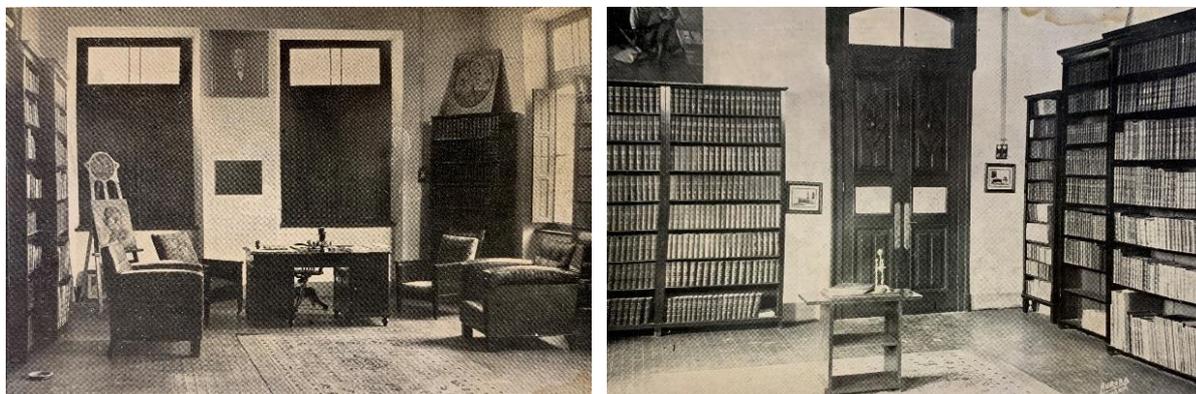
Por exemplo, para fundir uma determinada peça que seria utilizada para a fabricação de uma serra circular. Primeiro um aluno da oficina de escultura em madeira deveria fazer um modelo da peça em madeira. Depois um aluno da modelagem, utilizando este modelo, faria uma forma em argila através do sistema de prensagem. A forma em argila iria para a fundição onde seria feita a peça em metal. Após ela seria encaminhada para a usinagem que se encarregaria de limpá-la, retirar as rebarbas, fazer os furos etc. O acabamento final seria feito pelos ajustadores que se encarregariam de montar a máquina. Assim todas as oficinas deviam trabalhar em perfeita sintonia, portanto era fundamental que os alunos conhecessem não só o seu trabalho como o trabalho desenvolvido por seus companheiros. (GAIDA. In: PEREZ 1998).

No ano de 1930 a biblioteca “Dr. Vauthier” contava com 2.291 exemplares e foi visitada 1.986 vezes dentre os 354 alunos matriculados (COOPFER, 1931). A grande quantidade e qualidade dos livros disponíveis na biblioteca em parte se dava por sua origem, como é relatado a seguir:

mais um passo gigantesco deu para frente a Escola, graças à generosidade, ao espírito altruístico e cristão da Exma. Snra. D. Conceição Ribas que cedeu, para gozo dos sócios da Cooperativa e de seus filhos, ricos remanescentes da magnífica biblioteca do falecido Dr. Gustavo Wauthier (IRMÃOS MARISTAS, 1976, p. 283).

A biblioteca era anexa a secretaria da Escola, se destinando exclusivamente à consulta local e cabia ao secretário as tarefas de catalogação e preservação do acervo da biblioteca (Cooperativa, Regimento Interno da EAO).

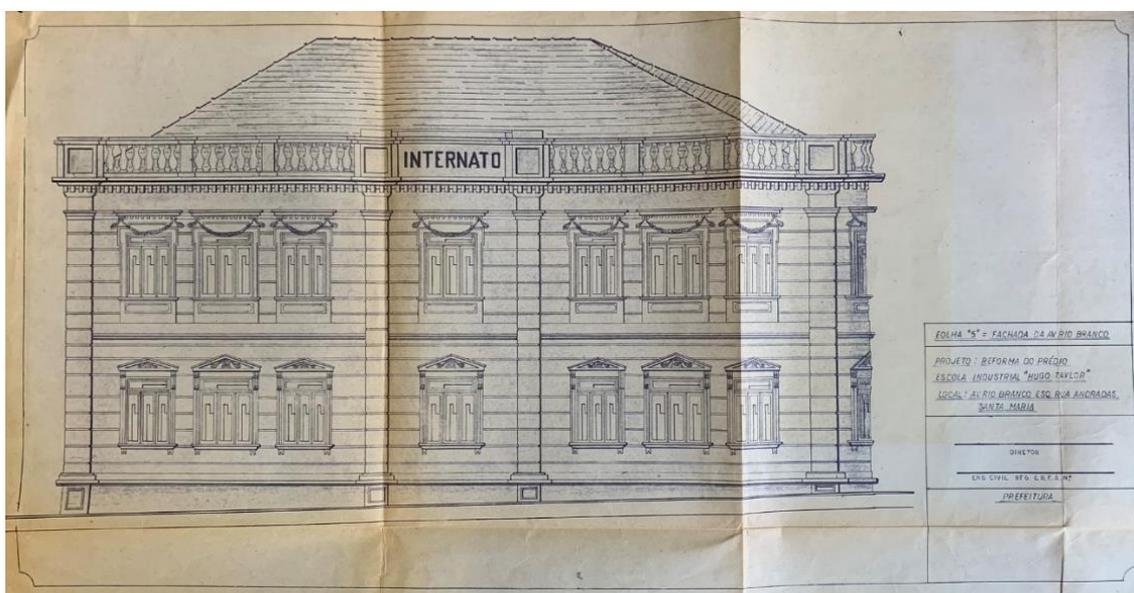
Figura 12 - Biblioteca Dr. Vauthier



Fonte: (COOPFER, 1933).

Já no ano de 1932 a escola passou a complementar o ensino com a Instrução Militar, a qual era realizada pelo “1º Tte. Frederico Guilherme Klum, sendo a turma constituída de 19 alumnos, que se achavam em idade para se habilitarem como reservistas do glorioso Exército Brasileiro”. (COOPFER, 1933, p. 14). No ano seguinte a Escola de Artes e Ofícios, após ter sido convidada a participar da Exposição-Feira do estado de São Paulo, recebeu a “grande medalha de ouro”, consagrando a qualidade do ensino prestado aos filhos dos ferroviários, ainda em 1933, a EAO participou de uma exposição no estado do Paraná (COOPFER, 1934).

Figura 13 – Projeto: Reforma do Prédio Escola Hugo Taylor



Fonte: (COOPFER, [1958?]).

Devido a grande procura e necessidade de receber alunos externos, outra etapa do projeto inicial da Escola foi colocada em andamento, a construção do edifício internato, localizado na Avenida Rio Branco 732, esquina com a Rua dos Andradas e seguia a mesma estética do prédio principal da Escola, tendo sua construção iniciada em maio de 1930 e a inauguração⁸ ocorrida dia 15 de março de 1932, já sendo ocupado por 95 alunos⁹ internos que se somavam aos 350 alunos externos (IRMÃOS MARISTAS, 1976). No edifício havia¹⁰ uma pequena, porém, bela capela, cujas obras foram trazidas da França, a capela recebeu a benção

⁸ A averbação da construção ocorreu apenas em 24 de maio de 1957, por necessidade da reconstrução do edifício danificado por um incêndio no ano de 1954. Outros detalhes do ocorrido serão abordados na página 43 desta dissertação.

⁹ A capacidade do internato era de 100 alunos.

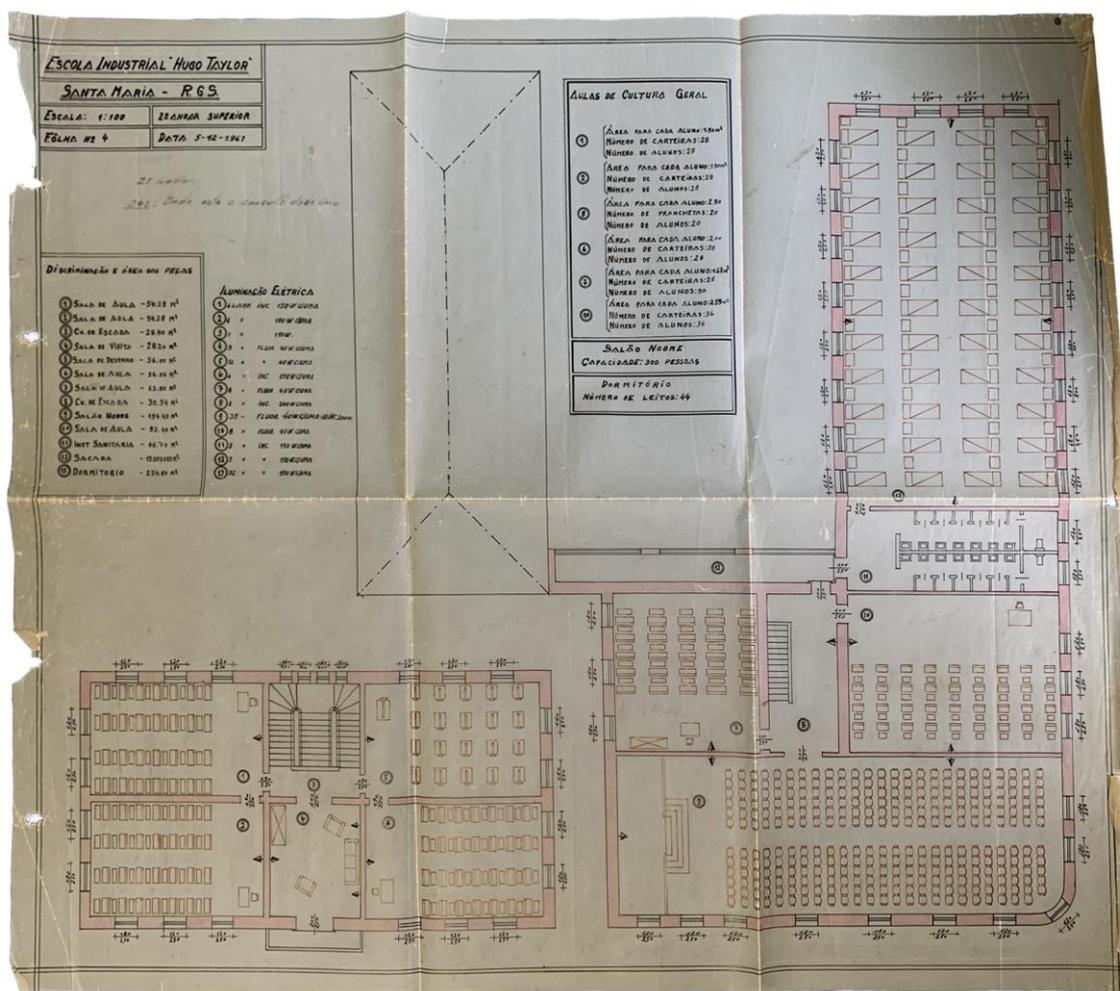
¹⁰ Havia também além dos espaços descritos uma barbearia.

da igreja em 20 de setembro de 1932 e era atendida por um padre capelão que residia na Escola (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

No registro de averbação da construção, consta que

“no sub-sólo existem quatro peças (salas e sanitários), no primeiro piso existem dez peças (salas de aulas, cozinha, copa e sanitários); no segundo piso existem dez peças (capela, salas de aulas, corredores e patamar com sacada de acesso ao terceiro piso) e no terceiro piso existem seis peças (salas de aulas, dormitórios, banheiros com sanitários e patamar com ponto terminal da escada de acesso do piso anterior) (SANTA MARIA, 1957a).

Figura 14 - Planta do segundo pavimento da Escola Industrial Hugo Taylor em 1961



Fonte: (COOPFER, 1961b).

Para concorrerem às vagas no internato, os alunos submetiam sua inscrição a uma comissão avaliadora, que em 1939 utilizou a seguinte base para classificação:

- 1º) – Idade do candidato: de 10 a 11 anos, um ponto; de 12 a 13 anos, um e meio e de 14 a 15 anos, dois pontos.
- 2º) – Numero de filhos: de 1 a 2 filhos, um ponto; de 3 a 5 filhos, um e meio e de 6 em diante, dois pontos.
- 3º) – Vencimentos: até 300\$000, dois pontos; de 301\$000 a 500\$000, um e meio e de 501\$000 em diante, um ponto.
- 4º) – Localidade: Completamente desprovida de recursos escolares, três pontos; onde existem escolas ou contratos, um ponto e cidades completamente providas de recursos escolares, 0 (zero) ponto.
- 5º) – Tempo de associado: até 3 anos, meio ponto e de 3 anos em diante um ponto. (COOPFER 1939 julgamento matriculas).

Cabe aqui salientar que as características presentes na fundação da Cooperativa se mantinham presentes nos critérios de avaliação para ingresso no Internato da Escola, os quais buscavam beneficiar famílias de ferroviários que possuíssem maior número de filhos, que por si só já onerava o trabalhador; ferroviários com renda mais baixa; localidades com menos recursos escolares, sendo que a Cooperativa investia na criação das Escolas Turmeiras¹¹, que justamente atendiam localidades afastadas formadas por ferroviários. Outro ponto relevante do relatório do Julgamento de Matrículas é a preferência por alunos que optavam por realizar cursos técnicos na Escola, no caso o relator sugere que um aluno inscrito em curso técnico seja escolhido para uma das vagas, mesmo tendo obtido meio ponto a menos que outro inscrito apenas para o curso regular.

Figura 15 - Enxoval dos alunos internos

E N X O V A L	
Que cada aluno interno na Escola de Artes e Ofícios " HUGO TAYLOR" deve possuir :	
2) Fardamento completo (feito na Escola)	1 Chapéu ou boné para passeio
2) Fatiotas leves	3 Lençóis de 2,30 x 1,30 mts. no mínimo .
1 Cepa ou sobretudo	3 Frenhas de 0,40 x 0,50
3 toalhas de rosto	2 Toalhas de banho
6 Camisas	1 Pente grosso
6 cuécas	1 Pente fino
8 Lenços	1 Escova para dentes
6 Pares de carpins	1 Escova para calçados e pasta
1 par de chinelos	1 Copo de alumínio, para dentes
2 Pares de botinas, pretas , fortes	Pasta para dentes e sabonetes.

Santa Maria, Fevereiro de 1942

DEPARTAMENTO DE ENSINO E EDUCAÇÃO .

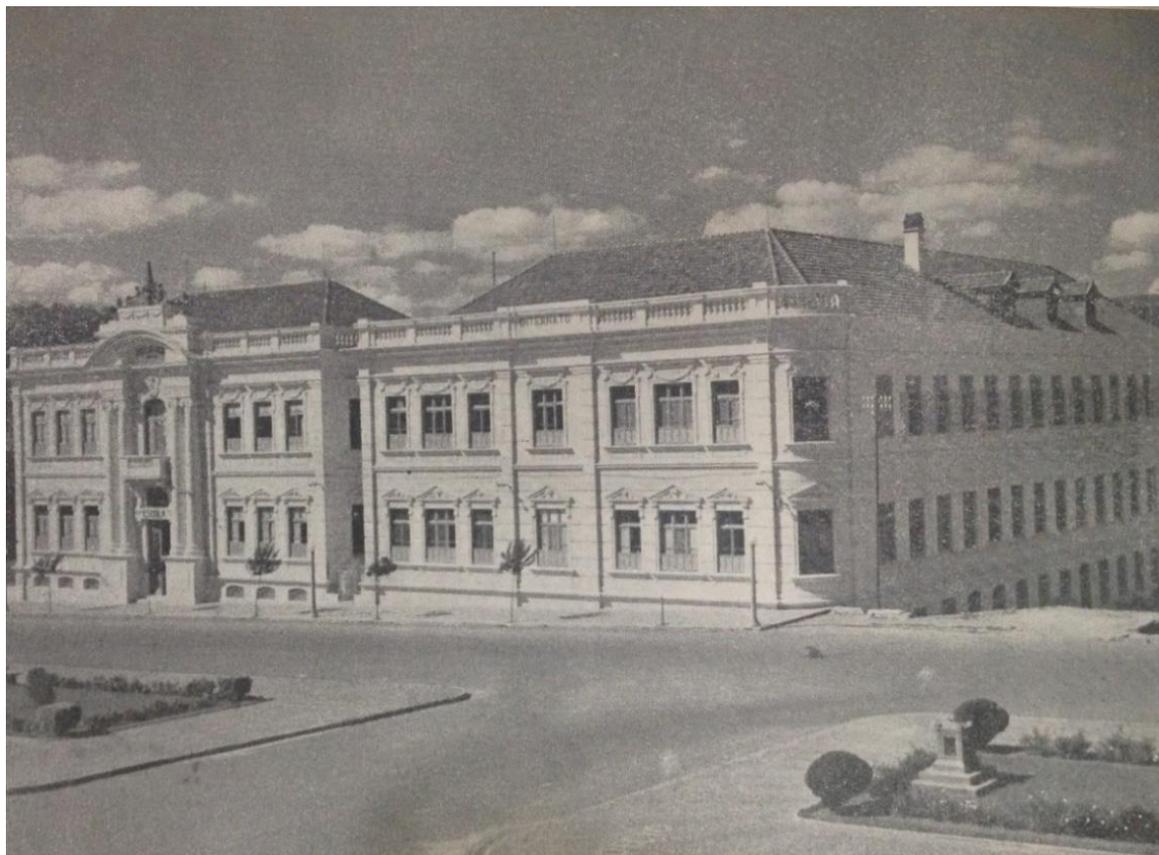
Fonte: Acervo do AHMSM.

¹¹ Para maiores informações sobre escolas Turmeiras ver Máximo (1979).

No período de férias, o edifício do Internato era utilizado anualmente para os Congressos Pedagógicos, nos quais participavam todos os professores da rede de escolas da Cooperativa, para uma semana de orientações e atualizações das práticas educacionais, o evento ocorria por iniciativa do Irmão José Estanislau (MÁXIMO, 1979).

Em 1938 haviam onze secções de ensino profissional, sendo elas marcenaria, ajustagem, eletricidade, torno de madeira, torno mecânico, fundição, autor, entalhe, oxigênio, estofaria, pintura e, após a compra de maquinário específico, passou a funcionar a secção de tipografia, sendo este o primeiro ano no qual o relatório anual da Cooperativa foi impresso pela mesma (COOPFER, 1939). A Tipografia começou a operar no dia 8 de outubro de 1938, e em maio do mesmo ano as oficinas tornaram-se uma secção independente da Escola (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Esta separação buscava aumentar a produção das oficinas, e consequente o aumento da receita para manutenção da mesma¹².

Figura 16 - Edifícios da Escola de Artes e Ofícios e Internato



Fonte: (COOPFER, 1955).

¹² Oficialmente, esta medida se deu apenas em 1955, com a criação do setor industrial.

Já no ano de 1940, em 20 de maio, o curso de telegrafia passou a ser oferecido na instituição que contava com 13 secções técnico-industriais, sendo elas marcenaria, eletricidade, ajustagem, oxigênio, ferraria, tornearia em madeira e modelagem, tornearia em ferro, fundição, estofaria, escultura em madeira, tipografia, pintura industrial e reparação automotiva, também em maio do mesmo ano realizou-se na EAO um Congresso Eucarístico Infantil, no qual participaram 800 dos 806 alunos matriculados na Escola (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Ainda no ano de 1940 os alunos passaram a usar guarda-pó, sendo que a aquisição dos mesmos era dever do cooperativado e sua compra poderia ser realizada a prestações nos armazéns da Cooperativa (COOPFER, ofício 39/86, 1939).

No ano anterior (1939) o telhado e último andar do Internato necessitou ser reconstruído, desta forma as aulas foram suspensas em outubro e pela mesma razão a tradicional exposição anual dos objetos produzidos nas Oficinas da Escola, que neste ano contavam com 150 aprendizes e 22 funcionários, não pode ser realizada nas dependências da mesma, no entanto a produção foi exposta na 3ª Exposição Estadual Agropecuária, que ocorreu em novembro (COOPFER, 1940b, p. 4). Nesta, a Cooperativa foi destaque, e recebeu pelo conjunto o Grande Prêmio, da mesma forma as secções de marcenaria e eletricidade também receberam o grande prêmio e as demais secções o 1º prêmio. No ano seguinte o número de aprendizes subiu para 162, distribuídos entre as 13 secções técnicas.

No relatório de 1941 é feita a primeira menção a Hugo Taylor, sendo a escola referida como Escola Masculina de Artes e Ofícios <Hugo Taylor> (COOPFER, 1941).

Conforme José Antônio Brenner, historiador autodidata de Santa Maria, consta em Ata de Assembléia Extraordinária do Sindicato Cooperativista da VFRGS, de 2 de Janeiro de 1914, a proposição de Hugo Taylor como denominação de uma futura escola a ser criada pela cooperativa, como homenagem ao Engenheiro Diretor da Brazil Railway. (FLÓRES, 2008, p. 318).

Embora ofícios da Cooperativa demonstrem que em 1940 e 1941 a Cooperativa tenha encaminhado para o Governo Federal pedidos de Subvenção com o objetivo de criar um curso de aperfeiçoamento para os alunos formados nos cursos técnicos, segundo Irmãos Maristas (1976), em 1942 a Escola já sentia os efeitos das reduções nas verbas e por esta razão o 1º e 2º anos do ensino primário não foram mais oferecidos e o 3º ano foi suprimido em 1943, sendo que sua demanda foi suprida pelo ensino municipal (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

Em 22 de janeiro de 1942 o Conselho de Administração da Cooperativa sinaliza que futuramente a manutenção da EAO se tornaria incompatível com os novos interesses que se mostravam crescentes na Cooperativa.

“Todavia, si se preservar na idéia da venda por baixo preço, embora fique prejudicada a obra educacional da Cooperativa, talvez a que constitue seu maior pendão de glórias, os ferroviários de Santa Maria, não sofrerão maior prejuízo, porquanto o Estado e o Município possuem escolas suficientes para serem matriculados todos os alunos das escolas da Cooperativa.

Quanto à Escola de Artes e Ofícios, poderia ser encampada pela Viação Férrea, pois como sabeis é pensamento de seu digno Diretor a criação de escolas técnicas para os diferentes ofícios ferroviários.

É sem dúvida dolorosa a multilação da maior obra do cooperativismo em terras americanas (...) (COOPFER, 1942a)

Independentemente do parecer apresentado pelo Conselho de Administração, e das novas linhas de pensamento que permeavam a Cooperativa, os ideais educacionais permaneciam intocados e o Programa dos Aprendizes para 1942¹³ trazia os conhecimentos que seriam adquiridos em cada um dos anos do curso, embora demonstre a preocupação com os custos de manutenção das aulas práticas ao salientar que “Os mestres procurarão habituar os alunos a máxima economia do material e da ferramenta”. (COOPFER, 1942b).

Ainda no decorrer do ano de 1942, em meio ao cenário da Segunda Guerra Mundial, aconteceriam fatos que melhorariam as expectativas dos dirigentes em relação ao Ensino Industrial, praticado na EAO. O primeiro deles foi o decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, que tratava da “Lei Orgânica do Ensino Industrial”, seguido pelo decreto-lei 4.119, de 21 de fevereiro de 1942, que trata da execução da Lei Orgânica do Ensino Industrial e traz um capítulo intitulado “Do Ensino Industrial de Emergência”. O capítulo trata da necessidade de formar profissionais qualificados e para tal o ensino deveria ocorrer de forma intensiva e contínua. Em 16 de julho, do mesmo ano, através do decreto 10.009 foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que tinha objetivo de pautar o ensino profissional no país e auxiliar no desenvolvimento de novas tecnologias, isto levou a Diretoria da Cooperativa a solicitar, em 23 de dezembro de 1942, a equiparação da Escola de Artes e Ofícios como uma Escola Técnica.

E em 21 de novembro, após o Brasil declarar guerra à Alemanha e Itália, o decreto 4.982 “Dispõe sobre a organização do ensino industrial de emergência e sobre a transformação dos estabelecimentos em centros de produção industrial para atender as exigências da guerra”.

¹³ ANEXO A - Programa dos Aprendizes para 1942.

Em meio a estes acontecimentos, através do Decreto-Lei 11.911, de 17 de março de 1943, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, decreta:

Art. 1º É concedido reconhecimento à Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor, mantida e administrada pela Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com sede na cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º O estabelecimento de ensino industrial de que trata o artigo anterior passa a denominar-se Escola Industrial Hugo Taylor.

Art. 3º O reconhecimento concedido pelo presente decreto é delimitado aos seguintes cursos do ensino industrial básico: 1º Curso de fundição. 2º Curso de serralharia. 3º Curso de mecânica de máquinas. 4º Curso de máquinas e instalações elétricas. 5º Curso de carpintaria. 6º Curso de marcenaria. 7º Curso de alfaiataria. 8º Curso de corte e costura. (BRASIL, 1943).

Entretanto Lima (1990), que destaca o empenho empreendido no estado do Rio Grande do Sul em instalar escolas de Artes e Ofícios no estado, a iniciativa representava o interesse em industrializar o estado e gerar mão de obra especializada para as indústrias a serem criadas, desta forma causa estranheza o abandonado percebido após a Segunda Guerra Mundial, fato que gerou o desmonte deste tipo de instituição.

Este fato se deu, pois, o esforço de guerra nacional não chegou a afetar as Escolas Industriais, e por esta razão não foram alocados recursos Federais na Escola de Artes e Ofícios e assim, buscando equilibrar as despesas financeiras, a assembleia da Cooperativa optou por industrializar as oficinas da Escola de Artes e Ofícios (COOPFER, 1945). Desta forma as oficinas e seu maquinário seriam utilizados não apenas para aprendizado dos alunos, mas gerariam renda com a produção seriada de móveis, com objetivo de custear a manutenção da Escola através da venda da produção realizada por funcionários e estudantes. O mesmo relatório aponta que no ano de 1944 as vendas das oficinas da AEO obtiveram um aumento significativo impulsionado por compras realizadas pela VFRGS, como consequência dos investimentos realizados pela Coopfer. No mesmo ano, conforme o relatório, o número de alunos ainda se mantinha baixo, sendo apenas em número de 185. A redução ocorreu após a alteração curricular sofrida em 1943.

Neste ano a estrutura da Escola era formada por dois edifícios que atendiam às salas de aula, administração e internato e também 18 salões, estes com mais de 2500m² dedicados ao ensino técnico e para atender aos alunos, segundo o autor, a escola contava com cerca de doze professores contratados e também irmãos maristas (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Ainda

segundo o autor, no dia 7 de abril de 1943 foi criada a Escola de Aprendizizes da Viação Férrea¹⁴, que funcionava em salas da EAO emprestadas à VFRGS.

Em 1946 as oficinas industriais da Escola apresentaram saldo positivo (COOPFER, 1947), no ano seguinte a escola completava 25 anos de sua fundação com 228 alunos matriculados (COOPFER, 1948).

Uma crise econômica afetou o comércio e as operações da Viação Férrea no ano de 1948, refletindo negativamente sobre as vendas de produtos realizadas pela Escola, pois a Viação que fazia vultuosas aquisições, as cessou, enquanto da mesma forma os cooperativados que adquiriam os produtos confeccionados pela cooperativa passaram a restringir os gastos (COOPFER, 1949). Desta forma onerando o fundo de beneficência, que era o mantenedor das escolas da Cooperativa, entretanto o posicionamento da diretoria da Cooperativa se manteve o mesmo pelo segundo ano consecutivo:

A secção Oficinas como parte indispensável e complementar ao ensino técnico profissional, não pode ser suprimida de uma Escola Industrial.

Daí o mérito da nossa Escola Industrial, que sem subvenções dos poderes governamentais, vem preparando artífices filhos de ferroviários, para que possam, amanhã ser úteis a coletividade. (COOPFER, 1948).

Após realizar alterações no funcionamento das oficinas, cortes de pessoal e ajustes na produção, agora incluindo móveis seriados, em 1950 as oficinas alcançaram novamente saldo positivo no encerramento do ano com o novo Chefe das Oficinas, Dr. Fernando Neumaier (COOPFER, 1951), sendo que o resultado do ano seguinte foi ainda melhor, segundo COOPFER (1952) e se manteve positivo em 1952 (COOPFER, 1953a), porém voltando a ser negativo no período de 1953 (COOPFER, 1954), devido ao aumento dos salários dos funcionários.

Em 1953 o Curso Industrial se dividia em duas partes, a primeira, Cultura Geral englobava as disciplinas de Português, Matemática, Ciências Físicas e Naturais, História do Brasil e Geografia do Brasil e contava com 8 professores para ministrar tais disciplinas, já a segunda parte, Cultura Técnica, contava com 6 professores que ministravam as disciplinas de Desenho Técnico, Tecnologia e Prática de Oficinas (COOPFER, 1953b). A Prática de Oficinas por sua vez se dividia em três cursos, sendo eles: Curso de Marcenaria, com 39 aprendizes, orientados pelos professores Waldemar Felkl e Roberto Romano na Secção de Torno (madeira); Máquinas e Instalações Elétricas, com 46 alunos e com o Professor Victor Krönning; Mecânica

¹⁴ Percebe-se um contraponto entre a falta de investimentos para a criação de novas escolas industriais por parte do governo, em relação a criação da escola de Aprendizizes da VFRGS.

de Máquinas, com 66 estudantes distribuídos nas secções de Ajustagem, Forja e Torno Mecânico, sendo os respectivos professores, Alcides Schneider Höehr e Reinaldo Hörter.

O relatório ainda faz críticas a Diretoria da Cooperativa, pois embora a Escola possuísse grande área, parte dela ainda estava emprestada a Escola de Aprendizes da VFRGS e outros setores da Cooperativa e, “com isso não temos salas bastante para satisfazer às exigências pedagógicas dum estabelecimento de ensino do renome da “antiga Escola de Artes e Ofícios” (COOPFER, 1953b, p. 6).

Figura 17 - Incêndio Hugo Taylor



Fonte: (COOPFER, 1955).

No dia 20 de outubro de 1954 um incêndio de grandes proporções atingiu o Internato da Escola, como, na data, não havia corpo de bombeiros na cidade de Santa Maria, o prédio foi consumido pelas chamas que afetou o edifício das oficinas, as quais sofreram danos substanciais (COOPFER, 1955), o sinistro, que iniciou no final da tarde, consumiu “grande ala do prédio da Escola que comportava as salas do Museu, Capela, Dormitórios, Refeitórios, estudos dos internos e outras dependências” (COOPFER, 1960b, p. 2) e segundo consta no Cartório do Registro de Imóveis de Santa Maria, apenas o subsolo, uma peça no primeiro andar e outra no segundo não foram atingidas pelo incêndio.

Figura 18 - Incêndio Hugo Taylor



Fonte: (COOPFER, 1963).

No ano seguinte foi criado o Setor Industrial, que passou a gerir todas indústrias da Cooperativa, que na época eram a fábrica de café, a fábrica e confecções, a fábrica de sabão e as oficinas da Escola Industrial Hugo Taylor, que passaram a ter apenas três secções, Tipografia, Marcenaria, e a última Mecânica e Eletricidade, que encapou as Secções de Fundição, Eletricidade, Ajustagem, Torno Mecânico e Ferraria enquanto na Escola três cursos estavam disponíveis aos alunos: Marcenaria, Máquinas e Instalações Elétricas e o último Mecânica de

Máquinas (COOPFER, 1957b). Funcionando dentro do Departamento Industrial a única seção da Escola que apresentou déficit foi a Manutenção, sendo que a marcenaria foi a indústria que mais apresentou lucro no ano de 1957 (COOPFER, 1958).

Em 19 de janeiro de 1957 a Diretoria do Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura assinou o contrato destinando CR\$ 945.000,00 para obras e aquisição de equipamentos para a Escola Industrial Hugo Taylor, sendo que o uso da verba e acompanhamento da obra estavam a cargo da Cooperativa, que recebeu o valor em 29 de julho do mesmo ano (1957 contrato). Em 16 de abril, através da lei nº3.122 o presidente concedeu “crédito especial de CR\$ 10.000.000.000 (dez milhões de cruzeiros), destinados a atender as despesas com a reconstrução da Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor, de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, recentemente destruída por incêndio” (Lei 3.122). Valor recebido através do Banco do Brasil em setembro.

Em posse dos valores, foi publicado um chamamento para que os interessados em realizar a reconstrução do edifício encaminhassem suas propostas, assim 6 propostas foram recebidas pela Cooperativa, sendo escolhida a de Paraguassú Flores, proposta mais vantajosa, tendo a reconstrução do prédio do internato iniciado no dia 09 de novembro.

No final de 1958 as oficinas já operavam quase integralmente e com novas e modernas máquinas (COOPFER, 1959), entretanto a inauguração oficial do espaço reconstruído¹⁵ se deu apenas em 06 de janeiro de 1960 (COOPFER, 1961a), sendo que a “sua reconstrução obedeceu aos ideais dos fundadores da Cooperativa, na convicção e sadia demonstração de altruísmo, no devotamento à causa de benemerência que forma a base moral do cooperativismo.” (COOPFER, 1960b).

No que se refere ao reequipamento das oficinas, com a orientação de técnicos do departamento industrial (Benoní Correia e Celso Avancini) foram compradas as máquinas de que mais necessitávamos, num total de 19 ou sejam: dois tornos, grandes, 6 tornos pequenos, uma plaina de mesa, um aparelho de solda elétrica, uma máquina rejusta, duas máquinas de furar, dois esmerís de bancada, uma máquina retífica para tórno, um aparelho de soldar serra-fita, um aparelho de solda-ponto e uma tesoura combinada. Parte destas máquinas ainda não foram instaladas, devido à falta de espaço nas oficinas. (COOPFER, 1957c).

O relatório solicita ainda a ampliação e reforma completa das oficinas e também a criação do curso de Artes Gráficas, bem como aquisição de maquinários específicos para o funcionamento do curso. Este ponto é interessante, pois segue o movimento ocorrido nas escolas de artes e ofícios de outros países, como é trazido por Lima (1990), buscando

¹⁵ Após o incêndio, até a reconstrução do internato, as formaturas foram realizadas no Centro Cultural da cidade.

transformar tais escolas em cursos de Desenho industrial, entretanto, a autora salienta que, no Brasil o movimento foi em direção oposta, levando ao desmonte destas instituições.

Segundo consta no documento denominado Operação Coopfer encaminhado em 1965 à United States Agency International Development (USAID), no ano de 1965, haviam 26 professores no quadro de educadores do Ginásio Industrial Hugo Taylor, sendo que 14 estavam encarregados do chamado curso de Cultura Geral e o restante do Curso de Técnica Profissional. Seriam ainda captados recursos junto ao Ministério da Educação e Cultura para realizar o “Reaparelhamento técnico e pedagógico do Ginásio Industrial “Hugo Taylor” e “Fornecimento de bolsas de estudos para os filhos dos ferroviários”. Entretanto a Cooperativa não obteve sucesso junto a USAID.

No dia 31 de dezembro de 1967, os Irmãos Maristas rescindiram o contrato com a Cooperativa, assim em 1968 assumiu o primeiro diretor que não fazia parte da congregação marista, o professor Augusto Cecchin, entretanto, em 1969, foi celebrado outro contrato entre a Cooperativa e os Irmãos Maristas (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

Em 1968, sob tutela de um Interventor Federal, a diretoria da Cooperativa alertava que a “manutenção do Ginásio Industrial <Hugo Taylor>, atribuição voluntário da Cooperativa, no plano do ensino técnico-profissional, [...], já vêm se tornando excessivamente onerosa” (COOPFER, 1968). No mesmo ano a Cooperativa obteve junto a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura do estado do Rio Grande do Sul um auxílio, que iria custear 14 professores de Cultura Geral, 5 de Cultura Técnica, 3 funcionários da Secretaria do Ginásio e 7 funcionários encarregados da limpeza (COOPFER, 1968). Este auxílio foi mantido nos anos seguintes.

Em 1969 as oficinas industriais que estavam sob controle do Setor Industrial voltam a responder ao Hugo Taylor, sendo que este ano estas secções apresentaram prejuízo (COOPFER, 1970). No relatório referente a este ano cita ainda o agravamento da situação da Cooperativa com a incidência do ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias) que até o ano anterior não incidia em transações realizadas por cooperativas. Embora o chefe da Contabilidade Geral da Cooperativa acuse em 1969 que “subvenções e auxílios que vem recebendo para a manutenção do Ginásio Industrial Hugo Taylor, marcam novos rumos administrativos” (COOPFER, 1969b).

No relatório referente à 1970 seguem os ponderamentos acerca do ICM que ainda afeta as finanças da Cooperativa, agravada pela redução de 30.000 empregados da RFFSA nos últimos anos, que naturalmente reflete na redução dos cooperativados (COOPFER, 1971). A redução do número de cooperativados tem como consequência a redução no número de clientes para os armazéns e assim se reduzia o valor destinado ao fundo de beneficência, que financiava

a EAO. No mesmo ano a Secretaria de Educação e Cultura assinou um termo de cooperação com a Cooperativa, formalizando um repasse de verbas para custeio da mensalidade de alunos, com esse acordo, alunos externos à Cooperativa passaram a ingressar na EAO (RIO GRANDE DO SUL, 1970).

Em 1971 “os alunos da Cultura Técnica do Ginásio Industrial Hugo Taylor, fizeram Estágio nestas Oficinas nas seguintes Secções: Manutenção de Máquinas e Instalações Elétricas, Lustro de Móveis, Pintura de Móveis e Tôrno em Madeira” (COOPFER, 1971b).

Em 1972 se matricularam 327 alunos, que já cursaram a nova matriz curricular, instituída em “face da lei nº 5692, de agosto de 1971, foi instituído, no Ginásio, o Ensino Fundamental, que unificou o Curso Primário e o Ginásial, classificando-o como Ensino Fundamental 1º ciclo” (COOPFER, 1973), sendo que a Escola recebia repasses mensais do Governo do Estado, no valor de Cr\$ 50.000,00 para auxiliar no custeio. No mesmo ano as oficinas apresentaram prejuízo de grande monta que dificultaram a compra de matéria-prima. No início do ano seguinte os Irmãos Maristas deixaram definitivamente a direção da Escola de Artes e Ofícios (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

As alterações que estavam se consolidando na organização da Cooperativa se tornava oficial em 1973, quando foram dadas baixas nos registros de diversas atividades econômicas, como a Tipografia, a Fábrica de Móveis de Madeira e Fábrica de Brinquedos de Madeira e do próprio Departamento Industrial, sendo que todas as atividades exercidas nas oficinas da Escola passaram a atuar sobre um único registro: Oficinas do Ginásio Industrial Hugo Taylor (COOPFER, 1973). Desta forma as atividades ali executadas poderiam ser suprimidas ou alteradas de acordo com os interesses e necessidades, pois não eram mais descritas detalhadamente no Cadastro Geral de Contribuintes da Receita Federal.

No ano seguinte a Coopfer reformulou seu Estatuto Social, e nesta reformulação foram retirados os itens que falavam sobre a criação e manutenção de Escolas de Artes e Ofícios, restando apenas o inciso 6º do artigo 2º a tratar acerca da educação: “Manterá instituições escolares destinadas ao desenvolvimento cultural dos associados e seus familiares, condicionado, porém às possibilidades econômicas e financeiras da Sociedade.” (COOPFER, 1974, p. 1).

Com este ato, tornou-se oficial a profunda mudança dos princípios que regiam a Coopfer desde sua fundação e que já eram observadas nas posturas e decisões apresentadas nos relatórios anuais. A Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor> já não estava entre os objetivos da Coopfer e com isto a degradação que a instituição sofreria a seguir já era esperada. Pois somado a isso, o mesmo estatuto traz o artigo 150:

Art. 150 - A Cooperativa deverá procurar, insistentemente, transferir aos Poderes Públicos, com a urgência que se faz necessária, a responsabilidade de ônus de manutenção de sua Rede Escolar disseminada pelo Estado, ou em caso negativo, a consecução da encampação da mesma, tendo em vista, justamente, a comprovada impossibilidade econômica de mantê-la.

§ Único - Se as gestões tendentes à colimação dos objetivos pretendidos neste Artigo resultarem infrutíferas, deverá a Cooperativa, então, sem maior delonga, tomar providências no sentido da extinção pura e simples das unidades escolares que integram referida Rede, ainda que programada paulatinamente com o propósito de evitar um impacto econômico-financeiro de vulto, a curto prazo, à Sociedade. (COOPFER, 1974, p. 25)

Uma consequência direta desta alteração foi a transferência de todas as escolas e grupos escolares que ainda estavam sob o controle da Cooperativa e perfaziam um total de 3500 alunos, para a Secretaria de Educação e Cultura do estado, sendo a única exceção a Escola Industrial Hugo Taylor, a filha diletta da Cooperativa (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Esta transferência se definiu em 20 de novembro de 1974, inicialmente assumida pelo poder estadual, em 1º de janeiro de 1975, foi repassada para os municípios onde se encontravam as escolas, tanto a administração, como as propriedades dos imóveis utilizados para o ensino em 1º de janeiro de 1976.

No final de 1974 a RFFSA fica desobrigada a fazer repasses a Cooperativa cessando-o imediatamente e em 1975 interrompe o auxílio espontâneo que prestava, desta forma a Cooperativa buscou gerar mais vendas para equilibrar as finanças e, aumentar a comercialização dos móveis produzidos pelo Hugo Taylor era uma alternativa, assim em 1975 a cooperativa decide por ampliar o prazo de pagamento de 24 vezes para 36 vezes, para estes produtos, sendo que outras medidas como cursos de aperfeiçoamento para os funcionários das oficinas e diversificação de produtos também foram tomadas (COOPFER, 1975). Porém como é destacado no relatório do ano de 1977 (COOPFER, 1978), não havia mercado para absorver a produção devido a constante redução do número de cooperativados, gerando grande estoque de produtos finalizados.

Embora em declínio a secção de Marcenaria produziu em 1979, conforme relatório de 1980, “30 roupeiros, 30 conjuntos estofados de sofás-camas, 16 camas avulsas, 20 bidês, 10 cômodas, 30 colchões espumas, 40 mesas para T.V., 20 beliches, 50 mochinhos estofados, 10 varandas de fórmica e 10 dormitórios de cerejeira para casal”. (COOPFER, 1980).

No ano de 1982, parte da estrutura do Hugo Taylor é locada para o Instituto Riachuelo pelo período de 5 anos (COOPFER, 1983).

No ano de 1983 estavam matriculados 406 alunos em turmas da 1ª até a 8ª série do 1º grau, embora o número de alunos se mantivesse elevado, as secções de Tipografia e Marcenaria, enfrentavam a falta de materiais e apresentavam resultados negativos. Esta última já em

processo de desativação se limitou a consertos e produção de poucas peças em madeira (COOPFER, 1984).

O ano de 1985 se iniciava e a Escola enfrentava um futuro incerto, logo antes do início do ano letivo, no dia 02 de março, a Diretoria da Cooperativa decidiu pelo encerramento das atividades das oficinas do Ginásio Industrial Hugo Taylor, determinando que funcionasse apenas até a conclusão dos serviços em execução, sendo que a Tipografia deveria ser transferida para o armazém central e lá funcionaria como gráfica (COOPFER, 1985b).

Figura 19 - Oficina desativadas e Serra Fita construída na EAO abandonada.



Fonte: (A ESCOLA, 1986; PEDROSO, 1985).

Não bastasse o fechamento das oficinas a própria Escola corria o risco de encerrar suas atividades,

Depois de ser considerada como uma das melhores escolas profissionalizantes do Estado e ter sido apontada como principal elemento da transformação de Santa Maria como um grande centro estudantil, nome e condição que a cidade tem até os dias de hoje [...]. (PEDROSO, 1985).

Na data haviam 375 alunos, destes apenas 25% eram filhos de Cooperativados ou Ferroviários que ainda podiam optar por fazer curso de marcenaria ou mecânica, embora os recursos fossem escassos e não havia previsão para aquisição de novos materiais (PEDROSO, 1985). Ainda segundo a reportagem 90% do corpo de professores era formado por estagiários da UFSM.

Em outubro do mesmo ano a Cooperativa encaminhou um ofício¹⁶ ao prefeito municipal, afirmando não possuir condições de manter a Escola e, por esta razão solicitava “informações a respeito da futura alienação e demolição do referido prédio”. (SANTA MARIA, 1985). Este questionamento foi encaminhado ao Instituto de Preservação da Memória Cultural de Santa Maria (IPREMEC), que em resposta encaminhou o parecer 072.85¹⁷, elaborado pelo Professor Arquiteto André Petry de Abreu, demonstrando-se contrário a demolição do edifício, inclusive sugerindo a inscrição do Prédio da Escola de Artes e Ofícios no livro tombo da cidade, pois “A destruição deste edifício significaria apagar de nossa memória a importância que a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea teve nesta cidade” (UFSM, 1985).

Em 7 de novembro de 1985 foi encaminhado um projeto de lei que consideraria Patrimônio Histórico o edifício da Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor>, entretanto em 30 de dezembro de 1985, embora tenha sido aprovado de forma unânime em discussão pela Câmara de Vereadores de Santa Maria o projeto que Considerava Patrimônio Histórico do Município a Escola de Artes e Ofícios foi vetado sob a justificativa de que o tombamento do edifício da Escola atrapalharia as negociações que estavam sendo realizadas entre a Cooperativa e a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura (SENEC). De mesma forma o parecer da Comissão de Constituição e Justiça manteve o veto, justificando, que seria papel do poder municipal auxiliar a instituição que tanto já havia feito pela cidade e além disto, seria papel do Governo federal, através do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional¹⁸ (SPHAN) definir as edificações que deveriam ser tombadas como Patrimônio Histórico. Este posicionamento, contrário ao tombamento, se deu em atenção ao ofício S-30-968 encaminhado pela diretoria da Cooperativa ao Prefeito Municipal.

Em 11 de dezembro de 1985 um ofício encaminhado pela Cooperativa à 8ª Delegacia de Educação (8ª DE), explicava a impossibilidade de a Cooperativa manter a Escola e que, portanto, havia sido dado início ao processo no qual a Escola seria entregue à Secretaria da Fazenda do Estado como pagamento da dívida do ICM (COOPFER, 1985c). Por sua vez, segundo o ofício, a Secretaria da Fazenda transferiria Escola para à Secretaria de Educação e Cultura, e esta reativaria a mesma. O presidente da Cooperativa, que assina o ofício, escreve que o processo já estava encaminhado, entretanto era desconhecido pela 8ª DE.

¹⁶ Anexo 2 – Instituto de Preservação da Memória Cultural.

¹⁷ Anexo 3 – Parecer sobre a alienação e demolição do prédio da Escola de Primeiro Grau Hugo Taylor.

¹⁸ O SPHAN foi criado oficialmente em 1937 e no decorrer dos anos sofreu alterações em sua denominação, atualmente nomeado de IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A razão disto pode estar no ofício de 16 de janeiro de 1986, o qual traz o seguinte texto: “[...], parece, o encaminhamento para o objetivo visado, qual seja a desativação para o exercício corrente, [...], não fora o mais correto”, e conclui solicitando informações de como proceder. Em 24 de janeiro, a Cooperativa encaminha documentação para a 8ª DE, em resposta a tentativa da mesma em ceder professores para manter a Escola funcionando (COOPFER, 1986b), como resultado foi realizada uma reunião entre as partes interessadas e foi formada uma comissão, com membros da Cooperativa e da 8ª DE, com objetivo de elencar os custos e possibilidades, averiguando assim a “viabilidade do funcionamento da Escola Hugo Taylor” para o ano de 1986.

Como resultado, esta comissão declarou inviável a continuidade das atividades da Escola, devido a precariedade em que se encontrava o prédio e o alto custo de manutenção, que não seria coberto pela verba disponível referente ao número de alunos a serem matriculados e decidiu que a Cooperativa não tinha mais obrigação de manter o funcionamento da Escola (COOPFER, 1986c).

Desta forma, definido o destino da Escola Hugo Taylor, dia 27 de fevereiro de 1986 os professores da Escola receberam a Comunicação de Rescisão de Contrato de Trabalho¹⁹:

Por motivo da extinção de nosso Departamento de Ensino -ESCOLA “HUGO TAYLOR”-, comunicamos-lhe que o seu Contrato de Trabalho será rescindido a contar de 01 de março deste ano de 1986, quando lhe serão pagos todos os direitos resultantes desta rescisão contratual.

Queira, pois, munida de sua Carteira Profissional, comparecer junto à nossa Divisão de Pessoal, para o acerto de contas. (COOPFER, 1986d).

Embora já anunciada, a extinção do Departamento de Ensino, que respondia apenas pela Escola Hugo Taylor, ocorreu em 08 de março de 1986, ficando definido que os móveis equipamentos e utensílios seriam, após cadastrados, recolhidos a sede da Cooperativa, onde seria reorganizado o salão de atos.

Dias mais tarde o jornal A Razão de 29 e 30 de março de 1986, trouxe a notícia intitulada: “A Escola Hugo Taylor está fechada” (A ESCOLA, 1986).

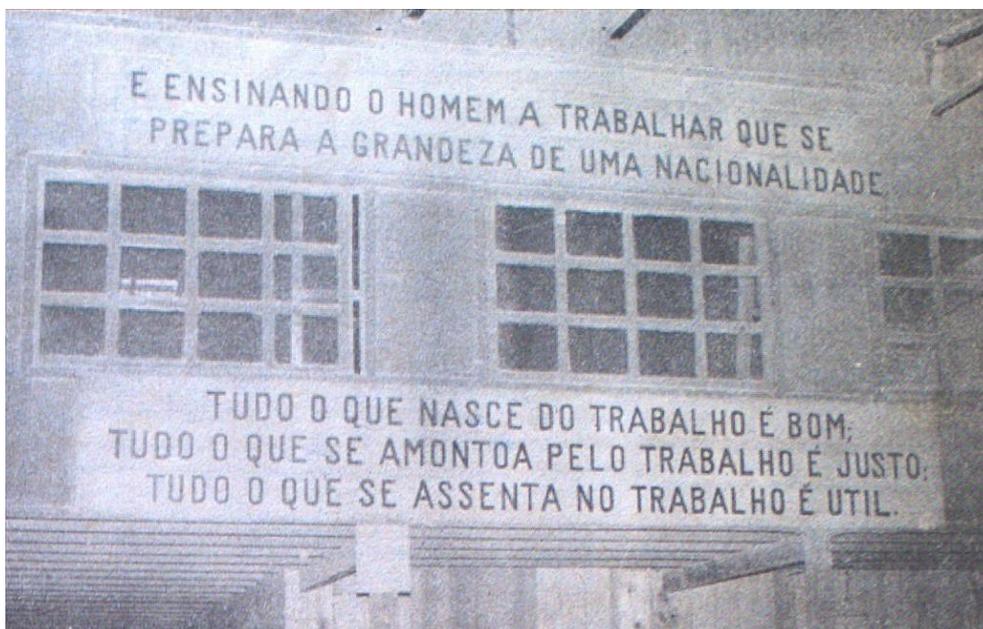
Desta forma, a Escola de Artes e Ofícios, fundada em 1922, encerrou suas atividades, após 63 anos cumprindo os objetivos pelo qual foi idealizada.

¹⁹ Anexo 4 - Comunicação de Rescisão de Contrato de Trabalho.

2.1.3.1 Fator humano

Neste período diversas personalidades tiveram papel importante na trajetória da Escola de Artes e Ofícios, entre elas, Manoel Ribas, que ocupava o cargo de Diretor Comercial da Cooperativa, seguido no cargo por seu irmão, Augusto Ribas. “Realmente, aos irmãos Ribas, sobretudo devem os ferroviários e os irmãos imorredoura gratidão” (IRMÃOS MARISTAS, 1976, p. 8)

Figura 20 - Frases pintadas no interior de uma das oficinas da EAO



Fonte: (PEDROSO, 1985).

Os Irmãos Maristas, responsáveis pela direção da EAO, estiveram presentes durante praticamente toda a trajetória da Escola de Artes e Ofícios, inicialmente assumindo a direção da escola em 1922 e permanecendo até 1973, embora oficialmente o primeiro contrato tenha permanecido até 31 de dezembro de 1967 e o segundo contrato tenha tido vigência de 1969 até 31 de janeiro de 1973 (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Após a data o Irmão José Rockenback dirigiu a escola durante o ano de 1976, sendo que o mesmo foi nomeado chefe do Departamento de Ensino da Cooperativa de Consumo em 21 de janeiro de 1975 até dia 1º de novembro de 1977 (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Entretanto a figura do Irmão Estanislau José²⁰ é a mais reconhecida, não apenas pela sua atuação no Departamento de Ensino da Cooperativa, mas

²⁰ Para mais informações à respeito da vida e obra do Irmão Estanislau José ver Máximo (1979).

também por sua atuação junto aos ferroviários. Em 1º de setembro de 1932, o Irmão Estanislau tornou-se Inspetor das Escolas da Cooperativa dos Empregados da VFRGS, passando a viver nas dependências da EAO, sendo que em junho de 1937 assumiu a Chefia do Departamento de Ensino da Cooperativa, cargo que ocupou até 20 de agosto de 1967 (MÁXIMO, 1979)

Tabela 1 - Diretores da Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor>

Diretor	Data de entrada	Saída do cargo
Irmão Eduardo	1º de maio de 1922	Janeiro de 1923
Irmão Tomás de Vilanova	Janeiro de 1923	Janeiro de 1929
Irmão João Rafael	Janeiro de 1929	1930
Irmão Tomás de Vilanova	1930	1936
Irmão João Rafael	1936	1939
Irmão Antonio Luiz	1939	1940
Irmão Pedro Jacinto	1940	1946
Irmão João Rafael	1946	29 de outubro de 1948
Irmão Sinésio	Outubro de 1948	Janeiro de 1949
Irmão Leão Magno	1949	1950
Irmão Bento José Labre	1950	1953
Irmão Luiz Augusto	1954	1956
Irmão Bento José Labre	1957	1959
Irmão Valentim Luiz Bacchi (Luiz Augusto)	1960	1962
Irmão Giacomo Fontana	1963	1965
Irmão Mariano Spada	1966	1966
Irmão Giacomo Fontana	1967	1967
Professor Augusto Cecchin	1968	1968
Irmão Mário Antônio Wildner	1969	1970
Irmão Alfredo Baumgratz	1971	1972
Prof. Dr. João Elson Ribas Simões	1973	1975
Irmão José Rockenbach	1976	1976
Prof. Floreal Juan Puig Roca	1977	1984
Eloi Tavares Borges	1985	1985

Entretanto, os principais personagens da EAO eram seus alunos, estes eram oriundos de famílias ferroviárias, pois como já foi tratado, o objetivo da criação e manutenção de Escolas de Artes e Ofícios era prover ensino técnico de qualidade e gratuito aos filhos de ferroviários, sendo este um dos objetivos da fundação da Cooperativa, como já apresentado neste trabalho.

Figura 21 – Boletim de notas, ano de 1927

ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS
DA
COOPERATIVA DOS EMPREGADOS DA V. F. R. G. S.

BOLETIM DE NOTAS
do *ano lectivo de 1927.*

O alumno *Walter Dockhorn*
do *1.º* curso primario *B*
obteve entre *37* alumnos

O *10.º* lugar no procedimento
O *3.º* lugar nos Pontos de trabalho com *3179* pontos
O *4.º* lugar nos Exames com *36* pontos

To teve faltas

NOTAS DOS EXAMES

Instrução moral e civica	<i>6</i>	Contas	<i>10</i>
Leitura	<i>7</i>	Arithmetica	<i>1</i>
Grammatica	<i>1</i>	Geographia	<i>1</i>
Dictado	<i>1</i>	Noções do Sciencias	<i>1</i>
Redacção	<i>1</i>	Calligraphia	<i>4</i>
Analyse	<i>1</i>	Desenho	<i>9</i>

aprovado
J. Maria . aos *8* de *Dec.* de 192 *7*

O Professor *J. Viviau* O Director *J. Thomas*

OFF. GRAPH. DA ESCOLA DE ENGENHARIA

Fonte: (aGARE).

Na EAO os estudantes recebiam ensino curricular, que ocorria pela manhã e o ensino profissionalizante, que ocorria no turno da tarde. No ano de 1927, os estudantes eram avaliados em diferentes temas, de acordo com a série que estavam cursando e os tópicos avaliados eram

instrução moral e cívica, contas, aritmética, geografia, noções de ciência, caligrafia, desenho e português, que se subdividia em leitura, gramática, ditado, redação e análise. O “Boletim de Notas” trazia ainda a colocação do aluno frente ao desempenho dos demais estudantes.

A grande maioria dos alunos da Escola eram externos, haviam também aqueles que estavam no semi-internato, destinado aos estudantes que moravam na região de Santa Maria, mas a mais de dois quilômetros da cidade e também os internos, que residiam no internato (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Para abrigar os estudantes cujas famílias eram de outras regiões do estado, em 1930 foi construído o prédio do internato, na esquina da avenida Rio Branco com a Rua dos Andradas, sendo que o regime do internato foi extinto em 1º de março de 1967. Na tabela 02, os alunos semi-internos e internos são contabilizados como “internos”.

Tabela 2 - Média de alunos

Período	Externos	Internos
1922 a 1930	356	53
1930 a 1940	700	100
1940 a 1950	227	47
1950 a 1960	227	48
1960 a 1970	233	35
1971 a 1978	571	Internato extinto em 1966

Fonte: (IRMÃOS MARISTAS, 1976).

Para suprir a demanda educacional, a Coopfer auxiliava seus associados a manterem seus filhos em instituições particulares da cidade, assim em 4 de maio de 1933 a Diretoria da Cooperativa, junto com a Congregação Marista definiram em contrato a redução de 50% do valor das mensalidades para filhos de cooperativados em escolas maristas.

Já em 1973, o então Ginásio Industrial Hugo Taylor oferecia disciplinas que eram distribuídas em quatro grandes áreas, sendo a primeira comunicação e expressão, abrangendo as disciplinas de língua portuguesa, educação artística, está dividida em educação musical e educação plástica, educação física e francês. A segunda, Integração Social, com as disciplinas de história, geografia, educação moral e cívica e educação religiosa e a terceira área era a de Ciências, com matemática, ciências físicas e biológicas. A quarta área seria a Técnica, que incluiria as oficinas, entretanto neste ano já não eram obrigatórias, não interferindo na

aprovação ou reprovação do aluno, no entanto os alunos poderiam frequentar as oficinas no contra turno.

2.1.3.2 Processo de desenvolvimento dos produtos

Buscando alcançar a excelência no processo de ensino técnico e industrial, inicialmente era necessário que os estudantes, oriundos de diversas regiões e realidades chegassem a um correto entendimento de todas as etapas do processo de fabricação do mobiliário, que se iniciava na concepção do móvel e tinha fim apenas quando o mesmo recebia o acabamento final. Este aprendizado era possível pois os aprendizes dos cursos industriais participavam de “aulas pratica e theoricas de desenho geométrico, ornato e projecções” (COOPFER 1927), tendo a maior parte de sua carga horaria voltada para disciplinas técnicas, as disciplinas de Desenho Técnico e Prática de Oficina e Tecnologia ocupavam maior parte da carga horária dos estudantes nos primeiros dois anos e chegavam a mais de 2/3 (dois terços) do total de aulas nos últimos dois anos do curso. Da mesma maneira, as demais disciplinas eram direcionadas para embasarem a formação técnica dos alunos.

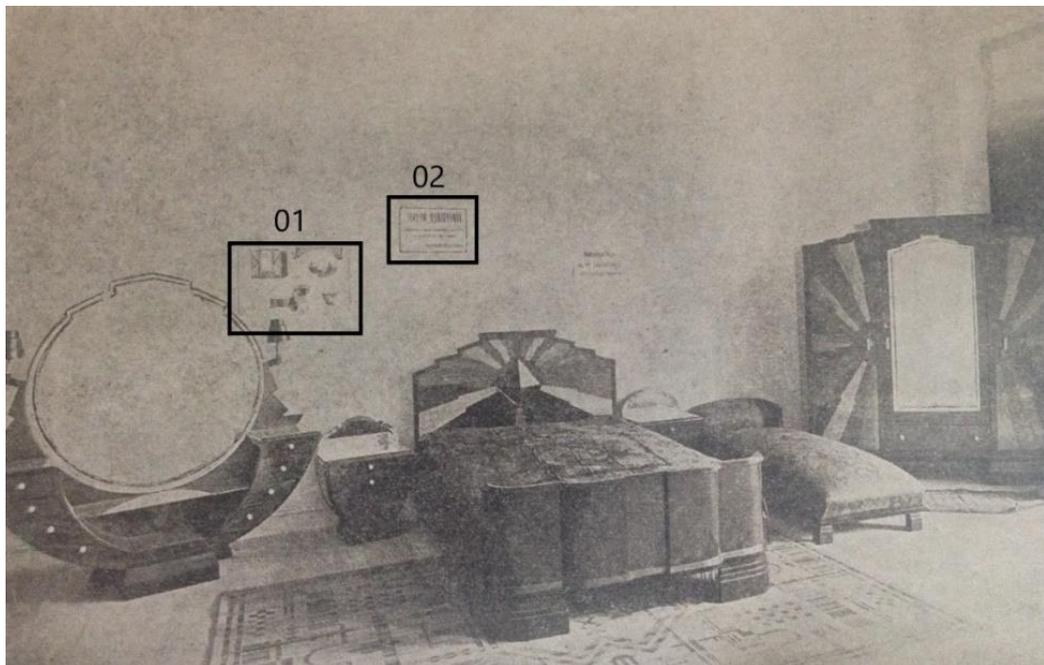
Figura 22 – Relação das Disciplinas dos Cursos Industriais

DISCIPLINAS	Horas semanais			
	1a.série	2a.série	3a.série	4a.série
1 Português	3	3	3	3
2 Matemática	4	4	4	4
3 Ciências fis.e nat...	2	2	3	3
4 Geografia do Brasil .	2	2	-	-
5 História do Brasil ..	2	2	-	-
6 Desenho técnico	6	6	6	6
7 Tecnologia	3	3	3	3
8 Prática de oficina ..	15	15	20	20
9 Educação física	3	3	2	2
10 Educação musical	2	2	2	2
11 Educação doméstica ou pré-militar	1	1	1	1
TOTAL POR SEMANA	43	43	44	44

Este processo de aprendizagem podia ser visto nas exposições anuais onde além dos diversos produtos fabricados pelos aprendizes, também estavam expostos os estudos realizados nas aulas de desenho técnico, na qual os alunos projetavam os móveis que iriam produzir. Fotografias das exposições permitem ver os esboços afixados na parede atrás do produto exposto, destacado na figura 23 com o numeral 01, assim como a secção na qual foi produzido e o nome do aluno, informações destacadas com o numeral 02.

Isto permitia que o público visitante compreendesse o processo de produção, ao mesmo tempo que demonstrava as habilidades aprendidas pelos alunos das dependências da EAO.

Figura 23 – Exposição de 1931 secção de marcenaria



Fonte: (COOPFER, 1932. Grifo nosso).

Embora os alunos possuíssem liberdade para desenvolver o mobiliário de forma autoral, percebe-se a semelhança entre alguns dos mobiliários apresentados por diferentes turmas, indicando que os moldes de produção eram reutilizados em diferentes anos, possivelmente, buscando facilitar a produção e desenvolvimento dos mesmos. Desta forma, a característica volumétrica de alguns mobiliários permaneciam muito próximas, embora elementos como pés, apoios e acabamentos sejam diferentes. Desta forma tornava-se possível que cada aluno demonstrasse sua interpretação da época vigente sem que fosse necessário elaborar um mobiliário completamente novo, técnica muitas vezes aplicada na indústria moveleira e de acordo com os princípios do Programa dos Aprendizes.

Figura 24 – Biblioteca Dr. Vauthier em 1928; Exposição de 1945



Fonte: (COOPFER, 1929; COOPFER, 1946).

Figura 25 – Exposição de 1933;



Fonte: (COOPFER, 1934).

As fotografias mostram, na ordem em que se apresentam, uma parte da biblioteca Dr. Dr. Vauthier, inaugurada em 1924 com móveis fabricados por professores e alunos da EAO e móveis da secção de marcenaria na exposição de 1946, enquanto na figura 25, estão móveis da secção de estofaria expostos em 1933. Embora diferenças sejam nítidas em partes do mobiliário, a forma geral é semelhante e, no caso é interessante salientar que há uma diferença de 21 anos

entre o primeiro e o último conjunto, entretanto, o mobiliário é condizente com a época na qual foi produzido, demonstrando que havia a preocupação dos mestres em manterem-se atualizados quanto as tendências do mercado.

2.1.3.3 Estilos empregados no mobiliário produzido

Buscando identificar características dos móveis e sua evolução no decorrer da história da humanidade é importante observar a correlação existente entre a necessidade humana, o entorno, os espaços arquitetônicos e os móveis que compõem o mesmo e, como se afetam mutuamente, isto posto certas inovações arquitetônicas acabavam por forçar o surgimento de novas categorias de móveis (BLAKEMORE, 2005).

Da mesma forma Montenegro (1995), encontrou uma rica fonte de informações em pinturas e esculturas que retratavam o cotidiano, assim ele foi capaz não apenas de perceber as nuances que ocorriam ao passar das décadas, por vezes causadas por alterações nas características das edificações, mas também distinguir as peças que eram utilizadas por cada segmento da sociedade, e quando novas peças e estilos eram introduzidos.

Alguns destes estilos foram marcantes e seguiram a ser produzidos mesmo quando já não eram um expoente em movelaria. Santi (2013) esclarece, que isso se deve, em parte ao fato dos consumidores se afeiçoarem ou não a um estilo de mobiliário e explica que, no Brasil, isto se propaga desde a época colonial, quando os primeiros marceneiros que atuaram no país eram de origem portuguesa e seguiram produzindo o mesmo estilo de móvel que lá produziam, e posteriormente replicavam móveis vindos da Europa ou os reproduziam partindo de catálogos.

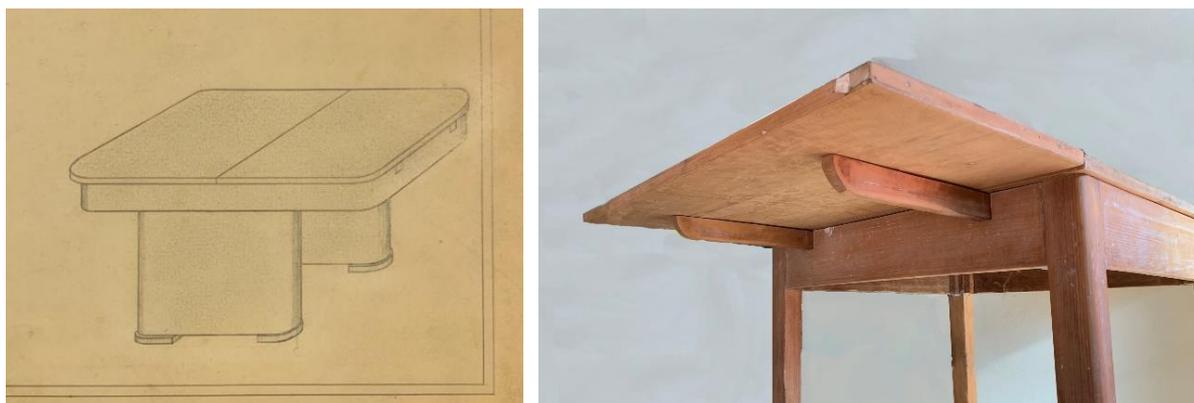
Os imigrantes ao trabalharem em marcenarias, ou como instrutores em escolas de Artes e Ofícios acabavam por perpetuar os modelos de móveis que lhes cabiam e, por conseguinte seus alunos, ao iniciarem uma carreira independente, passavam a reproduzir o que lhes havia sido ensinado (SANTI, 2013). Segundo a autora, foi apenas no século XIX, com o incentivo a imigração e importação de produtos de outros países, principalmente França e Inglaterra, que surgiram outros estilos de mobiliário no Brasil.

A mesma situação ocorreu nas Escola de Artes e Ofícios, quando com intuito de oferecer o melhor ensino aos alunos, Manoel Ribas, em viagem à Europa, contratou artífices alemães para organizarem e dirigirem os cursos técnicos da EAO (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Sendo que em 1932 a escola contava com 11 mestres, sendo 05 deles brasileiros, 04 alemães, 01 português e 01 italiano.

Da mesma forma, possivelmente ao viajar à Europa com o intuito de adquirir equipamentos para as oficinas e contratar profissionais para lecionar na Escola é possível que Manoel Ribas tenha adquirido também material didático, tanto para compor a biblioteca como para ser utilizado durante as aulas teóricas e práticas.

Embora a origem não seja possível de ser comprovada, foi entregue no Núcleo de Estudos Ferroviários do Rio Grande do Sul (NEFERS²¹), uma edição do catálogo *Petits Muebles Modernes*, editado em 1929, junto ao catálogo, que está com folhas soltas e faltantes, estão páginas de outros catálogos e, também, uma fotografia da exposição anual da Escola do ano de 1932, além de um esboço de uma mesa, a qual o sistema construtivo é similar ao de uma mesa fabricada pela Escola na década de 1950.

Figura 26 - Esboço e foto da mesa de abrir



Fonte: Acervo NEFERS; imagem de acervo pessoal.

A data de edição do catálogo é anterior a ida de dois estudantes da EAO que, pelo seu desempenho nas atividades técnicas desenvolvidas nas oficinas, ganharam um ano de curso no Institut Catholique d'Arts et Métiers em Lille, na França, ocasião em que foram visitados por Augusto Ribas. Posteriormente um dos alunos, Armênio de Moraes, tornou-se professor na EAO (CARDOSO, 1985). Assim sendo, existe a possibilidade deste material ter sido trazido na ocasião, por algum destes.

Retornando aos objetos desta pesquisa, foram identificadas características de diferentes estilos de mobiliário, aos quais se percebe semelhança aos estilos *Queen Anne*, *Art Déco*, *Streamline Moderne* e *Bauhaus*, embora o próprio *Queen Anne* seja uma transição de estilos,

²¹ O NEFERS era um projeto de Pesquisa e Extensão do Departamento de Ciências Sociais (DCS), do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

no qual suas características se apresentam como uma suavização de outros estilos. O estilo *Queen Anne*, que teve início quando a rainha Anne ascende ao trono da Inglaterra em 1702, sendo sua característica marcante o uso de pernas tipo cabriolé, com linhas elegantes, segundo (MONTENEGRO, 1995). O autor destaca que este estilo trouxe também maior funcionalidade aos móveis, aliada ao uso de curvas e a suavidade do estilo, assim como os baixos relevos e o emprego de foleados, porém sem o grande volume de decorações ou o uso de bronze visto no estilo Luís XV. Sendo que este estilo, na EAO, foi mais frequentemente utilizado para mesas de canto, mesas de apoio e banquetas, nos quais não se percebe uso de foleados ou baixos relevos e sim, detalhados trabalhos de entalhes.

Figura 27 – Secção de escultura em Madeira – exposição de 1934



Fonte: (COOPFER, 1935).

O *Art Déco*, tem sua origem no pré-guerra Parisiense e por esta razão só se desenvolveu e tornou-se internacional em 1925, com a Exposição Internacional das Artes Decorativas de Paris (CASTELNOU, 2006). O autor destaca que embora as origens sejam diversas, o estilo buscou a ordenação das linhas, em oposição ao *Art Nouveau*, porém mantendo o caráter decorativo fazendo uso de padrões geométricos, ângulos e contrastes entre materiais e cores.

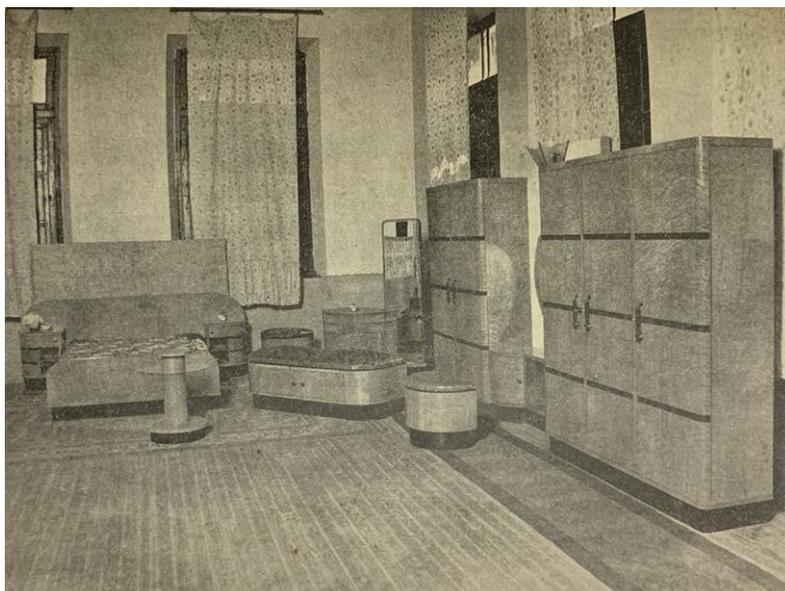
Figura 28 – Secção Marcenaria – exposição de 1933



Fonte: (COOPFER, 1934).

Anos mais tarde, a grande depressão de 1929, forçou a redução dos custos de produção gerados pelo emprego de diferentes materiais e formas angulosas empregados no Art Déco, assim o *Streamline Moderne*, ainda que se assemelhe, chegando ao ponto de ser confundido com o primeiro, consiste na simplificação das linhas e materiais empregados no *Art Déco*. As decorações deram lugar às linhas aerodinâmicas que se tornavam uma tendência em aeronaves, navios, locomotivas e automóveis.

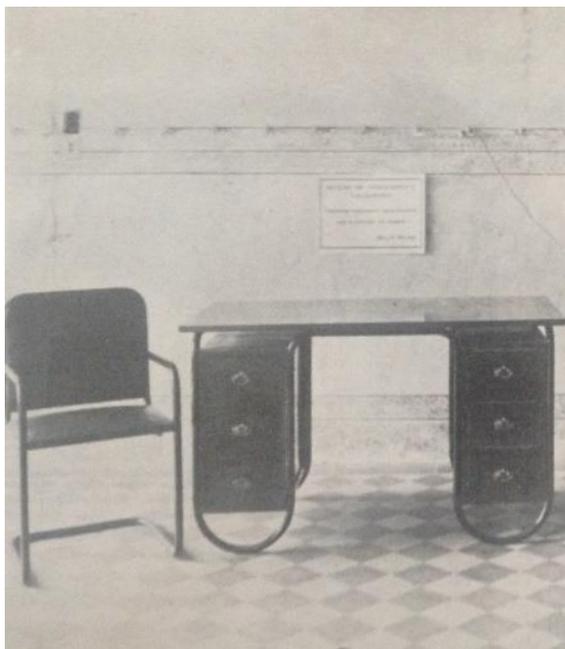
Figura 29 – Móveis fabricados por alunos da E.A.O.



Fonte: (COOPFER, 1937).

Outro estilo que se percebem influências é o Bauhaus, originária da escola de mesmo nome, fundada em 1919, buscava integrar o conhecimento e técnicas dos artesãos com a necessidade da indústria e para tal era necessário compreender as técnicas, os materiais e os processos envolvidos na fabricação do produto (Montenegro, 1995). O autor destaca entre as características dos móveis o uso de metal curvado e frequentemente cromado, que conferiam leveza aos móveis. Sudjic (2009) explica que o emprego do metal tubular curvado e outras tecnologias e técnicas de produção modernas eram oriundas da indústria automotiva, o que permitiu a criação de produtos inovadores e emblemáticos. Na EAO, este estilo foi naturalmente aplicado em móveis institucionais.

Figura 30 – Móveis em metal

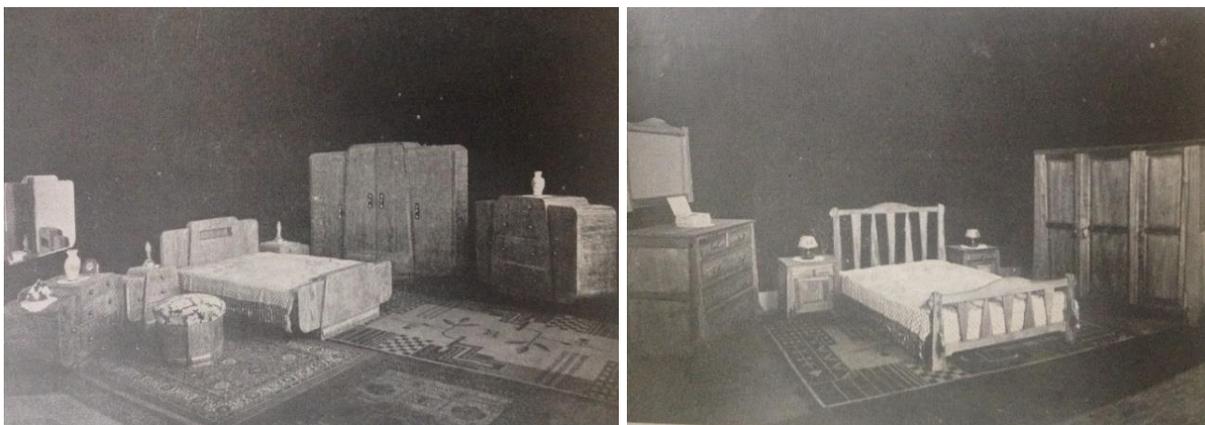


Fonte: (COOPFER, 1935).

Além destes estilos consagrados e que tiveram suas características detalhadas pela literatura, os relatórios da Cooperativa no período que compreende entre 1944 e 1951, trazia fotografias com legendas apresentando detalhes sobre o mobiliário, como a madeira com a qual foi construído e/ou o estilo dos móveis, sendo que os estilos descritos nos relatórios são: Futurista, Rústico, Colonial-Mexicano, Provençal-Espanhol, Colonial Estilizado²², Renascença, Colonial-Português, ou em algumas ocasiões, simplesmente Móveis de Estilo.

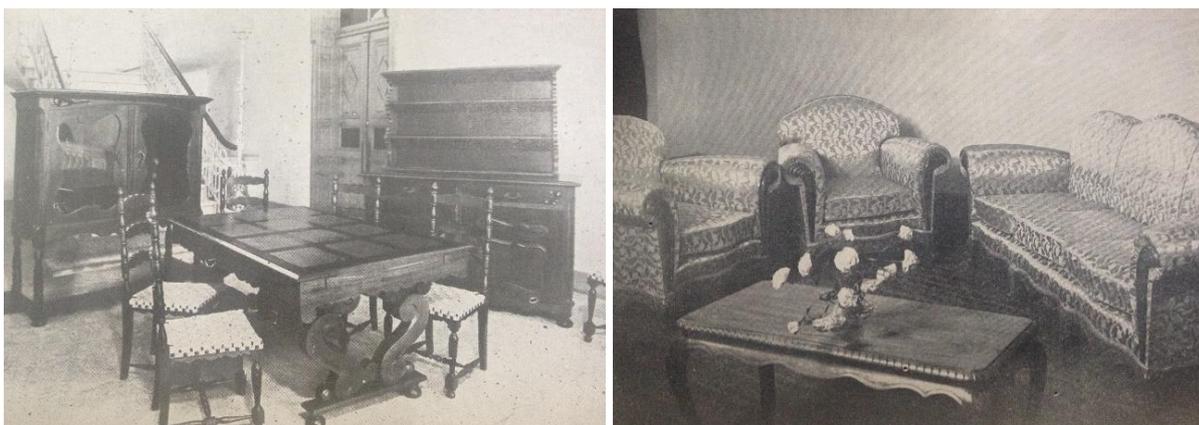
²² Grafia reproduzida do Relatório da Cooperativa do ano de 1946, impresso em 1947.

Figura 31 – Exposição de 1944, móveis estilo futurista e móveis estilo rústico



Fonte: (COOPFER, 1944).

Figura 32 – Exposição de 1945, móveis estilo Colonial-Mexicano e Móveis de Estilo



Fonte: (COOPFER, 1945).

No produto, o qual é resultado desta pesquisa, o mobiliário produzido pelas oficinas da Escola será apresentado, agrupado por estilos de maneira ampla, sendo eles: Moderno, Colonial, Provençal e Móveis Institucionais. Esta organização busca reestabelecer a linha cronológica da produção e sua correlação, de acordo com a data de produção, com os estilos aplicados mundialmente aos mobiliários, respeitando o fato de que, naturalmente, o mobiliário criado e construído nas oficinas da Escola de Artes e Ofícios sofrera influência das interpretações e particularidades de cada estudante e tal peculiaridade será levada em consideração, pois traduz a identidade do artífice que a escola buscava formar.

Segundo consta no documento denominado Operação Coopfer, de 1965:

A marcenaria produz móveis em geral, desde os de estilo mais simples aos de maior categoria, mantendo inclusive uma linha de móveis de luxo.
A estofaria mantém uma linha de produção nos mesmos moldes da marcenaria, estando capacitada para produzir estofados de superior condição. (COOPFER, 1965b, p. 20).

Esta descrição se mostra condizente com o mobiliário identificado, embora a inexistência de documentos e catálogos impeçam a identificação destas linhas de produtos e suas características originais. No entanto é percebido que a variedade de mobiliário produzido era ampla e não se destinava a um nicho específico de consumidores, incluindo mobiliário doméstico e institucionais.

2.1.3.4 A produção das Oficinas

O processo de fabricação de mobiliário dentro da EAO, se dava nas oficinas, que iniciaram suas atividades em 1923 e foram fechadas em 1985, durante este período diversas seções foram criadas e suprimidas, neste caso tiveram suas atividades absorvidas por seções que seguiam em funcionamento. Assim as oficinas, que operaram por mais de 60 anos formando alunos que aprendiam ofícios pertinentes aos seus interesses, inicialmente estiveram subordinadas diretamente a EAO, em 1955, ao ser criado o setor industrial da Cooperativa, as oficinas da EAO passaram oficialmente a atender tanto aos interesses educacionais como aos interesses financeiros da Cooperativa, que buscava gerar renda para auxiliar na manutenção dos cursos.

Entretanto o Relatório da EAO de 1953 pede a separação do ensino técnico da seção industrial da Cooperativa, solicitando que a Escola volte a funcionar como “nos tempos áureos da Escola de Artes e Ofícios”, ressaltando que não havia sido disponibilizado professor para a seção de Fundição, não sendo assim ministradas aulas e ainda sugere a criação do curso de Mecânica de Autos, demandado por parte dos alunos. E cita ainda o relatório de 1950, em que já havia sido mencionado a interferência que o ensino técnico enfrentava ao dividir o mesmo espaço com a indústria da Cooperativa.

Em 1969, as oficinas retornam ao comando da EAO, ficando oficialmente desvinculadas de sua utilização industrial, entretanto seu uso continuou de maneira não oficial, sendo que inclusive alunos recebiam uma fração do valor da comercialização dos produtos.

Ao ingressar nos cursos técnicos, caso tivesse interesse pela produção de móveis, o aprendiz deveria escolher entre os cursos de Marcenaria ou o curso de Trabalhos em Ferro, sendo que dentro de cada curso o aprendiz deveria escolher uma secção a qual tinha maior interesse ou afinidade, a tabela 3 apresenta os cursos e secções ofertados aos aprendizes no período letivo de 1942.

Tabela 3 - Secções e cursos do ensino profissional de 1942.

Cursos	Secções
1º Curso Marcenaria	Marceneiros Estofadores Carpinteiros Torneiros Entalhadores Escultores
2º Curso Trabalhos em Ferro	Forjadores Fundidores Ferreiros Mecânicos Ajustadores Oxigenistas Torneiros
3º Curso de Eletricidade e Galvanoplastia	
4º Curso Tipografia	Impressores Encadernadores
5º Curso Pintura e Decoração	Pintores Decoradores
6º Curso Latoaria	
7º Curso Alfaiataria	
8º Curso Sapataria	
9º Curso Telegrafia	

Fonte: (COOPERATIVA, 1942d).

O processo de fabricação dos móveis de madeira se iniciava com o recebimento da madeira bruta, que era processada na carpintaria de acordo com as necessidades das outras secções, deixando em condições ideais para ser trabalhada. Na Marcenaria, a madeira recebida era trabalhada, ganhando forma e volume para dar origem ao móvel, da mesma forma a Tornearia poderia criar móveis completos ou elaborar detalhes que viriam a ornamentar outros mobiliários, a tarefa de ornamentação era a principal dos Entalhadores, que criavam adornos tecnicamente elaborados para serem aplicados em pontos específicos de um móvel. Enquanto na secção de Escultura eram feitos objetos esculpidos, tridimensionais em madeira que poderiam ou não ser aplicados em móveis e ainda utensílios em madeira.

Figura 33 – Fluxograma processo de fabricação de móveis em madeira

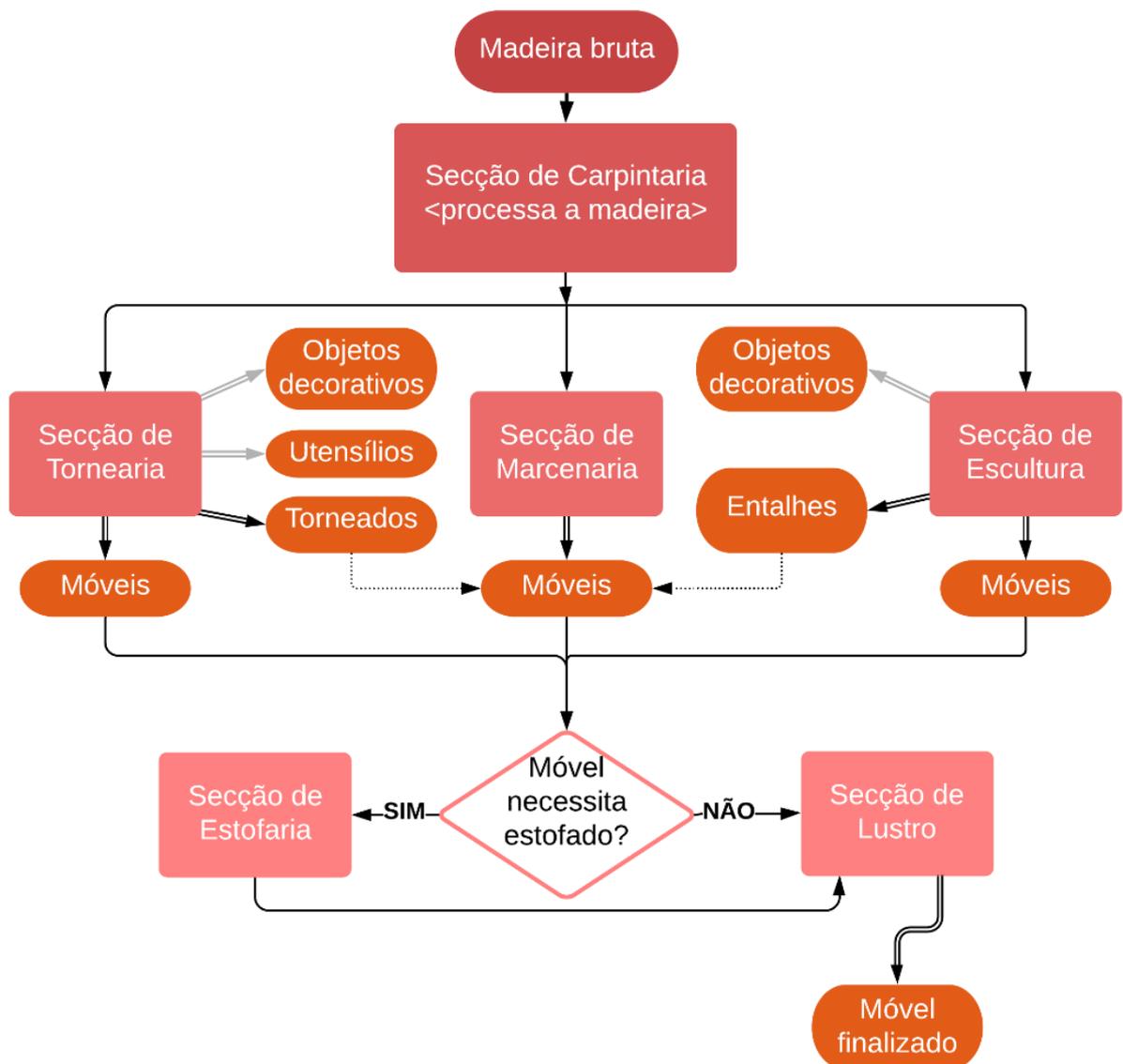


Figura 34 - Secção de carpintaria



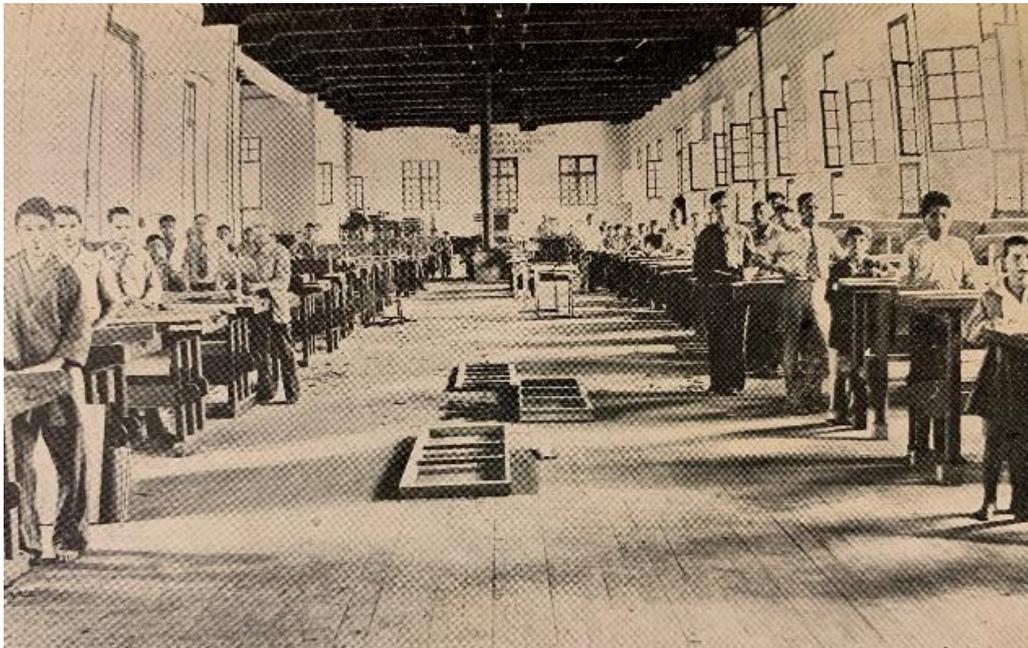
Fonte: (COOPFER, 1927).

Figura 35 – Prolongamento da Secção de carpintaria



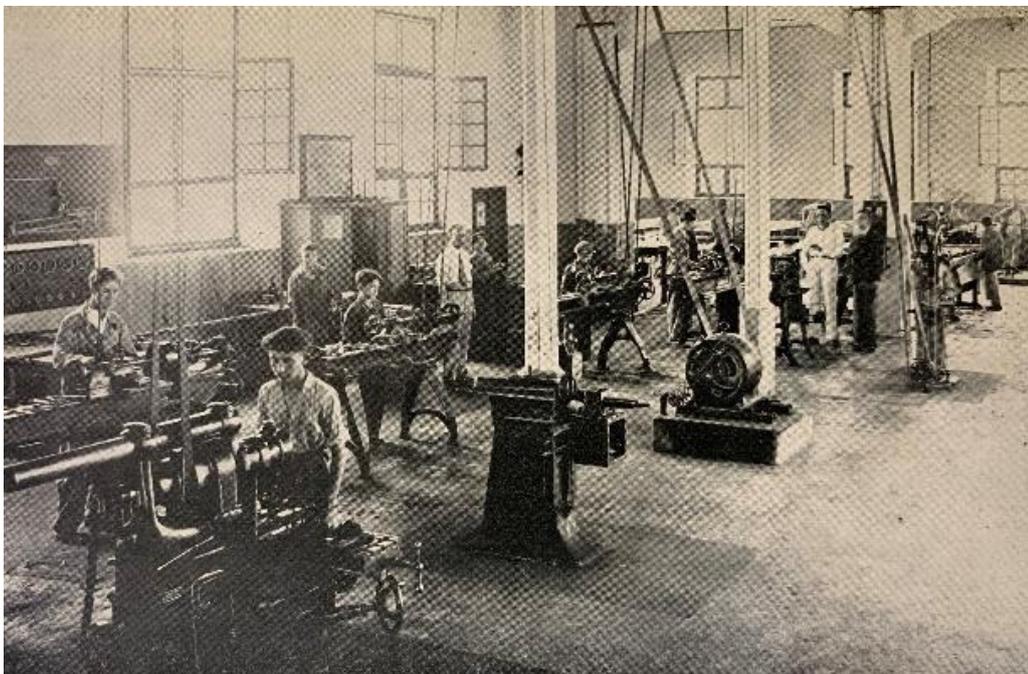
Fonte: (COOPFER, 1927).

Figura 36 - Secção de Marcenaria



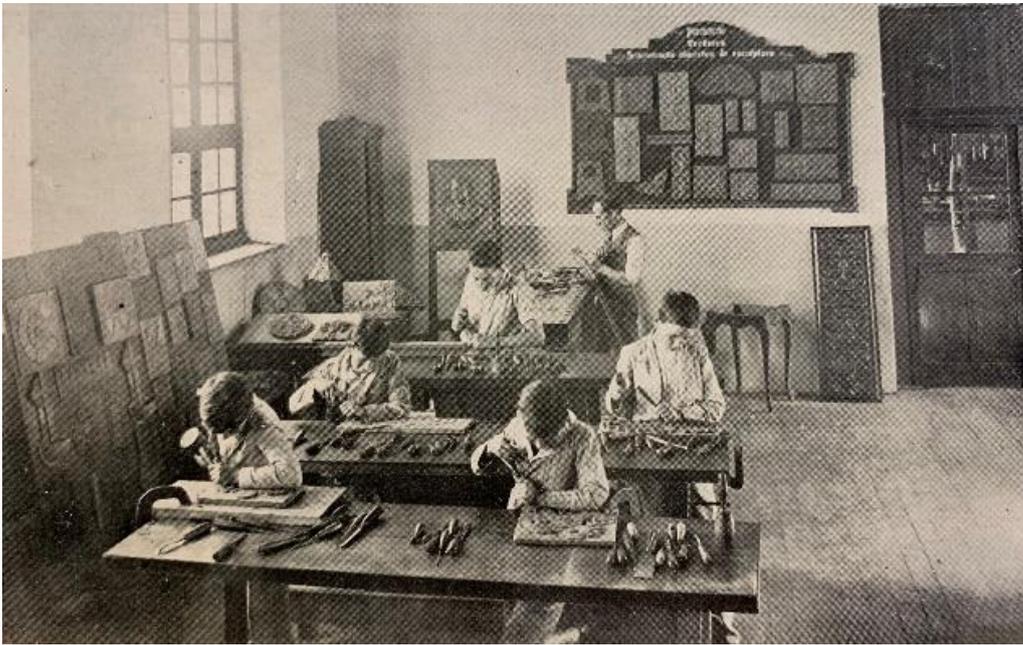
Fonte: (COOPFER, 1934).

Figura 37 - Secção de Torneiros Mecânicos



Fonte: (COOPFER, 1934).

Figura 38 - Secção de Escultura em Madeira



Fonte: (COOPFER, 1934).

Figura 39 - Secção de Estofaria



Fonte: (COOPFER, 1934).

No caso de cadeiras, poltronas ou sofás ou outro mobiliário com estofado, cabia a estofaria a tarefa de colocação de esponjas, molas e tecidos nos móveis. Há referência também à secção de lustro, local onde o mobiliário, após completamente montado recebia o acabamento final.

Figura 40 – Detalhe de um entalhe produzido na secção de escultura



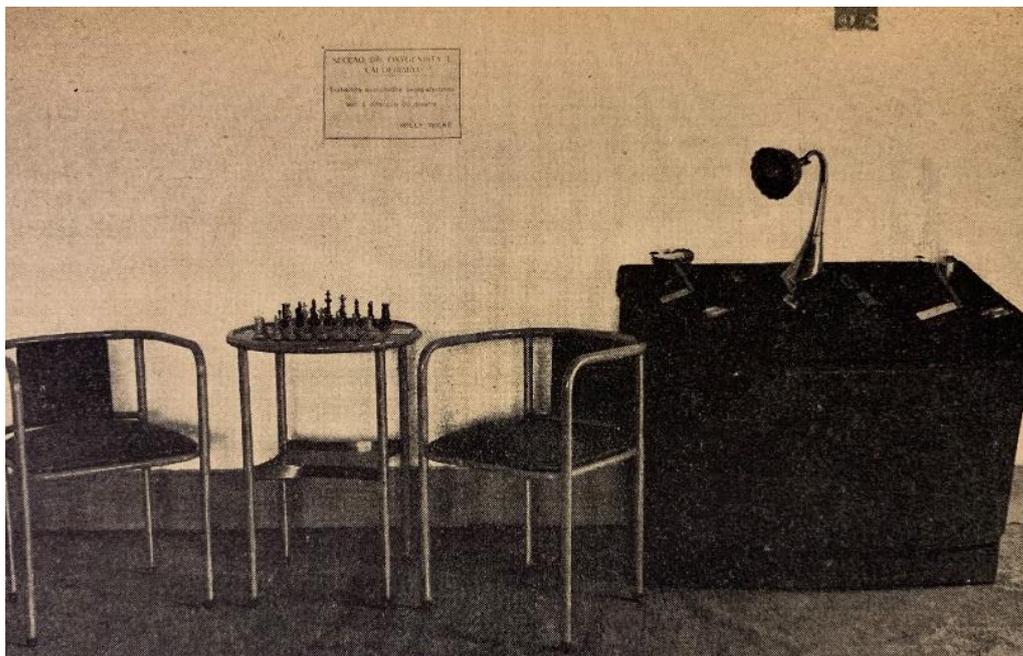
Fonte: do autor.

O mobiliário em metal fabricado pelos aprendizes do curso Trabalhos em Ferro, e da mesma maneira poderia envolver diversas seções no processo, Oxigenistas²³ soldavam tubos e chapas metálicas dando forma ao móvel, sendo que fundidores, torneiros mecânicos e mesmo forjadores poderiam criar adornos metálicos que seriam adicionados ao mobiliário. As peças e

²³ Oxigenistas – Profissionais que realizam solda com equipamento Oxiacetilênico.

adornos poderiam ainda receber tratamentos realizados na secção de Galvanoplastia, que produzia um acabamento metálico a peça em questão.

Figura 41 – Secção de Solda e Caldearia



Fonte: (COOPFER, 1932).

2.1.3.5 Comercialização do mobiliário

O Art: 33º, do Regimento Interno da Escola Industrial “Hugo Taylor”, define: “Todo trabalho ou confecção pertence à Escola, cedendo esta de preferência ao aluno, que o executar, mediante o pagamento do custo acrescido de 10%, desde que seja para seu próprio uso” (COOPFER, 1942d, p. 7), entretanto já na primeira edição das exposições de final de ano, os mobiliários produzidos pelos alunos podiam ser adquiridos pelos visitantes que se interessassem pelas peças, as peças que não fossem comercializadas na exposição eram encaminhadas para os armazéns da Cooperativa espalhados pelo estado (PEREZ, 1998). Sendo que os produtos comercializados nestes eram vendidos apenas para os associados à Cooperativa e assim podiam fazer compras que eram parceladas em até 24 vezes, prazo que no ano de 1975 aumentou para 36 parcelas (COOPFER, 1975). Mesmo com este recurso, a qualidade dos materiais e ferramentas empregadas na construção elevava os custos do mobiliário, tornando grande parte da produção inacessível aos cooperativados, o que fez com que a Cooperativa

realizasse rifas a partir de 1939, com a intenção de vender os móveis que ficavam em estoque (COOPFER, 1939b).

Naturalmente, a Cooperativa equipava seus departamentos com o mobiliário produzido nas oficinas da EAO, como é relatado por Perez (1998, p. 84), que traz a informação de que “a produção da tipografia era para atender aos armazéns da Cooperativa, aos escritórios e as escolas. Os produtos das oficinas de ferraria, fundição, eletricidade e mecânica eram para a Cooperativa e para as oficinas da Viação Férrea”. Da mesma forma grande parte do mobiliário do Hospital Casa de Saúde, Escola de Artes e Ofícios Feminina, a própria sede da Cooperativa e demais departamentos da mesma eram supridos por móveis e utensílios fabricados nas oficinas da Escola.

Dentre os documentos da Cooperativa foram identificados recibos de venda de mobiliário para a RFFSA, entretanto devido a descrição simplificada dos recibos de venda, não seja possível identificar os modelos exatos dos mobiliários. Da mesma forma, com base nas plantas de alguns mobiliários da VFRGS e da RFFSA se verifica a similaridade com móveis produzidos pela secção de marcenaria da Escola de Artes e Ofícios. A aquisição de produtos por parte da VFRGS, já mencionadas neste trabalho, são identificadas nos relatórios da Diretoria da Cooperativa de 1944, 1949 e também no relatório, referente a produção das Oficinas da Escola Hugo Taylor de 1953, especificamente no que trata da secção de Fundição, que no ano “apesar de ter diminuído o trabalho de fundição à Viação Férrea, teve compensado seus esforços por serviços feitos a particulares e que deu margem a um lucro razoável” (COOPFER, 1953b).

O relatório anual da Coopfer de 1944 registrou “[...] um Invulgar movimento de encomendas, principalmente por parte da Viação Férrea” (COOPFER, 1945, p. 6) em contrapartida as vendas a VFRGS sofreram reduções nos anos de 1946 a 1949 em decorrência da crise enfrentada pela mesma.

Quanto aos armazéns da Cooperativa, para exposição dos produtos eram montados ambientes completos com produtos vendidos pela cooperativa, que segundo relatos no caso do mobiliário, no auge da Cooperativa era montado inteiramente com a produção das oficinas, partindo do mobiliário fabricado pela marcenaria da EAO, colchões e travesseiros eram feitos pela secção de estofaria e os lençóis pela alfaiataria, assim como os acessórios fabricados por outras seções. Com o passar dos anos a produção diminuiu e alguns itens passaram a ser comprados de outros fabricantes até serem completamente terceirizados.

Existia ainda a possibilidade de serem feitas encomendas diretamente às oficinas, e ainda a possibilidade de solicitar a produção de móveis sob medida, como foi identificado em mobiliário preservado, cuja data de produção é de 1948 ou 1949.

Figura 42 – Móvel sob medida produzido em 1948 ou 1949 pela EAO



Fonte: Fundação ENY.

Em 1928 o então diretor geral VFRGS encomendou dois conjuntos de móveis para sua nova residência em Porto Alegre, um conjunto para a entrada e sala de espera da casa e outro para a sala de jantar, que pela sua esmerada construção mereceram elogios do diretor, que os fez através de um telegrama enviado a diretoria da Cooperativa: “Conjunto de moveis esplendido, sem igual, denotando bom gosto e exellente fabricação que muito recomenda a Escola.” (ESCOLA, 1928, p. 1). Cabe ressaltar que este elogio foi impresso na capa do jornal, sendo mais um exemplo que se soma a importância dada a EAO pela sociedade santa-mariense.

As oficinas da Escola também produziam os quadros formatura, dos próprios alunos e também aceitava encomendas de outras instituições, sendo que neste processo estavam envolvidas as secções de carpintaria, marcenaria, escultura em madeira, tornearia, pintura e fundição. Na figura 43 estão os quadros de formatura do Ginásio Santa Maria, da Turma de Contadores de 1939, com detalhes esculpido e entalhado, no qual está gravado E.A.O. SMaria, projeto coordenado pelo mestre Waldemar Rosa e o quadro da Turma de 1948, com

madeira esculpida e entalhes, contando também com uma figura fundida em bronze, projeto coordenado pelo mestre Romano.

Figura 43 - Contadores de 1939; Turma de 1948



Fonte: Foto do Autor (2019).

Quanto a receita das vendas, segundo relato, os estudantes que trabalhavam nas oficinas recebiam um percentual das vendas, a título de Gratificação Estímulo e, por ser um valor relativo as vendas, a gratificação recebida era variável e igualmente distribuído entre os aprendizes. Futuramente, esta gratificação se configurou como relação de trabalho e desta forma os estudantes puderam contabilizar o tempo das oficinas da EAO como tempo para aposentadoria.

2.1.3.6 Exposições anuais e premiações

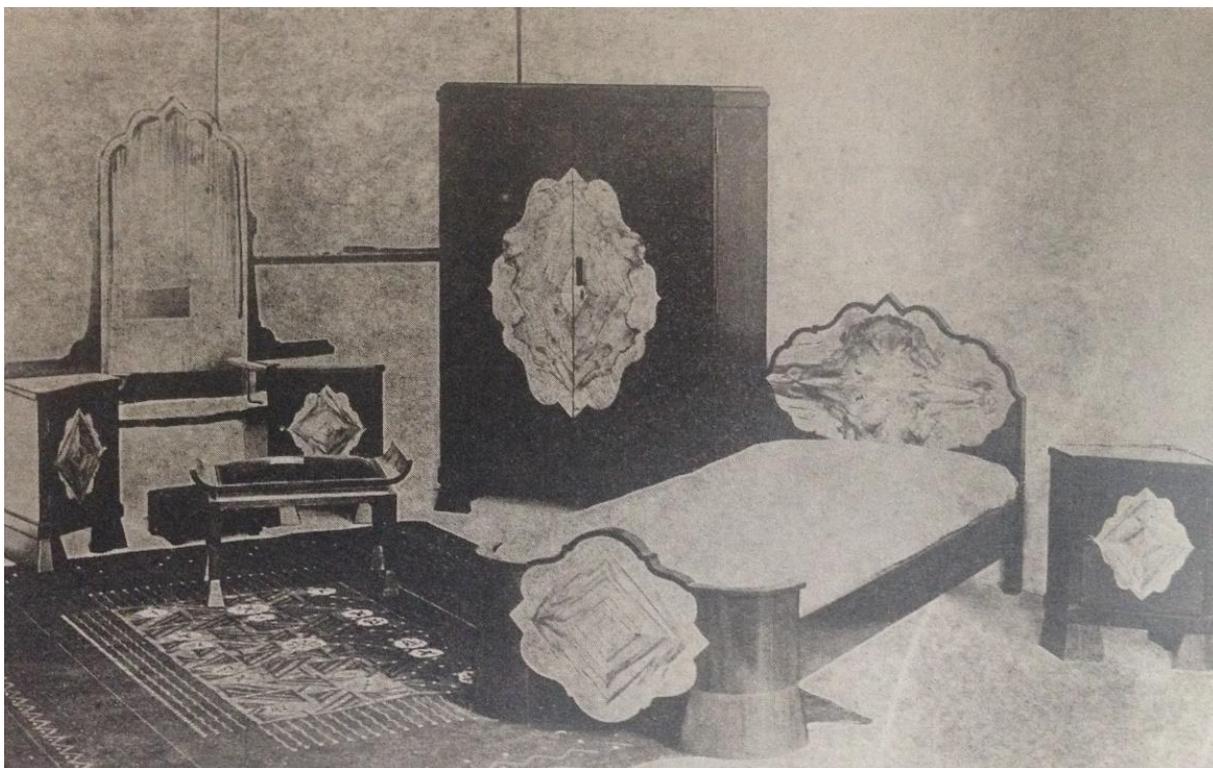
As exposições representavam o final do ano letivo, sendo realizadas, inicialmente, de 25 de dezembro a 01 de janeiro e tinham o objetivo de apresentar aos associados e a população da cidade os objetos construídos pelos aprendizes nas oficinas dentro da Escola de Artes e Ofícios e rapidamente se tomaram de grande importância no cenário cultural de Santa Maria, chegando a ganhar repercussão já na década de 1930. Um dos grandes atrativos das exposições se dava não apenas pela impressionante qualidade dos produtos apresentados, mas também pela variedade, pois todas as secções participavam, assim os visitantes podiam observar ferramentas, utensílios domésticos, equipamentos elétricos, pinturas, esculturas, peças de mobiliário urbano

e móveis para diferentes cômodos, sendo que os móveis não se limitavam apenas a construções em madeira, mas também são vistos móveis em metal e vime, sendo de estilos variados. Percebe-se móveis em estilo clássico e também mobiliário em consonância com os estilos europeus vigentes.

Figura 44 – Genuflexório em madeira, exposição de 1950



Figura 45 – Exposição de 1931: marcenaria



Fonte: (COOPFER, 1932).

Em 1926, a EAO recebeu a visita do então Diretor da Viação Férrea, Dr. Octacilio Pereira, que impressionado pelo trabalho realizado na Escola, posteriormente “oficiou a Diretoria da Cooperativa comunicando que a Diretoria da Viação Ferrea, instituiu dois²⁴ prêmios aos alunos que mais se distinguiram anualmente, nos diversos cursos, premio esse que seria denominado ‘Viação Ferrea’”. (COOPFER, 1927, p. 12). Desta forma no dia 25 de dezembro de 1927, na festa de encerramento do ano letivo que teve início as 16 horas, “teve lugar em uma das salas daquele lyceu, a entrega das medalhas de bronze instituidas pela diretoria da Viação Ferrea aos alunos que mais se distinguiram durante o anno” (ESCOLA, 1927, p. 2). Os trabalhos eram julgados por uma comissão avaliadora formada por “médicos que atendiam na "Caixa de Socorro", engenheiros da Viação Férrea, professores de outras instituições e membros da diretoria da Cooperativa, sendo que, esse sistema de bancas funcionou de 1923 a 1932” (PEREZ, 1998, p. 130).

O relatório do exercício de 1930 (p. 19) traz no tópico de “Distribuição de Premios e Exposições” o seguinte texto:

²⁴ Inicialmente era entregue uma medalha ao aluno que se destacava na EAO Masculina e outra medalha entregue a aluna destaque da Escola de Artes e Ofícios Feminina, a Escola Santa Terezinha.

Em o dia 17 de Dezembro teve lugar a solenidade da distribuição de prêmios aos alunos que mais se distinguiram no curso tecnico, e a inauguração da exposição dos trabalhos executados nas oficinas do ensino profissional.

Fez a entrega da “Medalha de Honra”, e nome da Diretoria da Viação Ferrea, o Dr. Mario Reis, a qual foi conferida ao alumno Firmino Moreira Filho, que finalizou o curso escolar, com notas laureadas (COOPFER, 1931, p. 19).

Neste ano além da medalha dois alunos receberam como prêmio uma viagem de estudos à Europa, onde após serem aprovados no exame de admissão, cursaram a Escola Profissional de Lille, na França (COOPFER, 1931).

O rigor dos exames aplicados se refletia na qualidade dos trabalhos apresentados pelos alunos, que eram destaque nos jornais locais e também nos que circulavam pela capital do estado, em 1935 a Cooperativa teve espaço na Exposição Farroupilha, sendo elogiada por Getúlio Vargas, então presidente do Brasil: “O stand Cooperativa é, de per si, verdadeira exposição.” (IRMÃOS MARISTAS, 1976). Nos anos que se seguiram os produtos da Escola seguiam despertando atenção de todos e assim, a exposição ganhou espaço na recente Galeria Chaves, em Porto Alegre, novamente sendo prestigiada por Getúlio Vargas, que realizou a abertura solene da exposição. Em 1933 a exposição foi a São Paulo, recebendo a maior premiação (COOPFER, 1934).

Paralelamente, a partir de 1948, o aluno premiado com a medalha oferecida pela VFRGS, passou também a receber o prêmio Cooperativa, este oferecido pela Coopfer, que se tratava de uma quantia em dinheiro depositada na Caixa Econômica Federal e que se manteve até 1960²⁵, ano da última premiação entregue pela EAO. Em 1953 foram distribuídos um total de 6 prêmios, Honra ao Mérito - “Medalha de Ouro”²⁶; Cooperativa; J. Negreiros Bueno; Cezar Vallandro; Manoel Ribas; Sociedade Amigos da Escola Santamariense, o primeiro deles brindava o ganhador com a já tradicional, os demais prêmios correspondiam a depósitos realizados em cadernetas na Caixa Econômica.

Além dos prêmios já citados, anualmente alunos que se destacavam em seus cursos recebiam menções honrosa.

²⁵ O prêmio *Cooperativa* não foi entregue nos anos de 1959 e 1960.

²⁶ O termo “medalha de Ouro” se refere ao primeiro lugar ou grande prêmio.

Tabela 4 – Ganhadores do Prêmio Viação Férrea – Secção Masculina

Ano ²⁷	Ganhador do prêmio
1927	Armênio Moraes
1928	Armênio Moraes
1929	Armênio Moraes
1930	Firmino Moreira Filho
1931	Waldemar Felkl
1932	Victor Kröning
1934	Balduino Gracioli
1936	Dib Antão Abelin
1940	João do Nascimento
1941	Augusto Ludovico Huber
1942	Adão Amancio Rivé
1943	Ruy Cortez Brandão
1944	Paulo Conceição Veloso
1945	Setembrino Lucio
1951	René Cortez Brandão
1952	Valmor Corrêa Martins
1953	Leona Falkemberg Indrusiak
1954	Oriovaldo dos Santos Offmann
1956	Jorge Wanderlei dos Santos Gonçalves
1957	João Manoel Alves

Fonte: (COOPFER, 1927-57).

As menções à Medalha de Ouro seguem até o ano de 1957, último ano que é oferecida, sendo que em 1958 e 1959 não houve solenidade de formatura, que foram retomadas apenas em 1960, após a inauguração das novas oficinas da EAO, reconstruídas e re-aparelhadas após o incêndio de 1954, sendo que na data da inauguração, 06 de janeiro de 1960, foram entregues os diplomas das turmas de 1958, 1959 (COOPFER, 1961a). Ainda segundo o relatório, nos anos de 1957 e 1960 foram entregues os prêmios Manoel Ribas, Augusto Ribas, Cezar Valandro e

²⁷ Os anos que não constam na tabela 4, não tiveram o nome do ganhador identificado durante a pesquisa.

Religião, todos acompanhados de depósitos na Caixa Econômica Federal, sendo o último ano das premiações.

Da mesma forma que os prêmios passaram a não fazer mais parte das cerimônias de formatura, as exposições, que chegaram a ocupar todas as salas da EAO tiveram gradativamente sua grandiosidade diminuída, embora ainda realizadas na década de 1970.

2.1.3.6.1 Medalha de Honra ao Mérito

Durante a pesquisa se identificou no acervo do Museu do Trem de São Leopoldo, uma medalha dourada, com os dizeres “Honra ao Mérito – Escola de Artes e Ofícios”, sendo que a legenda da mesma atribuía a medalha a valorização dos trabalhadores da Escola de Artes e Ofícios, não aos alunos²⁸.

Figura 46 – Medalha de Honra ao Mérito



Fonte: Foto do Autor (2019).

²⁸ Toda documentação referente a este prêmio, identificada pelo pesquisador durante esta pesquisa, foi enviada ao Museu do Trem de São Leopoldo para análise e uma correta catalogação do objeto.

Considerando-se a descrição do prêmio oferecido pela VFRGS e os dizeres gravados na medalha é correto afirmar que este importante elemento da história da Escola de Artes e Ofícios foi identificado, embora a medalha não possua gravação de data ou nome, dessa forma impossibilitando a identificação do ganhador da honraria.

2.1.3.7 Últimos anos de produção e o encerramento das atividades

Embora ainda em funcionamento, as oficinas remanescentes da Escola de Artes e Ofícios não recebiam investimento a muitos anos e já estavam em situação bastante precária, segundo relatos. A precariedade das oficinas era perceptível nos relatórios anuais e era reflexo da situação financeira debilitada que a Coopfer se encontrava.

Segundo consta no livro Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria, a última turma de artífices teria se formado em 1962²⁹, entretanto alunos que cursaram a escola durante a primeira metade da década de 1970 relataram cursar pela manhã disciplinas curriculares e à tarde as oficinas da escola.

Em 1981, segundo relato de funcionários das oficinas da EAO, já não haviam estudantes nas oficinas e embora as mesmas seguissem em funcionamento, sua produção era destinada ao estoque e não aos armazéns da cooperativa, desta forma jogos de quarto completos estavam armazenados nos depósitos, sujeitos as intempéries que já não recebiam resistência do telhado sem manutenção. Ao assumir o cargo, o último chefe das oficinas, se dirigiu a um próspero fabricante de móveis da cidade e no local ficou a par dos estilos produzidos e ao retornar às oficinas incumbiu os funcionários de alterarem esteticamente o mobiliário estocado, trocando a cor e inserindo apliques de madeira, possibilitando a modernização do mobiliário.

Embora sem um critério definido acerca do estilo ou um estudo estético as alterações foram bem aceitas e possibilitaram a venda de 10 (dez) conjuntos completos, vendidos para membros da diretoria da Coopfer, no armazém central de Santa Maria e no armazém da cidade de Cacequi. Quanto as vendas, o funcionário esclarece que quando feitas pelo armazém de Santa Maria o valor era repassado diretamente a Cooperativa e apenas as vendas externas, considerem-se aí armazéns fora da cidade, revertiam a venda para a Oficina, o que ocasionava um pequeno orçamento para compra de materiais, somando-se a isto, a falta de crédito junto fornecedores, restou a marcenaria utilizar como matéria-prima madeiras existentes nas oficinas,

²⁹ Tal informação, consta no Boletim Informativo da escola, n. 4, do ano de 1970.

como estantes que antigamente armazenavam materiais e partes das oficinas que já estavam desativadas. Assim o coordenador das oficinas logrou êxito e conseguiu gerar um fluxo de caixa, permitindo a compra de novos materiais para a produção de mobiliário.

Entretanto, no ano de 1985, inesperadamente as oficinas foram fechadas e os componentes metálicos, tais como puxadores, parafusos, dobradiças entre outros, fossem eles novos ou antigos foram vendidos a quilo e tiveram como destino a sucata.

A ação se deveu, pois no dia 02 de março de 1985 o Conselho de Administração da Cooperativa decidiu pelo encerramento das atividades das duas oficinas, marcenaria e tipografia, que ainda funcionavam na Escola de I Grau “Hugo Taylor”, justificando com os resultados negativos que se acumulavam ao longo dos anos, sendo que “As ferramentas, máquinas, móveis, e etc. que aí ficaram, o Sr. Supervisor providenciará em um levantamento completo, relacionando-as, com todas as características possíveis.” (COOPFER, 1983b).

2.1.3.8 Impacto no desenvolvimento local

Durante o período de 63 anos a EAO formou continuamente mão de obra especializada em diversas áreas, parte dela foi absorvida pelas oficinas da VFRGS e posteriormente pela RFFSA. Naturalmente, parte destes alunos não seguiram a carreira a qual se especializaram na escola, entretanto alguns destes ajudaram a formar as indústrias de Santa Maria e do estado.

Segundo consta no livro de Beber (1998), em 1920 Santa Maria contava com 07 serrarias e 15 fábricas de móveis de madeira e vime, 78 anos mais tarde, em 1998 existiam 97 fábricas de móveis e artefatos de madeira. O autor apresenta ainda a informação de que a produção industrial de Santa Maria sempre atendeu o mercado local, sendo pouco expressiva externamente. Ideia reforçada por Frozza, Reis e Fogiatto (2011) ao afirmarem que Santa Maria não é historicamente uma cidade industrial, porém metade das indústrias aqui instaladas são moveleiras (FROZZA; REIS; FOGIATTO, 2011), fato que possivelmente tenha sido incentivado pela existência da Escola de Artes e Ofícios fundada pela Coopfer.

Outro destino daqueles que se profissionalizaram na EAO foram tornar-se mestres na própria escola, bem como funcionários especializados na VFRGS e RFFSA. Em 1937 o Diretor da VFRGS encaminhou um ofício à Cooperativa solicitando que a mesma enviasse anualmente uma listagem dos estudantes que concluíssem sua formação para que os mesmos fossem alocados nas vagas existentes.

Ainda alguns desses se tornaram professores na Escola Ferroviária da RFFSA, posteriormente transformada na Escola Municipal de Aprendizagem Industrial, e assim ainda continuam a perpetuar os conhecimentos aprendidos.

2.1.3.9 Bens preservados

A busca pela identificação dos mobiliários produzidos pela Escola de Artes e Ofícios resultou inicialmente na confirmação de que os móveis lá produzidos não recebiam plaquetas, selos ou carimbos que indicassem sua origem ou data de fabricação. Essa confirmação se deu ao se vistoriar alguns dos móveis cujas origens podem ser rastreadas, no caso móveis que permaneceram nas famílias do comprador original. Esta dificuldade de identificação limita a busca e torna a verificação de móveis adquiridos de segunda, terceira mão ou em “briques”, ainda mais difícil. Soma-se a isto a inexistência de um catálogo de móveis, moldes para fabricação ou mesmo o registro da produção realizada, questão que motivou esta pesquisa.

Até o momento se identificou como móveis remanescentes o mobiliário existente na sede da Coopfer, que compunham as salas do Diretor e do Vice-Diretor, móveis existentes no Colégio Marista Santa Maria, mobiliário existente no Memorial do Colégio Manuel Ribas e móveis pertencentes a particulares, descendentes de funcionários da Coopfer, ferroviários cooperativados ou ainda mobiliário adquirido por terceiros diretamente da EAO.

Figura 47 – Roupeiros e criado mudo



Foi identificado um conjunto de quarto, adquirido diretamente da EAO na década de 1950 ou 1960 por um ferroviário cooperativado, que originalmente era composto por dois roupeiros, dois criados-mudos, uma cama de casal, uma penteadeira e uma camiseira. Do conjunto ainda permanecem os roupeiros e criados-mudos em suas condições originais.

Na residência de um filho de um funcionário da Cooperativa estão móveis cujas soluções interessantes, como uma mesa expansível, cuja a extensão do tampo não exige o encaixe e desencaixe de peças, apenas a movimentação de partes do móvel (figura 26) e um balcão com uma porta deslizante (figura 48), que ao ser aberta fica escondida dentro do próprio móvel. Na mesma residência também estava um conjunto de balcões, sendo um de chão e um aéreo, produzidos na década de 1950.

Figura 48 – Balcão e detalhe da abertura



Fonte: Foto do Autor (2019).

Também foram identificados móveis produzidos em 1948 ou 1949 formado por um “terno de sala”, composto por duas poltronas, um sofá de três lugares, um carrinho de bebidas, um aparador e um relógio, uma sala de jantar composta por mesa e uma cristaleira, além de um conjunto feito sob medida, formado por um sofá de dois lugares e dois armários de canto. Originalmente os móveis tinham acabamento em madeira lustrada, como é possível identificar na figura 49, sendo que o estofado era em couro verde. O acabamento branco e dourado foi realizado em uma reforma sofrida pelo mobiliário.

Figura 49 – Poltrona; móvel sob medida



Fonte: Fundação Eny.

Figura 50 – Aparador, relógio e carrinho de bebidas



Fonte: Fundação Eny.

O Colégio Marista Santa Maria, ao longo de sua história, passou por diversas expansões e muitos dos móveis que davam uso a estes espaços foram produzidos na EAO, sendo que alguns destes móveis ainda estão em uso, como armários, que tinham seu uso original nos laboratórios e cristaleiras que protegiam os objetos do museu do colégio. Bem como um conjunto de poltronas e um sofá, e seis cadeiras de espaldar alto.

Figura 51 - Poltronas e Sofá; Cadeira de espaldar alto.



Fonte: Foto do Autor (2019).

Figura 52 - Cristaleira do Museu; Armário do Laboratório.



Fonte: Foto do Autor (2019).

Da mesma forma, a Escola de Artes e Ofícios Feminina, a Escola Santa Terezinha, hoje Colégio Manoel Ribas, teve seus móveis produzidos nas oficinas da EAO, e alguns exemplares se encontram preservados no Memorial Manoel Ribas.

De maneira geral, o mobiliário identificado, se encontra preservado e mantido em bom estado de conservação, sendo que a qualidade construtiva e dos materiais empregados na época se comprova no fato que todos os móveis são utilizados em suas funções originais. Chama atenção também, que nos casos em que já foram reformados, as reformas tiveram motivação estética, salvo o caso do conjunto de sofá e poltrona, nos quais o estofado se desgastou ao longo de 50 anos de uso diário.

3 METODOLOGIA

Este projeto se constitui em uma pesquisa qualitativa aplicada que se utiliza de pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Lakatos e Marconi (2017) a pesquisa documental se restringe a documentos como ofícios, relatórios, correspondências, atas e escrituras entre outros, tendo como fonte arquivos públicos ou particulares, enquanto a pesquisa bibliográfica abrange jornais, revistas, livros, teses, dissertações.

Assim, buscando alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, estão sendo empregados diferentes métodos científicos, pois a temática caminha entre diferentes áreas do conhecimento técnico científico embora, seja necessário recorrer também ao conhecimento histórico daqueles que vivenciaram as diferentes épocas que formam o universo da pesquisa.

Desta forma, a busca se deu inicialmente na instituição que deu origem a Escola de Artes e Ofícios, a Coopfer, que no momento ainda tinha como sede a edificação histórica construída para tal. No local, se teve acesso a Relatórios Anuais apresentados pelo Conselho Administrativo, documentos diversos, Atas de reuniões, e aos móveis fabricados nas oficinas da EAO especificamente para o local e também no local foi possível fazer contato com alguns dos sócios remanescentes da Cooperativa.

No mesmo período teve início uma pesquisa no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM), lá estavam disponíveis alguns Relatórios Anuais da Coopfer, através de fotografias externas do edifício onde funcionava a EAO e jornais de época. Posteriormente o AHMSM tornou-se o destino da documentação e acervo existente na sede da Coopfer, em decorrência da venda do edifício sede da mesma. Outras fontes de pesquisa bibliográfica foram utilizadas na pesquisa, como a Casa de Memória Edmundo Cardoso, onde também se

encontram alguns Relatórios Anuais da Coopfer e fotografias de época, além do Museu do Trem de São Leopoldo, que hoje resguarda o maior acervo documental referente as ferrovias gaúchas e instituições a ela relacionadas, sendo que no local existem documentos relativos a Coopfer. Na Fundação Eny estão disponíveis fotografias externas do edifício sede da Escola.

Embora estas fontes proporcionem grande volume de informações, o conhecimento lá contido se restringe a registros técnicos, realizados pela Coopfer e observações relatadas por jornalistas. Buscando complementar as informações existentes e possibilitar a criação dos elos faltantes, seja por inexistência de documentação extraviada ao passar do tempo ou por simplesmente não ter sido registrada, se faz importante buscar informações junto a pessoas que vivenciaram o funcionamento da EAO e também de sujeitos que possuem mobiliários lá fabricados. Para tal, ocorreu a busca de de ex-funcionários da Cooperativa, bem como ex-ferroviários e seus descendentes como intuito de tentar identificar móveis fabricados na EAO e também o universo que constituía o funcionamento da instituição.

Com os dados resultantes desta pesquisa foi elaborado um livro com o objetivo de preservar o patrimônio histórico produzido nas oficinas da EAO. O livro possui 114 folhas e contem fotografias atuais dos móveis identificados como produzidos pela EAO, assim como reproduções de fotografias contidas nos documentos e jornais pesquisados, este livro também contém informações sobre a Escola de Artes e Ofícios e Coopfer, assim como informações explicando características dos móveis.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho analisou a produção da Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, através dos registros realizados pela Coopfer, jornais, relatos e dos móveis lá produzidos que ainda hoje resistem às ações do tempo e mudanças dos modos de vida da população. Entretanto, para compreender a real dimensão da importância do mobiliário produzido pelos alunos da EAO, se faz necessário retomar os elementos que contribuíram para criação e funcionamento da escola, bem como aqueles que levaram ao encerramento de suas atividades após 63 anos de funcionamento através de sua história. A EAO é fruto da cooperativa de ferroviários, que viram na união a possibilidade de melhorar seu poder aquisitivo e proporcionar melhor qualidade de vida para suas famílias. Assim uma vez estabelecida financeira e comercialmente, a cooperativa tratou de cumprir seus

objetivos, fundando em 1º de maio de 1922 a EAO, com o objetivo de proporcionar ensino técnico profissionalizante de qualidade para os filhos dos associados da Coopfer, que por sua vez era a mantenedora da instituição através do Fundo de Beneficência, criado para financiar o ensino de qualidade. Já em seu princípio, a escola proporcionou aos filhos dos ferroviários máquinas e ferramental dos mais avançados disponíveis na época, adquiridos diretamente da Europa, local de onde contratou profissionais altamente qualificados que auxiliaram na elaboração dos cursos técnicos e desempenharam um importante papel na formação dos estudantes. Durante a sua história, milhares de alunos fizeram proveito destes benefícios, que geraram não apenas conhecimento para uma profissão futura, como renda aos que trabalhavam nas oficinas.

Como dependente direta da Cooperativa, a Escola estava suscetível aos problemas administrativos e financeiros que porventura se abateriam sobre a primeira. Desta forma, ao longo dos anos é perceptível a mudança de interesses daqueles de faziam parte da mesma e embora na época o fato possa ter se caracterizado como rotineiro ou mesmo ter sido desaperecebido, ao analisar cronologicamente os documentos da Cooperativa se percebe, que o parecer apresentado pelo Conselho de Administração em 22 de janeiro de 1942³⁰, foi o primeiro demonstrativo das divergências entre os interesses daqueles que fundaram a Cooperativa e aqueles que na data eram parte dela. Um dos temas em pauta tratava da unificação das associações ferroviárias do estado e desta forma, embora a Cooperativa fosse a maior em número de cooperativados, outros ideais passariam a concorrer com os que se tornaram conhecidos por todos durante o crescimento da Cooperativa.

Entretanto a colocação de que era o interesse em continuar adquirindo produtos a valores mais baixos que o de mercado poderia sobrepujar o interesse pela manutenção das escolas, não demonstra necessariamente uma mudança nos ideais que originaram a Cooperativa, pois foi exatamente a elevação dos valores dos produtos vendidos no Economat que impulsionaram a criação da Cooperativa. Entretanto a expansão do número de escolas para os ferroviários e o reconhecimento em âmbito nacional obtido pela Escola de Artes e Ofícios, foi um dos suportes para manutenção da mesma.

Embora talvez não tenha sido profundo o suficiente a ponto de tornar-se um fator transformador, como os que levaram Escolas de Artes e Ofícios de outros países a transformarem-se em escolas de Desenho Industrial ³¹, ou talvez o oposto tenha ocorrido, tornando a realização da Cooperativa como algo cujos ideais de sua criação deveriam se manter

³⁰ Página 43 desta dissertação.

³¹ As escolas Técnicas do Rio Grande do Sul.

inalterados, sendo este o caso, tais ideais não resistiram às mudanças e necessidades educacionais e financeiras da Cooperativa.

Independente da razão, o esforço pela manutenção do nobre objetivo de possibilitar educação aos filhos dos ferroviários gaúchos e também possibilitar uma qualificação técnica de qualidade se concretizou através de ações tomadas inicialmente pela diretoria da Cooperativa, e posteriormente pelos diretores da Escola, que mantiveram um quadro de professores altamente qualificados possibilitando que milhares de alunos e aprendizes tenham sido formados. E durante anos tal formação envolvia diversas especialidades, sendo a Marcenaria a que alcançou maior destaque e ainda hoje é reconhecida popularmente quando o tema trata da “Escola Hugo Taylor”, pois além da qualidade dos produtos e técnicas aplicadas na fabricação, os móveis da escola se destacavam, pois, mantinham seus estilos em consonância com as tendências da época, como também estavam acessíveis exclusivamente a trabalhadores cuja faixa salarial não era elevada.

Com isto, cooperativados poderiam adquirir mobiliários em estilos clássicos como Luiz IX, rústicos como o colonial, ou estilos “modernos” como o Art Déco, Streamliner e Bauhaus, que normalmente seriam inviáveis, tanto pela disponibilidade, quanto pelo custo.

Da mesma forma a qual cooperativados se beneficiavam das vantagens da Cooperativa, esta era dependente dos primeiros (associados), tanto dos seus ideais como monetariamente. E, pelo que pode ser apurado, partindo dos próprios relatórios da Cooperativa, embora esta tenha prosperado muito e gerado grande volume de capital, a mesma não foi capaz de manter-se economicamente estável frente a mudanças governamentais e econômicas, permanecendo sempre dependente do número de associados, sendo incapaz de criar soluções inovadoras que levassem a atualização das suas necessidades frente às realidades do entorno. Desta forma a medida que o volume de cooperativas reduzia, seja por questões ideológicas, como a abrupta mudança de governo ocorrida em 1964, que levou a criação da figura do Interventor Federal dentro da Diretoria da Cooperativa, ou por questões econômicas, como o processo de encampação da VFRGS pela RFFSA e posteriormente a privatização da mesma, a Cooperativa paulatinamente perdia sua capacidade operativa, pois se via com uma grande folha de pagamento e reduzido fluxo de vendas, por relutar em expandir o mercado para o público externo a mesma.

Soma-se a isto um incêndio ocorrido em 1954, que penalizou a operação da mesma e apenas retomou as atividades normais com auxílio do Governo Federal, pois a sua mantenedora não dispunha de capital para arcar com a reconstrução e recuperação dos danos sofridos, sofria um lento processo de esgotamento que culminou no encerramento de suas atividades, em uma

época em que as máquinas que traziam o desenvolvimento já não eram comandadas pelos ferroviários.

Entretanto, muitos dos móveis hoje remanescentes, representantes da “maior realização cooperativista do Brasil”³² se encontram incógnitos, primeiramente preenchendo espaços em residências ou estabelecimentos comerciais pela sua qualidade construtiva, que proporcionou sua perpetuação e em segundo plano sua função. Poucos são aqueles que ainda pertencem a descendentes de Cooperativados ou particulares, que orgulhosamente reconhecem a qualidade da construção e habilidades dos jovens artífices, seus mestres e também o valor que a Escola de Artes e Ofícios teve na história da cidade de Santa Maria.

Desta forma, se apresenta a relevância desta pesquisa, ao fazer um levantamento o tanto quanto possível detalhado, das informações disponíveis a respeito dos móveis produzidos, processos utilizados e também os agentes deste processo, sendo eles os idealizadores, mestres, professores, funcionários, irmãos maristas ou os alunos, que anualmente apresentavam mostras dos seus trabalhos em exposições, demonstrando que o objetivo da EAO havia sido alcançado e anualmente se renovava através das criações dos aprendizes. As expressões utilizadas nos jornais da época para descrever a qualidade dos produtos expostos reflete a habilidade e criatividade que pode ser percebida nos registros de época e nos móveis identificados, que embora sejam em número reduzido são de grande valia para este trabalho e a perpetuação do patrimônio material móvel de Santa Maria.

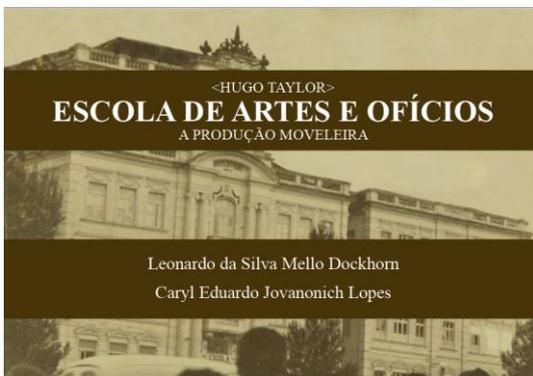
5 PRODUTO

Com o material coletado nesta pesquisa foi elaborado o livro de fotografias intitulado: Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor> - A produção moveleira. Neste livro estão presentes reproduções de fotografias de época, retirados de relatórios, jornais, documentos e outros materiais, bem como fotografias atuais de móveis preservados e, buscando contextualizar a produção, algumas informações que o autor julgou pertinente, pois tendo em vista que atualmente grande parte da população desconhece a história da EAO, bem como da Cooperativa de Consumo dos empregados da V. F. R. G. S. e da própria V. F. R. G. S., estarão presentes informações históricas relevantes que auxiliarão na compreensão dos acontecimentos que

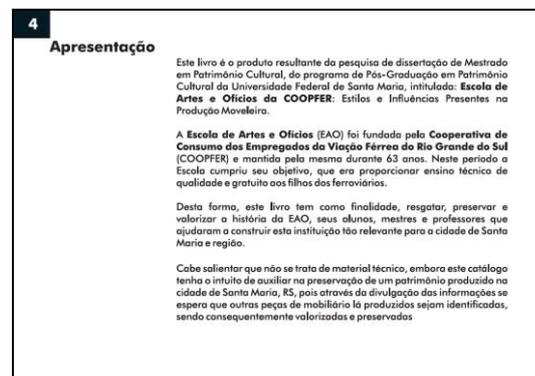
³² Escola de Artes e Ofícios, 12 de agosto de 1928.

marcaram a história destas instituições, sendo que este livro tem por objetivo preservar e valorizar a história da EAO através de sua produção de móveis.

Cabe salientar que não se trata de material técnico, embora este livro tenha o intuito de auxiliar na preservação de um patrimônio produzido na cidade de Santa Maria, RS, pois através da divulgação das informações se espera que outras peças de mobiliário lá produzidos sejam identificadas, sendo consequentemente valorizadas e preservadas. Desta forma, este livro não é uma obra concluída, sendo passível de acréscimos e correções à medida em que novas informações cheguem ao conhecimento do autor, sendo esta uma das razões pela qual se acredita que seja pertinente, pois ao divulgar as informações coletadas se torna possível a preservação da memória de instituições que participaram da construção da história da cidade de Santa Maria e assim espera-se que este trabalho possa instigar a população, descendente ou não de Ferroviários e/ou Cooperativados, a buscar se apropriar de sua história e que desta busca possa resultar na identificação de mais móveis e produtos oriundos da Escola de Artes e Ofícios e desta forma permitir que outros elementos deste Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Santa Maria sejam preservados.



	Sumário
Apresentação	04
Contexto histórico	07
Cooperativa de Consumo dos Empregados da V.E.R.G.S.	13
Escola de Artes e Ofícios <Hugo Taylor>	19
Exposições e premiações	31
Oficinas	39
Mobiliário	
Moderno Dormitórios	49
Colonial Dormitórios	65
Modernos Salas	71
Provençal Salas	79
Moderno Jantar	85
Provençal Jantar	91
Outros móveis	95
Móveis Institucionais	101
Outros Produtos	107
Referências	112



5

Isto posto, este catálogo não é uma obra concluída, sendo passível de acréscimos e correções à medida em que novas informações cheguem ao conhecimento do autor.

E espera-se que este trabalho possa instigar a população, descendente ou não de Ferroviários e/ou Cooperativistas, a buscar se apropriar de sua história e que desta busca possa resultar na identificação de mais móveis e produtos oriundos da Escola de Artes e Ofícios, permitindo que outros elementos deste Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Santa Maria sejam preservados.

Aproveite a oportunidade para agradecer a todos aqueles que colaboraram para a realização desta pesquisa, sejam como protetores do Patrimônio Cultural, guardiões dos acervos que possibilitaram a realização deste trabalho ou aqueles que se dispuseram a compartilhar suas histórias e móveis que, agora, fazem parte deste livro.

8

Santa Maria, Rio Grande do Sul, tem sua origem documentada pela Comissão de Demarcação Militar, que chegou em 1787 na localidade para demarcar os territórios pertencentes a Portugal e Espanha (BELEM, 2000).

Embora provavelmente já houvesse um povoado no local, pois já haviam estradas abertas por padres Jesuítas, como pondera Vianini (2004), a informação é complementada por Bicho (1999) que o local já teria anteriormente a denominação de Guarda de Santa Maria.



Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul de 1877
Arquivo do Arquivo Nacional

10

Embora o período fosse conturbado, o crescimento do transporte ferroviário era constante e em 05 de junho de 1905 foi criada a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), que passou a ser administrada pela empresa de capital Belga Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer ou Brésil (Auxiliaire).

A Auxiliaire transferiu suas escritórios e a administração da VFRGS para Santa Maria e trouxe muitas das estruturas ferroviárias que eram acompanhadas por um grande número de funcionários, que, naturalmente traziam renda ao local, mas também demandavam produtos e serviços diversos.

Em 21 de junho de 1920, o então Presidente Epitácio Pessoa encomprou as linhas controladas pela companhia Belga, posteriormente transferindo o controle das mesmas para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1922.

Quando o governo do estado assumiu o controle da VFRGS os escritórios foram transferidos para a capital, Porto Alegre, assim foram descentralizadas algumas oficinas de manutenção, entretanto a Santa Maria seguiu como principal entroncamento ferroviário do estado e contando com o maior número de ferroviárias ligadas à VFRGS.

Em 1937 foi criada a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), que iniciou o processo de encompração da VFRGS em 1959.



Locomotiva Schwartzkopff, número 832 da VFRGS
Behring, 2018, p. 128



Trem Ferroviário, em 1922
Museu do Trem de São Leopoldo

Cooperativa de Consumo dos Empregados da V.F.R.G.S. 13

O contexto histórico 07

9



Primeira estação férrea de Santa Maria
Balem, 2000



Estação férrea Central de Santa Maria
Balem, 2000

Possados 100 anos do início do povoado, no dia 10 de setembro de 1885 ocorreu o fato determinante para que Santa Maria viesse a ser a cidade que é hoje. Neste data foi finalizada a colocação das trilhas da estrada de ferro entre Santa Maria e a capital do estado, Porto Alegre.

Devido a demanda do comércio local o Dr. Eugênio de Melo, então diretor da Estrada, liberou o transporte de cargas antes da inauguração oficial da estrada de ferro, que se deu apenas em 15 de outubro de 1885 (BELEM, 2000).

Em data incerta, foi inaugurada a primeira estação férrea da cidade, que ficava no bairro que viria a ser conhecido como Bararê, próxima às margens do arroio Itambê. A estação foi demolida na década de 1940.

A estação Central de Santa Maria, foi construída entre 1889 e 1899, sofrendo ao longo dos anos diversas ampliações, embora ainda hoje seja possível identificar o edifício original, que se encontra com muitas de suas características originais preservadas.

1-O bairro Bararê, fica ao norte da Estação Férrea e seu nome se deve a estrada de ferro que por ali passou, e que tinha como origem a cidade de Bararê, no estado de São Paulo.

11

A fotografia abaixo, de 1935, exemplifica a extensão do mancho ferroviário. No canto da fotografia está a Estação Férrea, acima a Vila Belga, cuja construção foi finalizada em 1909 e à esquerda da estação se nota a extensão das oficinas existentes e ao fundo o depósito de locomotivas ao lado do então Escola Feminina de Artes e Ofícios, hoje Colégio Estadual Manoel Ribas.



Vista aérea da Gare de Santa Maria
Azerou Hella e Wilson Alta

Três empresas de capital estrangeiro desempenharam um importante papel na história da VFRGS.

Compagnie des Chemins de Fer Sud-Ouest Brésilien (Sud-Ouest), empresa de capital Belga que assumiu a construção e administração do trecho entre Cruz Alta até a margem do rio Uruguai, na divisa com Santa Catarina, finalizou o trecho em 31 de janeiro de 1898 e estabeleceu seus escritórios em Santa Maria.

Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer ou Brésil (Auxiliaire) se estabeleceu no Brasil em 24 de abril de 1898 e recebeu o concessão para operar a linha Porto Alegre-Uruguaiana, transferindo os escritórios e oficinas para Santa Maria em 1901.

Brazil Railway Company assumiu o controle da Auxiliaire e consequentemente das estradas de ferro do estado em 1911 (COOPFER, 1963), sendo que esta situação permaneceu até 1919, quando brevemente a Auxiliaire reassumiu o controle das operações, para em 18 de junho de 1920, devido a problemas financeiros, ter o controle rampado pelo governo do Estado (FLORES, 2007).

14

Em 1906 os ferroviários, que já eram em grande número na cidade, entraram em greve demandando um aumento substancial dos salários, que foi negado pelo então diretor da Auxiliaire, Dr. Gustavo Yauthier. Como compensação da manutenção salarial foi criada o "Economat", um sistema de venda de produtos a custo reduzido que favorecia os ferroviários. Neste sistema os ferroviários tinham redução de até 40% do valor do produto, em relação ao comércio local. Os produtos poderiam ser adquiridos em armazéns localizados em Santa Maria, Rio Grande e São Leopoldo, ou ainda em vagões especiais destinados pela Auxiliaire para atender outras localidades e os ferroviários que moravam próximos a estrada de ferro.

O Economat perdurou até 1911, quando a Brazil Railway Company assumiu o controle da Auxiliaire e optou por vender o Economat a um particular que rapidamente passou a praticar preços de mercado, ocasionando descontentamento por parte dos ferroviários (COOPFER, 1963). Segundo Feres (1999), a experiência dos ferroviários com o Economat fez com que percebessem que mesmo sem melhoria salarial, seu poder aquisitivo aumentou consideravelmente.



Edifícios da Cooperativa em 1923
Cooper, 1924



Edifício da Cooperativa inaugurado em 1932
Cooper, 1933

24

Construção de internato - fechada
Cooper, 1931

Vista dos edifícios da Escola e do internato
Cooper, 1942

Exemplar solicitado ao alunos no ano de 1942
Cooper, 1942

25

Biblioteca Dr. Vouturier
Cooper, 1928

Biblioteca Vouturier
Cooper, 1928

No edifício havia uma pequena, porém bela capela, cujas obras foram traçadas de França.

A biblioteca era anexa à secretaria da Escola, se destinando exclusivamente à consulta local e cabia ao secretário os tarefas de catalogação e preservação do acervo da biblioteca (COOPER, 1942), sendo que a grande quantidade e qualidade dos livros disponíveis na biblioteca em parte se deve por sua origem, como é relatado a seguir:

...mas um passo gigantesco deu para frente a Escola, graças à generosidade, ao espírito altruísta e criativo do Excmo. Srmo. D. Conceição Ribas que cedeu, para glória dos alunos do Cooperativo e de seus filhos, ricos remanescentes da magnífica biblioteca do falecido Dr. Gustavo Vouturier. (BIMACOS AMBROSAS, 1976, p. 283)

26

No dia 20 de outubro de 1954 um incêndio de grandes proporções atingiu o Internato da Escola, como, no dia, não havia caixa de bombeiros na cidade de Santa Maria, o prédio foi consumido pelas chamas que afetou o edifício das oficinas, as quais sofreram danos substanciais (COOPER, 1955), o sinistro, que iniciou no final da tarde, consumiu "grande ole do prédio da Escola que comportava as salas do Museu, Capela, Dormitórios, Refeitórios, estudos dos internos e outras dependências" (COOPER, 1960, p. 2).

O fogo na madrugada
Cooper, 1963

Primeiras horas do incêndio
Cooper, 1955

27

No ano de 1957 a Cooperativa recebeu recursos para a reconstrução do Edifício, junto a Diretoria do Brasil Industrial do Ministério da Educação e Cultura, e também um "crédito especial" liberado através da Lei nº 3.122, assinada pelo presidente Getúlio Vargas.

No final de 1958 as obras, realizadas por Porquissal Flores, já estavam finalizadas, e as oficinas já operavam quase integralmente e com novas e modernas máquinas (COOPER, 1959), entretanto a inauguração oficial do espaço reconstruído se deu apenas em 04 de janeiro de 1960 (COOPER, 1961), sendo que a "nova reconstrução obedecia aos ideais das fundações da Cooperativa, na construção e sadia demonstração de altruísmo, no desenvolvimento a causas de bem-estar que forma o base moral do cooperativismo." (1960 diário, p. 1).

Sala Nebra
Cooper, 1963

Sala Nebra
Arroz: ARAZM

Pala do Sala Nebra
Cooper, 1963

28

Edifício da Escola de Artes e Oficinas em 1944
Cooper, 1955

29

Edifício da Escola Industrial Hugo Taylor de Artes e Oficinas
Cooper, 1955

Exposições e premiações 31

32

O jornal Diário do Interior de 25 de janeiro de 1927 trazia o foto de encerramento da Escola de Artes e Oficinas como destaque no centro da página, noticiando ainda que haviam 8 seções em funcionamento, sendo elas: marcenaria com direção do "Mestre L. Georgete e tendo como contra-mestre Adeodato Lobato", estofaria, com direção de Lybio Cardoso; fundição comandada por Lourenço Shultz; eletricidade, por Juvenal Machado; ferraria, com Maurício Carvalho; caldearia por Willy Willy; torrefação por Roberto Romano; escultura e pintura, por F. C. Lobo, sendo que todas foram fortemente elogiadas pelo jornal após a visita que ocorreu no dia anterior à abertura da exposição e acompanhada por Manuel Ribas, então diretor comercial da Cooperativa (ESCOLA, 1927, p. 1).

No ano seguinte, a exposição que ocupava todas as salas do EAO, teve início dia 17 de dezembro, e encerramento dia 25 do mesmo mês e, novamente no primeiro dia houve a formatura dos alunos e o entrega dos prêmios aos destaques (DIÁRIO DO INTERIOR, 1928 dezembro).

"A impressão dos visitantes, ao percorrerem o recinto da exposição, era de surpresa e de justificado orgulho baianista, por possuímos em nossa cidade um estabelecimento que suplantou em organização e aproveitamento os seus congêneres da América do Sul." (ESCOLA, 1928, p. 1).

Cooperativa de Consumo dos Empregados da Vila de Foz de Iguaçu - Rio Grande do Sul

CONVITE

A Diretoria da Cooperativa tem a prazere de convidar a todos os membros para a abertura da exposição de Artes e Oficinas da Avenida Rio Branco, no dia 20 de dezembro, às 10 horas, e a abertura de vendas em seu prédio, no dia 21, às 10 horas, e a abertura de vendas em seu prédio, no dia 22, às 10 horas, e a abertura de vendas em seu prédio, no dia 23, às 10 horas, e a abertura de vendas em seu prédio, no dia 24, às 10 horas, e a abertura de vendas em seu prédio, no dia 25, às 10 horas.

Convite para a Exposição de 1927
Diário do Interior de 23 de dezembro de 1927

Seção de Estofaria - Exposição de 1927
Cooper, 1927

33

Secção de Torno Mecânico - Exposição de 1932
Coopler, 1932

Secção de Escultura - Exposição de 1932
Coopler, 1932

Um dos grandes atrativos das exposições se dava não apenas pela impressionante qualidade dos produtos apresentados, mas também pela variedade, pois todas as secções participavam, assim os visitantes podiam observar ferramentas, utensílios domésticos, equipamentos elétricos, pinturas, esculturas, peças de mobiliário urbano e móveis para diferentes cômodos, sendo que os móveis não se limitavam apenas a construções em madeira, mas também são vistos móveis em metal e vidro, sendo de estilos variados. Percebe-se móveis em estilo clássico e também mobiliário em consonância com os estilos europeus vigentes.

Secção de Torno Mecânico - Exposição de 1932
Coopler, 1934

35

Secção de Ajustagem - Exposição de 1932
Coopler, 1934

Secção de Eletricidade - Exposição de 1932
Coopler, 1933

Para alcançar o excelência no processo de ensino técnico e industrial, inicialmente era necessário que os estudantes oriundos de diversas regiões e realidades chegassem a um certo entendimento de todos os passos do processo de fabricação do mobiliário, que se iniciava na concepção do móvel e finaliza em apenas quando o mesmo recebe o acabamento final.

Assim os alunos possuíam a maior parte de sua carga horária voltada para disciplinas técnicas, como Desenho Técnico e Física de Oficina e Tecnologia, que ocupavam maior parte da carga horária dos estudantes nos primeiros dois anos e chegavam a mais de 2/3 (dois terços) do total de aulas nos últimos dois anos do curso. Da mesma maneira, as demais disciplinas eram direcionadas para embasarem a formação técnica dos alunos.

Secção de Forja - Exposição de 1932
Coopler, 1934

39

Officinas

41

Inauguração dos pavilhões das Oficinas em 1º de maio de 1925
Coopler, 1926

34

Secção de Fundição - 1922
Coopler, 1933

O processo de aprendizagem podia ser visto nas exposições anuais onde além dos diversos produtos fabricados pelos aprendizes, também estavam expostos os estudos realizados nas aulas de desenho técnico, na quais os alunos projetavam os móveis que iriam produzir.

Fotografias das exposições permitem ver os esboços efetuados na parede atrás do produto exposto, destacado na imagem abaixo com o numeral 01, assim como a secção na qual foi produzido e o nome do aluno, informações destacadas com o numeral 02.

Isso permitia que o público visitante compreendesse o processo de produção, ao mesmo tempo que demonstrava as habilidades aprendidas pelos alunos das dependências da EAO.

Secção de Marcenaria - exposição de 1921
Coopler, 1932 - Grilo do autor

36

Para isto, o Programa dos Aprendizes para 1942, da Escola de Artes e Ofícios "Hage Taylor" apresentava a seguinte distribuição das práticas:

1º ANO
Conhecimento elementar sobre o ofício escolhido, o instrumento a utilizar, o manejo do instrumento vantajosamente; aplicações leves no correr do ano. Propriedades e uso dos diversos materiais.
Observações - Os mestres procuravam habilitar os alunos à máxima economia do material e da ferramenta.

2º ANO
Intensificação dos conhecimentos adquiridos no primeiro ano, aplicações industriais, confecção de objetos de uso corrente. Familiarização com as máquinas afiladas ao ofício escolhido. Adaptação dos conhecimentos adquiridos às normas da industrialização (aprendizagem produtiva).

3º ANO
Execução pessoal ou agrupada de todos os serviços que possam apresentar-se no seu ofício. Trabalhos complexos. Bom acabamento das peças.

Secção de Pintura - Exposição de 1932
Coopler, 1933

40

A construção do pavilhão destinado para as secções de Carpintaria e Marcenaria foi iniciada durante a construção do edifício do internato, porém ao ficar pronto já se percebeu a necessidade de ampliar a área destinada ao aprendizado industrial e assim, no mesmo ano se iniciou a construção dos pavilhões das oficinas, que foram inaugurados em 1925.

Com intuito de oferecer o melhor ensino aos alunos, Manoel Ribas, em viagem à Europa, contratou arquitetos alemães para organizar e dirigir as cursos técnicos da EAO (IRMAOS MARISTAS, 1976). Em 1932 a escola contava com 11 mestres, sendo 03 deles brasileiros, 04 alemães, 01 português e 01 italiano.

Pavilhão das secções de Marcenaria e Carpintaria
Coopler, 1923

Construção das Oficinas - 1923
Coopler, 1924

Construção das Oficinas - 1923
Coopler, 1924

42

No dia 20 de setembro de 1925 ocorreu a concretização de outro objetivo da Cooperativa: a inauguração dos pavilhões destinados às oficinas e que, juntos, somavam 2.100 metros quadrados (IRMAOS MARISTAS, 1976).

No 1º pavilhão estão instaladas as oficinas de carpintaria e marcenaria, com suas modernas máquinas, bancos de aprendizes e tornos.

Ao fundo está o aparelhamento para fundição, laminação e moldagem de ferro, aço e bronze. Esta secção acha-se esplendidamente instalada.

Funcionam igualmente as secções de ferreiros, caldeiros, oxigenistas e eletricitas.

Um dinamo de 18 H.P. aciona as máquinas do 1º pavilhão, e um de 25 H.P. do 2º. Tudo obedece a um magnífico motor belga de 50 H.P. (IRMAOS MARISTAS, 1976, p. 279).

Posteriormente os pavilhões das oficinas seriam ampliados para atender as demandas educacionais, chegando a ocupar uma área de 3.356,00 m², 1.926,00 m² no primeiro pavimento e 1.420,00 no subsolo (1382 Loudo 1989).

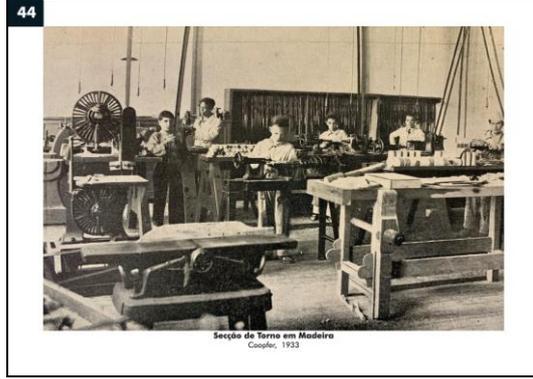
O processo de fabricação de mobiliário dentro da EAO se dava nos cursos de Marcenaria e também no curso de Trabalhos em Ferro, dentro de cada curso o aprendiz deveria escolher uma secção a qual tinha maior interesse ou afinidade.

Secção de Carpintaria
Coopler, 1926

Secção de Carpintaria prolongamento
Coopler, 1926



Seção de Marcenaria
Coopler, 1936



Seção de Torno em Madeira
Coopler, 1933



Seção de Estofaria
Coopler, 1933

Seção de Escultura em Madeira
Coopler, 1933

Seção de Escultura em Gesso e Pintores Decoradores
Coopler, 1933

O processo de fabricação dos móveis de madeira se inicia com o recebimento da madeira bruta, que era processada na carpintaria de acordo com as necessidades das outras seções, deixando em condições ideais para ser trabalhada. Na Marcenaria, a madeira recebida era trabalhada, ganhando forma e volume para dar origem ao móvel, da mesma forma o Torneiro poderia criar móveis completos ou elaborar detalhes que viriam a ornamentar outros móveis, a tarefa de ornamentação era o principal dos Estalheadores, que criavam adornos tecnicamente elaborados para serem aplicados em pontos específicos de um móvel. Enquanto na seção de Escultura eram feitas esculturas em madeira que poderiam ou não ser aplicadas em móveis.

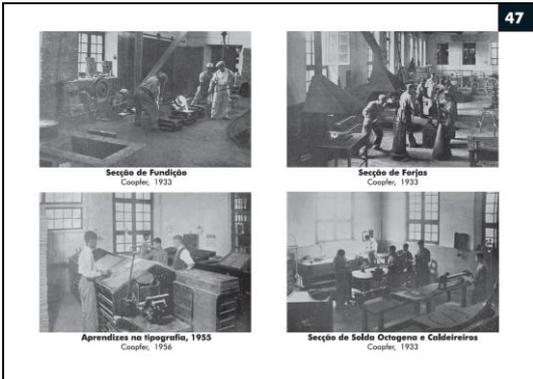


Seção de Ajustadores Mecânicos
Coopler, 1933

Seção de Torneiros Mecânicos
Coopler, 1933

Seção de Electricidade
Coopler, 1933

Na casa de costureira, palmiras ou sofá, cabia à Seção de Estofaria a tarefa de colocação de esponjas, molas e tecidos nos móveis. Há referência também a seção de Lustrar, local onde a mobília, após completamente montada recebia o acabamento final. O mobiliário em metal fabricado pelos aprendizes do curso Trabalhos em Ferro, e da mesma maneira poderia envolver diversas seções no processo, os Origineiros realizavam soldas de tubos e chapas metálicas dando forma ao móvel, enquanto fundidores, torneiros e forjadores poderiam criar adornos metálicos que seriam adicionados ao mobiliário. As peças e adornos poderiam ainda receber tratamentos realizados na seção de Galvanoplastia, que produzia acabamento metálico a peça em questão.



Seção de Fundição
Coopler, 1933

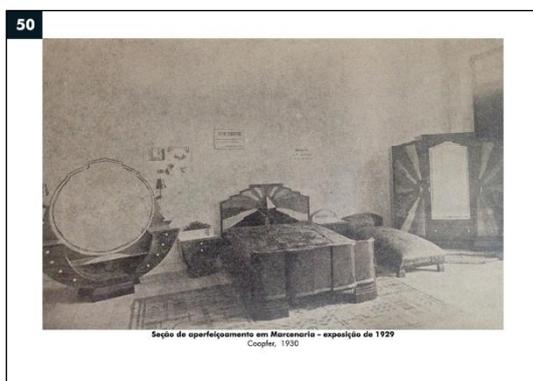
Seção de Forjas
Coopler, 1933

Aprendizes na tipografia, 1933
Coopler, 1936

Seção de Solda Octogena e Caldeireiros
Coopler, 1933



Moderno Dormitórios 49



Seção de aperfeiçoamento em Marcenaria - exposição de 1929
Coopler, 1930



Seção de Marcenaria - exposição de 1933
Dormitório «Bebês» - aprendiz Geovany Cortes
Coopler, 1934

Seção de marcenaria - exposição de 1929
Quarto «Itonnéas» - aluno Geley Bonaccorso
Coopler, 1930

O mobiliário criado e construído nas oficinas da Escola de Artes e Ofícios, embora seguisse estilos vigentes e consagrados mundialmente, sofreu influência das interpretações e particularidades dos mestres, que traziam consigo características de sua formação, e também dos alunos, sendo que esta peculiaridade traduz a identidade do artefice que a escola buscava formar.

Por esta razão os móveis produzidos pelos aprendizes não reproduziam fielmente um estilo, mas representavam uma mescla dos estilos e preferências dos aprendizes, o que possibilitou a criação de móveis únicos.

Neste capítulo foram agrupados móveis de dormitório estilo Moderno, que engloba entre outros, o Art Déco, Bauhaus e Streamline Moderne, estilos que estavam em voga na época da fundação da escola e nos anos posteriores. Estes estilos se refletem nos mobiliários, arquitetura, vestimentas, eletrodomésticos e outros produtos de consumo.

Em 1923 o Art Nouveau, caracterizado pela organicidade e assimetria, perdeu forças frente a estilos que buscavam a simplicidade das linhas e possibilidade de produção em escala industrial, como o Bauhaus, que representa a simplicidade e funcionalidade.

Entretendo o glamour de Art Nouveau estava presente no Art Déco, que apresentava linhas limpas, geométricas e formas circulares, evoluindo para o Streamline Moderne durante a década de 1930. Este estilo empregava linhas aerodinâmicas vistas até então em aviões, automóveis, aviões, embarcações e máquinas a vapor.

52

Seção de Marcenaria - exposição de 1931
Coopler, 1932

Seção de Marcenaria - exposição de 1930
Coopler, 1931

Seção de aperfeiçoamento em Marcenaria - exposição de 1929
Coopler, 1930

Seção de Marcenaria - exposição de 1930
Coopler, 1931

53

Seção de Marcenaria - Mobília de quarto - exposição de 1930
Coopler, 1931

54

Seção de Marcenaria - exposição de 1932
Coopler, 1933

55

Seção de especialização em Marcenaria - construída em carvalho nacional - exposição de 1930
Coopler, 1931

Seção de Marcenaria - exposição de 1931
Coopler, 1932

Seção de Marcenaria - exposição de 1931
Coopler, 1932

Seção de Marcenaria - exposição de 1931
Coopler, 1932

56

Seção de marcenaria - exposição de 1933
Coopler, 1934

57

Seção de Marcenaria - exposição de 1932
Coopler, 1933

Seção de Marcenaria - exposição de 1930
Coopler, 1931

Seção de Marcenaria - exposição de 1932
Coopler, 1933

Seção de Marcenaria - exposição de 1933
Coopler, 1934

58

Executado pelos alunos sob a direção do mestre
Coopler, 1936

Seção de Marcenaria - exposição de 1934
Coopler, 1935

Seção de Marcenaria - exposição de 1935
Coopler, 1936

Seção de Marcenaria - exposição de 1932
Coopler, 1933

59

Seção de Marcenaria - exposição de 1933
Coopler, 1934

60

Seção de Mercadoria - exposição de 1934
Coopler, 1935

Móveis fabricados por alunos da E.A.O.
Coopler, 1937

Quarto de Imbuia Entalhada
Coopler, 1945

Quarto de Imbuia Escuro Chepeado
Coopler, 1945

61

Seção de Mercadoria - Móveis de quarto em sucupira - Estilo Futurista
Coopler, 1945

62

Móveis fabricados por alunos da E.A.O.
Coopler, 1937

Móveis fabricados por alunos da E.A.O.
Coopler, 1937

Quarto de Sucupira
Coopler, 1944

Seção de Mercadoria - exposição de 1922
Coopler, 1923

63

Conforme José Antônio Brenner, historiador autodidata de Santa Maria, consta em Ata de Assembleia Extraordinária do Sindicato Cooperativista da VERGÉS, de 2 de Janeiro de 1914, a proposição de Hugo Taylor como denominação de uma futura escola a ser criada pela cooperativa, como homenagem ao Engenheiro Diretor do Brazil Railway (FLORES, 2008, p. 318).

Seção de Mercadoria - armário diva
Coopler, 1945

Seção de Mercadoria
Coopler, 1950

Colonial
Dormitórios **65**

66

Seção Mercadoria - Móveis em Estilo Colonial Português (Peças de dormitório)
Coopler, 1948

67

Seção Mercadoria - Estilo Colonial Português
Coopler, 1948

Neste capítulo, estão móveis de dormitório com estilo colonial, os quais possuem construção básica simplificada, entretanto ricamente ornamentadas por detalhes entalhados e torneados, normalmente com acabamento em cera ou verniz escuro.

O nível de detalhamento não é observado no dormitório em estilo rústico apresentada abaixo.

Percebe-se uma predileção pela produção de móveis de dormitório em estilos modernos, o que é coerente, por se tratar de um estilo atual, durante o funcionamento da EAO, e a produção ser realizada por jovens aprendizes.

Seção Mercadoria - Estilo Colonial Português
Coopler, 1948

Seção Mercadoria - Móveis em Estilo Rústico
Coopler, 1945

68

Roupeiros produzidos nos anos 1950 ou 1960
Imagem: acervo pessoal

Conjunto de dormitório produzido entre os anos 1950 e 1960.

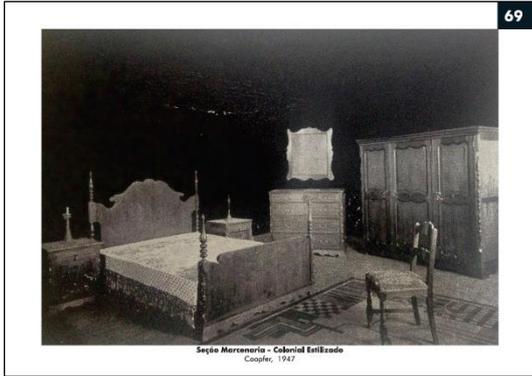
Originalmente composto por dois roupeiros, dois criados-mudos, uma cama de casal, um penteadeira e uma cadeira.

Do conjunto ainda permanecem os roupeiros e criados-mudos em suas condições originais.

É possível ver os detalhes e ornamentos produzidos pela seção de escultura.

Detalhes do conjunto de dormitório
Imagem: acervo pessoal

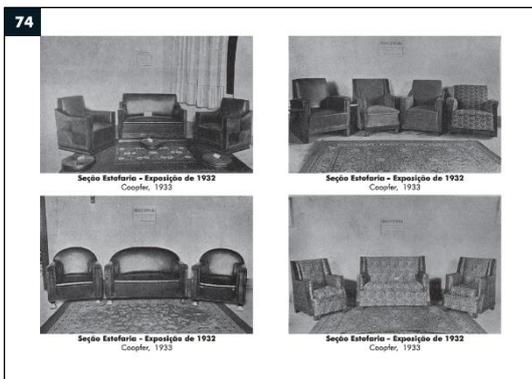
Criado-mudo
Imagem: acervo pessoal



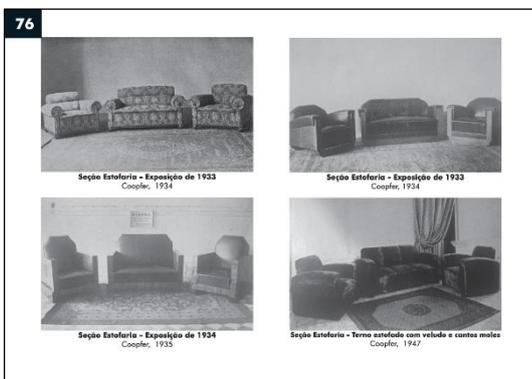
Seção Mercenaria - Colonial Estilizado
Coopler, 1947



Seção Mercenaria - Móveis em Estilo Futurista
Coopler, 1949



Seção Estofaria - Exposição de 1932
Coopler, 1932

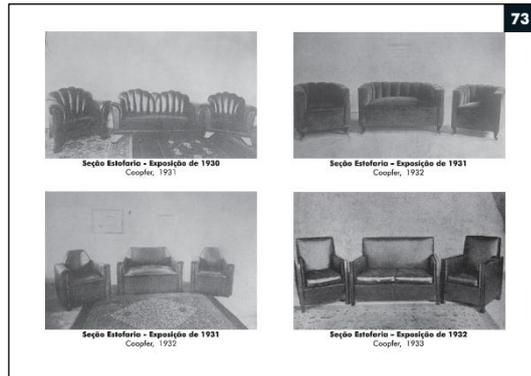


Seção Estofaria - Exposição de 1933
Coopler, 1934

Seção Estofaria - Exposição de 1933
Coopler, 1934

Seção Estofaria - Exposição de 1934
Coopler, 1933

Seção Estofaria - Terno estofado com veludo e cantos moles
Coopler, 1947

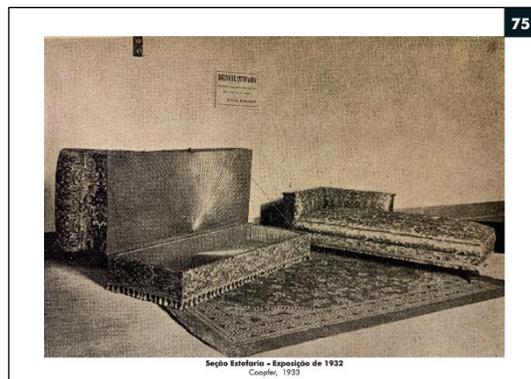


Seção Estofaria - Exposição de 1930
Coopler, 1931

Seção Estofaria - Exposição de 1931
Coopler, 1932

Seção Estofaria - Exposição de 1931
Coopler, 1932

Seção Estofaria - Exposição de 1932
Coopler, 1933



Seção Estofaria - Exposição de 1932
Coopler, 1933



Cadeira produzida para o Colégio Marista Santa Maria
Arca: Colégio Marista Santa Maria

Os Irmãos Maristas tiveram um importante papel no EAO, atuando como diretores e também professores. Também na cidade de Santa Maria os Irmãos mantiveram o Ginásio Estadual Santa Maria, atual Colégio Marista Santa Maria. Ao longo de sua história, passou por diversas expansões e muitos dos móveis que davam uso a estes espaços foram produzidos no EAO, sendo que alguns destes móveis ainda estão em uso, como armários, que tinham seu uso original nos laboratórios e cristaleiros que protegiam os objetos do museu. Bem como um conjunto de poltronas e um sofá, e seis cadeiras de espaldar alto.



Cadeira produzida para o Colégio Marista Santa Maria
Arca: Colégio Marista Santa Maria

Provençal Salas 79

81



Peltrama em veludo
Açervo: Fundação Ery



Móveis sob-medida, anos 1930
Açervo: Fundação Ery

Os pés em garra, são tradicionais do EAO.

Conjunto de móveis sob medida produzidos pelo EAO no final da década de 1940. O conjunto originalmente possuía madeira lustreada, como nas fotos acima, porém torrados em couro verde, sendo que os móveis abaixo receberam nova pintura após reforma.

A comercialização dos móveis do EAO se dava de diferentes formas, sendo que todo mobiliário produzido pelos alunos era de propriedade da escola e poderia ser adquirido pelo aluno que o produziu, por um valor 10% acima do custo de produção.

Os produtos apresentados nas exposições de final de ano poderiam ser adquiridos pelos visitantes, sendo que o que não fosse vendido era encaminhado aos armazéns da Cooperativa e poderiam ser adquiridos pelos cooperativados em até 24 parcelas, prazo que aumentou para 36 parcelas no ano de 1975.



Móveis sob-medida, anos 1930
Açervo: Fundação Ery

83



Seção Marcenaria
Coopler, 1930

86



Seção de Marcenaria - exposição de 1934
Coopler, 1935

80



Genuflexório em lauro estofado com veludo
Coopler, 1930

O genuflexório apresentado pela seção de marcenaria em 1930 é um exemplo das habilidades aprendidas pelos estudantes durante o curso profissionalizante.

O reconhecimento do alto nível de instrução do EAO se consolidou em 1937, quando o Diretor da VFRGS encaminhou um ofício à Cooperativa solicitando que, anualmente, a mesma emitiesse uma listagem dos estudantes que concluísem sua formação e seus desempenhos para que os mesmos fossem alocados nos vagas existentes.

Ainda alguns desses se tornaram professores na Escola Ferroviária da RFFSA, posteriormente transformada na Escola Municipal de Aprendizagem Industrial, e assim ainda continuam a perpetuar os conhecimentos aprendidos.



Seção Marcenaria - terno estilo Colonial Português
Coopler, 1951

82



Cadeira produzida para o Colégio Marista Santa Maria
Açervo Colégio Santa Maria

O público interessado em adquirir os móveis produzidos pelo EAO, poderia se dirigir diretamente à Escola e realizar o encomenda, que poderia incluir projetos sob medida, como vistos anteriormente e, neste caso um mestre, acompanhado de um aprendiz, se dedicava até o local para realizar as medições.

Outras instituições como os Irmãos Maristas, o VFRGS e a RFFSA adquiriram móveis fabricados de acordo com sua necessidade.

Outro fato interessante é o de alguns receberem uma porcentagem do valor de venda dos produtos, posteriormente sendo caracterizada como relação de trabalho, vindo a contabilizar como tempo de serviço para aposentadoria.



Seção Marcenaria - poltronas estofadas em couro
Coopler, 1951

Moderno Jantar 85

87



Seção Marcenaria - exposição de 1933
Coopler, 1934



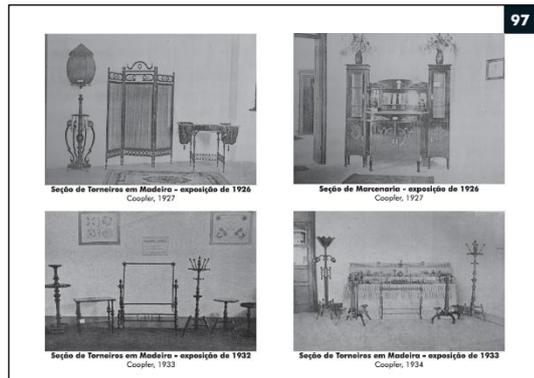
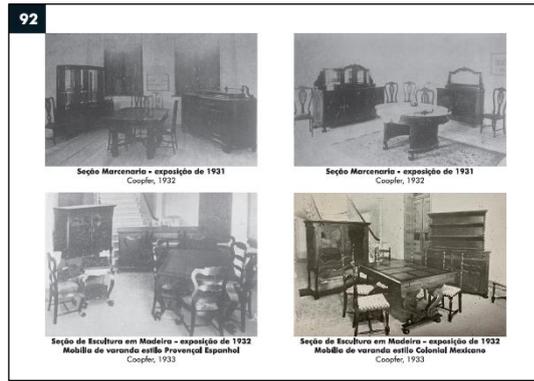
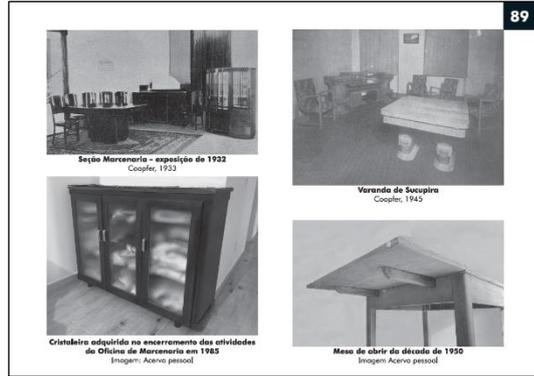
Seção Marcenaria - exposição de 1930
Coopler, 1931



Seção Marcenaria - exposição de 1931
Coopler, 1932



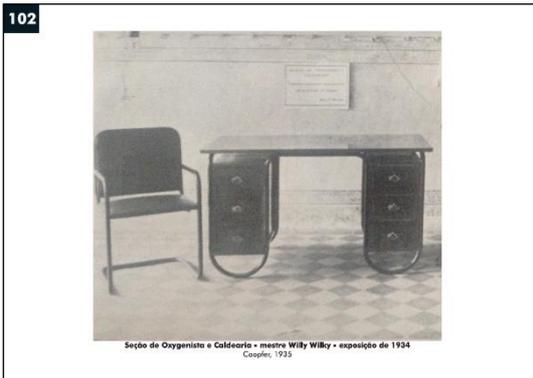
Seção Marcenaria - exposição de 1930
Coopler, 1931





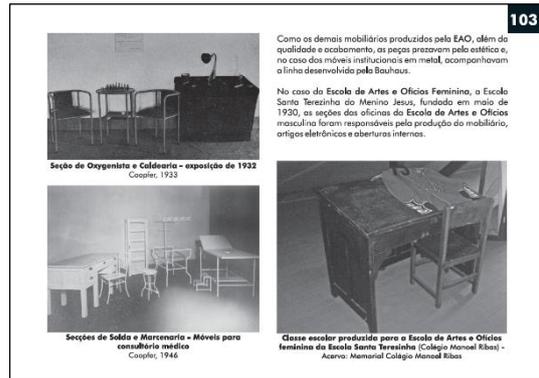
Seção de escultura em Madeira - mestre Waldemar Rosa - exposição de 1931
Cooper, 1932

99



Seção de Oxygenista e Caldearia - mestre Willy Wilky - exposição de 1934
Cooper, 1935

102



Seção de Oxygenista e Caldearia - exposição de 1932
Cooper, 1935

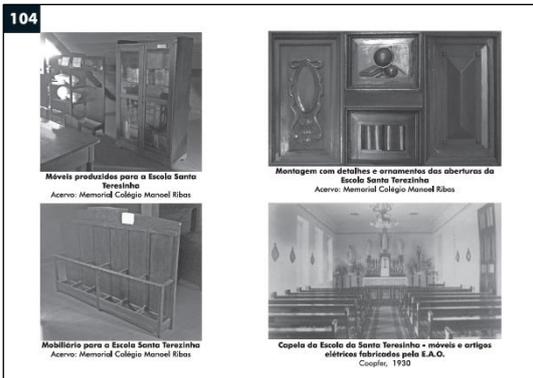
Seções de Seda e Marcenaria - Móveis para consultório médico
Cooper, 1946

Como os demais mobiliários produzidos pela EAO, além da qualidade e acabamento, as peças prezavam pelo estético e, no caso dos móveis institucionais em metal, acompanhavam a linha desenvolvida pela Bauhaus.

No caso da Escola de Artes e Ofícios Feminino, a Escola Santa Terezinha do Menino Jesus, fundada em maio de 1930, as seções das oficinas da Escola de Artes e Ofícios masculinos foram responsáveis pela produção do mobiliário, artigos eletrônicos e aberturas internas.

Classe escolar produzida para a Escola de Artes e Ofícios feminino da Escola Santa Terezinha (Colégio Manoel Ribas) - Acervo: Memorial Colégio Manoel Ribas

103



Móveis produzidos para a Escola Santa Terezinha
Acervo: Memorial Colégio Manoel Ribas

Montagem com detalhes e ornamentos das aberturas da Escola Santa Terezinha
Acervo: Memorial Colégio Manoel Ribas

Mobiliário para a Escola Santa Terezinha
Acervo: Memorial Colégio Manoel Ribas

Capela da Escola da Santa Terezinha - móveis e artigos elétricos fabricados pela E.A.O.
Cooper, 1930

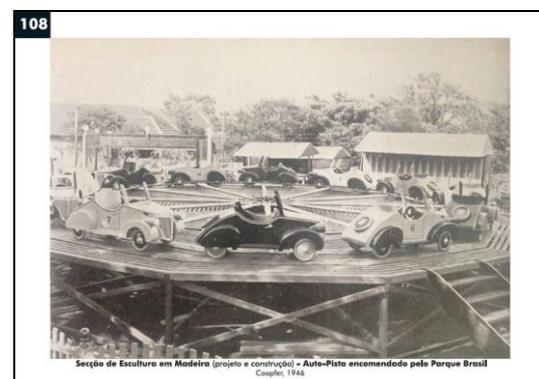
104



Armário produzido para o Colégio Marista Santa Maria
Acervo: Escola Marista Santa Maria

Armário produzido para o Colégio Marista Santa Maria
Acervo: Escola Marista Santa Maria

105



Seção de Escultura em Madeira (projeto e construção) - Auto-Pista encomendada pelo Parque Brasil
Cooper, 1946

108

109

Seção de Escultura em Madeira (projeto e construção) carrossel com capacidade para 24 pessoas
Ciolepe, 1945

Seção de Escultura em Madeira - montagem do Carrossel no Parque Teatro Recreio
Ciolepe, 1945

Neste capítulo estão alguns dos produtos desenvolvidos e fabricados pelas oficinas da EAO, que também se utilizavam de diferentes seções para sua produção, como no caso do quadro da turma de 1940, no qual o critério no centro do peço foi fundido em bronzes, embora os moldes para fundição fossem realizados pela seção de escultura.

Outros exemplos da produção das oficinas, que permanecem em bom estado de conservação, são os quadros de formatura do Ginásio Estadual Santa Maria (páginas 110 e 111), que também se utilizavam de diferentes seções para sua produção, como no caso do quadro da turma de 1940, no qual o critério no centro do peço foi fundido em bronzes, embora os moldes para fundição fossem realizados pela seção de escultura.

No quadro de 1933, é possível ver o trabalho da seção de pintura e decoração.

110

Quadro de formandos do Ginásio Estadual Santa Maria, turma de 1940 - mestre: Romano
acervo: Associação de Ex-Alunos Maristas

111

Quadro de formandos do Ginásio Estadual Santa Maria, turma de 1932 - mestre: Waldemar Rosa
acervo: Associação de Ex-Alunos Maristas

Formandos do Ginásio Santa Maria - Contadores, turma de 1939 - mestre: Waldemar Rosa
Mestre: Portogerson
acervo: Associação de Ex-Alunos Maristas

112

Referências

Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria - Arquivos do Cooperfer
Acervo do Arquivo nacional
Acervo Hélio e Wilson Alho
Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria - fotografias de Jornal Expresso
BELLEI, João. História do Município de Santa Maria 1797-1933. 3. ed. Santa Maria: UFSA, 2000.
BELLÃO, A. C. As Locomotivas a Vapor e as Ferrovias no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2018.
BEVILACQUA, F. Laudo de Avaliação Hugo Taylor. Santa Maria, 1989
COOPERATIVA de consumo: Diário do Interior, Santa Maria, ano 11, n. 23, p. 4, 28 jun.1922
COOPERFER. Discursos proferidos pelo Sr. Ary Logronhi Domingues - Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa de Consumo dos Empregados do Viação Férrea do Rio Grande do Sul, LTDA, A.6/160, por ocasião da inauguração do prédio reconstruído da Escola Ind. "Hugo Taylor", Santa Maria, RS, 6 jun. 1940.
COOPERFER. Relatório - Anos de 1918, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1919.
COOPERFER. Relatório - Aprentado a Assembléa Gerl de 1916, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1916.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1930 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1931.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1931 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1932.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1932 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1933.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1933 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia Escola de Artes e Oficinas, 1933.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1934 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia Escola de Artes e Oficinas, 1941.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1941 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia Escola de Artes e Oficinas, 1942.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1942 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., 1944.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1944 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de

113

Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., 1945.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1945 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA, 1946.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1946 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA, 1947.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1947 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA, 1948.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1948 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA, 1949.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1949 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA, 1950.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1950 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA, 1951.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1954 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA, 1956.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1956 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA, 1957.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1958 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA, 1959.
COOPERFER. Relatório - Correspondente ao Exercício de 1960 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial "Hugo Taylor" da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA, 1961.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1921, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1922

114

COOPERFER. Relatório - Exercício de 1922, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1923.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1923, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1924.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1925, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1926.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1926, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1927.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1930, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1931.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1932, Porto Alegre, Tipografia Gundlach, 1933.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1933, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1934.
COOPERFER. Relatório - Exercício de 1934, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1935.
COOPERFER. Relatório de Cinqüentenário da Cooperativa de Consumo dos Empregados do Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1913-1963). Santa Maria: Tipografia da Escola Industrial Hugo Taylor da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., 1963.
ESCOLA de Artes e Oficinas. Diário do Interior, Santa Maria, ano 16, n.291, p. 2, 27 dez. 1927.
ESCOLA de Artes e Oficinas. Diário do Interior, Santa Maria, ano 17, n.289, p. 1, 18 dez. 1928.
FLORES, João Baldélio Amaral. Fragmentos de história ferroviária brasileira e rio-grandense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), Santa Maria, o "Cidade Ferroviária". Santa Maria: Pallotti, 2007.
BRAGA MARETTAS, 1976. Escola Industrial Hugo Taylor (Ei-Artes e Oficinas) Santa Maria. Históricas, Estatísticas, Diversas no período de 1922 a 1971 (1976). Encadernado, 1976.
LOPES, C. E. J. A. Cartografia Auxiliadora dos Serviços de Furo e Borel e o Cidada de Santa Maria no Rio Grande do Sul, Brasil. Tese (Programa de Doutorado em Arquitetura de Gavioli do Departamento de Engenharia Arquitetônica). Universidade Politécnica de Catalunya, 2003.
Museu do Trem de São Leopoldo
Peres, C. B. A fotografia na narrativa histórica: O resgate da história da Cooperativa dos Empregados do Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Campinas, 1998.
RECHA, A. A. Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 1999.
VILARINO, L. M. G. Nassau Russ... nossa história. Santa Maria: Pallotti, 2004.

6. CONCLUSÕES

A realização desta pesquisa mostrou-se, como esperado, ser uma tarefa desafiadora pela razão mais simples e impactante à vida, a passagem do tempo. Pois este tem o poder de levar os sujeitos que fizeram parte da história, e de alguns dos que ficam, vão-se as memórias. Por sua vez os móveis produzidos nas oficinas da Escola, também sofrem, da forma que lhes cabe, a ação do tempo, sendo que a matéria prima que lhes constitui sua primeira fraqueza. Construídos principalmente em madeira, embora muitas vezes nobre dada a abundância de árvores nativas que existiam na região, exigem cuidado e tratamento contra a ação de insetos como cupins e broca de madeira. Igualmente, se não tratado, não é um material que fique inerte às intempéries, tampouco à ação do fogo.

Entretanto, a maior ameaça se origina em suas próprias características, pois como trazido no início desta dissertação por Blakemore e Montenegro, o reflexo de cada sociedade é visto em suas residências e mobiliários e com isto o estilo, muitas vezes marcante e completamente atualizado com o período no qual foi produzido anos mais tarde passou a estar em desacordo com as tendências em decoração de interiores, levando ao descarte precipitado de mobiliários ainda em ótimas condições de uso.

Contornadas as dificuldades naturais ao processo de pesquisa, foi possível alcançar os objetivos propostos no início desta pesquisa, identificando os estilos e influências presentes na produção moveleira da Escola de Artes e Ofícios da COOPFER, na qual foi observada traços concretos, embora representados através da interpretação pelos aprendizes, de diferentes estilos marcantes, como *Queen Anne*, *Art Déco*, *Streamline Moderne* e a influência da *Bauhaus*.

Da mesma forma, a elaboração do livro fotográfico contendo 128 fotografias de móveis e também das oficinas nas quais esses foram fabricados, possibilitou a catalogação dos móveis em estilos amplos, evitando a tentativa de delimitar cada mobiliário em um estilo, respeitando assim a liberdade criativa do seu autor. Pois, como foi levantado nesta dissertação, esta liberdade criativa ligada a expertise dos mestres resultava em objetos que invocavam admiração e levavam grande público aos locais onde eram expostos. Sendo que o esmero no acabamento e qualidade do desenho das peças é perceptível pelas fotografias que compõem o produto resultante desta pesquisa. Este fato apenas credita a produção moveleira da Escola de Artes e Ofícios como o Patrimônio Cultural Material da cidade de Santa Maria, porém somam-se ao fato as premiações recebidas em feiras fora da cidade de Santa Maria e ao discurso das pessoas que vivenciaram a época áurea da Cooperativa ou que são ou foram proprietários do mobiliário em questão.

Com isto, se espera que a publicação deste livro chegue ao conhecimento de outros proprietários de moveis, fotografias, esboços, documentos e outros elementos que possam ajudar na continuidade desta pesquisa, que trata de um vasto e ainda não completamente descoberto patrimônio histórico. Igualmente, para o estudo do mobiliário produzido pelas oficinas da EAO foi necessário um entendimento do funcionamento de todas as oficinas da Escola, revelando um grande campo para pesquisa.

REFERÊNCIAS

- A ESCOLA. **Hugo Taylor está fechada**. A Razão, Santa Maria, p. 15, 29/30 mar. 1986.
- AVIAÇÃO militar. **Diário do Interior**, Santa Maria, ano 11, n. 6, p. 1., 8 jan. 1922.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BEBER, C. C. **Santa Maria 200 anos: história da economia do município**. Santa Maria: Pallotti, 1998.
- BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria 1797-1933**. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2000.
- BEVILACQUA, R. **Laudo de Avaliação Hugo Taylor**. Santa Maria, 1989.
- BLAKEMORE, O. G. **History of Interior Design & Furniture**. From Ancient Egypt to Nineteenth-Century Europe. Hoboken: John Wiley & Sons, 2005.
- BRASIL. **Decreto nº 101**, de 31 de outubro de 1835. Autorisa o Governo a conceder a uma ou mais Companhias, que fizerem uma estrada de ferro da Capital do Imperio para as de Minas Geraes, Rio Grande do Sul, e Bahia, o privilegio exclusivo por espaço de 40 annos para o uso de carros para transporte de generos e passageiros, sob as condições que se estabelecem. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-101-31-outubro-1835-562803-publicacaooriginal-86906-pl.html>. Acesso em 06 ago. 2019.
- BRASIL. Decreto nº 11.911, de 17 de março de 1943. **Dispõe sobre o reconhecimento da Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, GB, 24 mar. 1943. Seção 1 p. 4281.
- BRASIL. **Estudos e Pesquisas para Subsidiar o Aprimoramento do Arcabouço Regulatório do Transporte Ferroviário de Passageiros**. Relatório 1A-1. Brasília, 2015.
- CARDOSO, E. **Armênio Moraes um grande mestre**. A Razão, Santa Maria, 14/15 set. 1985.
- CASTELNOU, A. **História do Mobiliário e da Decoração**. Curitiba: UTFPR, 2006.
- COOPERATIVA de consumo. **Diário do Interior**, Santa Maria, ano 11, n. 23, p. 4, 28 jan.1922a.
- COOPERATIVA dos Empregados da Viação Ferrea. **Diário do Interior**, Santa Maria, ano 11, n. 88, p. 1, 03 mai. 1922b.
- COOPFER. **Circular de 22 de janeiro de 1942**. Santa Maria, RS: Conselho de Administração, 22 jan. 1942a.
- COOPFER. Diretoria. **Contrato**, de 17 de março de 1932. Santa Maria, RS: 17 mar. 1932b.
- COOPFER. **Discurso proferido pelo Sr. Ary Lagranha Domingues – Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação**

Férrea do Rio Grande do Sul, LTDA. A 6/1/60, por ocasião da inauguração do prédio reconstruído da Escola Ind. “Hugo Taylor”. Santa Maria, RS: 6 jan. 1960b.

COOPFER. **Documento Interno n. 149.** Santa Maria, RS: Departamento Industrial, 22 jun. 1973b.

COOPFER. **Folha “5” = Fachada da Av Rio Branco.** Acervo do AHMSM, [1958?].

COOPFER. **Ofício n. 41.** Santa Maria, RS: Ginásio Industrial Hugo Taylor - Oficinas, 12 abri. 1971b.

COOPFER. Ofício Nº S-23-208. Santa Maria, RS: **Presidência**, 5 mar. 1983b.

COOPFER. Ofício Nº S-55-1282. Santa Maria, RS: **Conselho de Administração**, 8 mai. 1969b.

COOPFER. Ofício S-27-149. Santa Maria, RS: **Presidência**, 27 fev. 1986d.

COOPFER. Ofício S-30-085. Santa Maria, RS: **Presidência**, 30 jan. 1986b.

COOPFER. Ofício S-30-972. Santa Maria, RS: **Presidência**, 11 dez. 1985c.

COOPFER. **Plano de Aplicação.** Santa Maria, RS: 14 jun. 1968b.

COOPFER. **Programa de aprendizes para 1942.** Escola de Artes e Ofícios “Hugo Taylor” - Oficinas-. Santa Maria, RS: 4 mar. 1942b.

COOPFER. **Regimento Interno da Escola Industrial Hugo Taylor.** Santa Maria, RS, 1942d.

COOPFER. **Relação das Disciplinas dos Cursos Industriais.** Acervo AHMSM. Santa Maria, 1942c.

COOPFER. **Relatório do Ano Letivo de 1953** – Escola Industrial “Hugo Taylor”. Santa Maria, 1953b.

COOPFER. **Relatório do Ano Letivo de 1957** – Escola Industrial “Hugo Taylor”. Santa Maria, 1957c.

COOPFER. **Relatório** - Anno de 1918, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1919.

COOPFER. **Relatório** – Apresentado á Assembléa Geral de 1916, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1916.

COOPFER. **Relatório** apresentado pela Directoria da Cooperativa dos Empregados da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul – Exercício de 1933, Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1934.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1931 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1932.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1938 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia Escola de Artes e Ofícios, 1939.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1940 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia Escola de Artes e Ofícios, 1941.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1943 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., 1944.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1944 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., 1945.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1945 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA., 1946.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1946 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA., 1947.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1947 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA., 1948.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1948 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos Empregados V.F.R.G.S., LTDA., 1949.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1950 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1951.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1951 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1952.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1952 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1953a.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1953 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1954.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1954 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1955.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1956 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1957b.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1957 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1958.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1958 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1959.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1960 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1961a.

COOPFER. **Escola Industrial “Hugo Taylor”**. Santa Maria – R.G.S.. n. 4. 1961b. Originais em papel vegetal.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1967 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1968.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1969 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1970.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1970 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1971.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1972 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1973.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1973 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1974.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1974 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1975.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1977 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1978.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1979 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1980.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1982 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1983.

COOPFER. **Relatório** – Correspondente ao Exercício de 1983 apresentado pelo Conselho de Administração, Santa Maria, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1984.

COOPFER. **Operação Coopfer** - Desenvolvimento Planificado de Projetos e Empreendimentos Geradores de Riqueza, Tipografia da Escola Industrial <Hugo Taylor> da Cooperativa de Consumo dos E. V.F.R.G.S., LTDA., 1965b.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1917, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1918.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1919, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1920.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1920, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1921.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1921, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1922.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1922, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1923.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1923, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1924.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1924, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1925.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1925, Porto Alegre, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1926.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1926, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1927.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1928, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1929.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1930, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1931.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1932, Porto Alegre, Tipographia Gundlach, 1933.

COOPFER. **Relatório** – Exercício de 1934, Santa Maria, Filial da Livraria do Globo, 1935.

COOPFER. **Reunião do Conselho de Administração**. Ata n. 17, 2 fev. 1985, Santa Maria. Santa Maria, 1985b.

COOPFER. **Reunião do Conselho de Administração**. Ata n. 57, 21 fev. 1986, Santa Maria. Santa Maria, 1986c.

COOPFER. **Revista do Cinquentenário da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1913-1963)**. Santa Maria: Tipografia da Escola Industrial Hugo Taylor da Cooperativa de Consumo dos E.V.F.R.G.S., 1963.

COOPFER. Santa Maria, RS: **Diretor Comercial**, 14 nov. 1939b.

COOPFER. **Solicitação de subvenção para o exercício de 1940 e 1941**. Santa Maria, RS: 25 abr. 1940b.

ESCOLA de Artes e Ofícios. **Diário do Interior**, Santa Maria, ano 16, n.291, p. 2, 27 dez. 1927.

ESCOLA de Artes e Ofícios. **Diário do Interior**, Santa Maria, ano 17, n.289, p. 1, 18 dez. 1928.

ESCOLA de Artes e Ofícios. **Diário do Interior**, Santa Maria, ano 20, n.281, p. 1, 18 dez. 1934.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Fragmentos da história ferroviária brasileira e rio-grandense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), Santa Maria, a “Cidade Ferroviária”**. Santa Maria: Pallotti, 2007.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.: profissão, mutualismo, cooperativismo**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

FROZZA, M. S.; REIS, A.; FOGIATTO, J. L. **Arranjo Produtivo Local: O Caso da Indústria Moveleira de Santa Maria no Rio Grande do Sul**. 2011. Disponível em: <[http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa1/ArranjoProdutivoLocal-o_caso_da_industria_moveleira_de_santa_maria.pdf](http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa1/ArranjoProdutivoLocal_o_caso_da_industria_moveleira_de_santa_maria.pdf)>.

IPHAERS. **Inventário das Estações: 1874-1959**. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

IRMÃOS MARISTAS, 1976, **Escola Industrial Hugo Taylor (Ex-Artes e Ofícios) Santa Maria**. Históricos, Estatísticas, Diversos no período de 1922 a 1971 (1976). Encadernado, 1976.

LEERSH, I. M. Contribuições da Escola de Engenharia de Porto Alegre para a Formação do Campo Profissional do Urbanismo (1896-1930). In: **Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, 14., São Paulo. Anais eletrônicos do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – Cidade, Arquitetura e Urbanismo: visões e revisões do Século XX, São Paulo: USP, 2016. Disponível em: <<https://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/30.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

LIMA, R. R. As escolas técnicas do Rio Grande do Sul. 1990. 5p. Departamento de Arquivo Geral da Universidade Federal de Santa Maria.

LOPES, C. E. J. **A Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fera u Brésil e a Cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, Brasil**. Tese (Programa de Doutorado Arquitetura de Gaudí do Departamento de composição Arquitetônica). Universidade Politécnica da Catalunha. 2003.

LOPES, C. E. J. **A Vila Belga**. In: Seminário Território, Patrimônio e Memória, 2001, Santa Maria – RS. Anais do Seminário Território, Patrimônio e Memória. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2001. V. 01. P. 122-147.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MÁXIMO, I. U. **Irmão Estanislau José - Apostolo dos Ferroviários**. Porto Alegre: EPECÊ, 1979.

MELLO, L. F. S. **O pensamento utópico e a produção do espaço social**. A Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

MONTENEGRO, R. **Guia da História do Mobiliário**. Os estilos de Mobiliário do Renascimento aos anos 50. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

PEDROSO, N. Hugo Taylor pode ser fechado no próximo ano. **A Razão**, Santa Maria, 7/8 set. 1985.

PEREZ, C. B. **A fotografia na narrativa histórica: “O resgate da história da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.”** Campinas: UNICAMP, 1998.

GAIDA, C. G. [Entrevista cedida a] Carlos Blaya Perez. **A fotografia na narrativa histórica: O resgate da história da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul**. Campinas, 1998.

PRADO JR., C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RECHIA, A. A. **Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural**. Santa Maria: Gráfica Editora Palloti, 1999.

RIBEIRO, Nely. **Os meios de Comunicação em Santa Maria; Viação Férrea - Imprensa**. Santa Maria, 1979.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. [Têrmo de Cooperação e Auxílio que entre si fazem a Secretaria de Educaçã e Cultura e Cooperativa de Consumo dos Empregados da V.F. do R.G.S. Ltda. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**: Secretaria de Educação e Cultura, Porto Alegre, p. 7, 13 ago. 1970.

SANTAMARIA, 1957, Cartório do registro de imóveis Município de Santa Maria. **Certificado de Averbação**. Registro em: 24 mai. 1957a.

SANTAMARIA, 1958, Cartório do registro de imóveis Município de Santa Maria. **Certificado de Averbação**. Registro em: 2 out. 1958.

SANTA MARIA. Ofício n. 69/85. Santa Maria, RS: **Secretaria de Município de Obras e Serviços Urbanos**, 8 out. 1985.

SANTI, M. A. **Mobiliário do Brasil**. Origens da Produção e da Industrialização. São Paulo: Editora SENAC, 2013.

SUDJIC, D. **The Language of Things**. Undertanding the World of Desirable Objects. Nova York, W. W. Norton & Company, 2009.

UFSM. Ofício IPREMEC/072.85-AA/IM. Santa Maria: **Instituto de Preservação da Memória Cultural de Santa Maria e Região**, 11 out. 1985.

VILARINO, L. M. G. **Nossas Ruas...nossa história**. Santa Maria: Palloti, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - PROGRAMA DOS APRENDIZES PARA 1942

PROGRAMA DOS APRENDIZES PARA 1942ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS "HUGO TAYLOR" -OFICINAS-

=0=0=0=0=0=

1º ANO

Conhecimentos elementares sobre o ofício escolhido, a ferramenta a utilizar, o manejo da ferramenta e modo de repará-la; os processos para trabalhar vantajosamente; aplicações leves no correr do ano. Propriedades e uso dos diversos materiais.

Observação - Os mestres procurarão habituar os alunos á máxima economia do material e da ferramenta.

2º ANO

Intensificação dos conhecimentos adquiridos no primeiro ano, aplicações industriais, confecção de objetos de uso corrente. Familiarizar-se com as máquinas atinentes ao ofício escolhido. Adaptação dos conhecimentos adquiridos ás normas da industrialização. (aprendizagem produtiva).

3º ANO

Execução pessoal ou agrupada de todos serviços que possam apresentar-se no seu ofício. Trabalhos complexos. Bom acabamento das peças.

=0=0=0=0=0=0=

Santa Maria, 4 de Março de 1942

Á ADMINISTRAÇÃO

HP/-

ANEXO B – INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE SANTA MARIA


Estado do Rio Grande do Sul
Prefeitura Municipal de Santa Maria
Secretaria de Município de Obras e Serviços Urbanos

Of. nº 069/85 Santa Maria, 08 de Outubro de 1.985
GAB.SEC. LTS:-

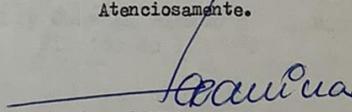
Ilmo Sr.

Através de Ofício dirigido ao Exmo Sr. Prefeito Municipal, a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul Ltda, comunica a falta de condições em manter as atividades do seu Departamento de Ensino, Escola de Primeiro Grau Hugo Taylor, ao mesmo tempo em que solicita informações a respeito da futura alienação e demolição do referido prédio.

Dirigimo-nos a V.Sª solicitando parecer no que se refere a existencia de algum impedimento quanto a demolição do prédio em questão.

Certo de contar com a sua colaboração, agradecemos, pela/atenção merecida.

Atenciosamente.


LUIZ ANTONIO GRAVINA
Secretário de Município de Obras e Serviços Urbanos

Ilmo Sr.
Arq. Luiz Gonzaga Binato de Almeida
Instituto de Preservação da Memória Cultural
de Santa Maria
Prédio da Biblioteca Central - sala, 203
UFSM

ANEXO C – PARECER SOBRE A ALIENAÇÃO E DEMOLIÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA DE PRIMEIRO GRAU HUGO TAYLOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE SANTA MARIA E REGIÃO

IPREMEC/072.85-AA/IM

Santa Maria, 31 de outubro de 1985.

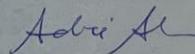
(Parecer sobre a alienação e demolição do prédio da Escola de Primeiro Grau Hugo Taylor)

A preservação do prédio da Escola Hugo Taylor, de propriedade da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea, não se justifica pela sua raridade formal ou antiga, mas sim pelo seu risco de desaparecimento, pois este prédio formando um conjunto arquitetônico com o prédio onde atualmente funciona o Curso Riachuelo, representam um documento da identidade urbana de Santa Maria.

O valor arquitetônico do edifício em questão é relativo, considerando a arquitetura brasileira em geral, porém, para Santa Maria, ele representa o gosto de uma época que se irradiou da Europa até aqui, sendo uma obra de arquitetura eclética característica do final do século passado e início deste. Este conjunto arquitetônico é um dos mais significativos da cidade, devendo ser preservado e inclusive mantendo o uso que ele tem desde sua construção, ensino, considerando que a conservação dos bens culturais representam, sempre, um ato educacional.

A destruição deste edifício significaria apagar de nossa memória a importância que a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea teve nesta cidade.

Desta forma consideramos que possa haver a futura alienação do prédio, porém a demolição deverá ser impedida, inclusive através do que dispõe a Lei Municipal nº 2255/82 referente a proteção dos bens culturais. O conjunto formado pelos prédios das antigas Escola de Artes e Ofícios deverão ser inscritos no Livro Tombo do município e aplicados os dispositivos da referida Lei para a sua integral conservação.



Prof. Arq. André Petry de Abreu
Coord. do Gabinete de Arquitetura e Urbanismo - IPREMEC

ANEXO D – COMUNICAÇÃO DE RESCISÃO DE CONTRATO DE TRABALHO

Santa Maria, 27 de fevereiro de 1986 8-27-149

Ilustríssima Professora

Escola de I Grau "Hugo Taylor"
NESTA CIDADE

COMUNICAÇÃO DE RESCISÃO DE CONTRATO DE TRABALHO

Por motivo da extinção do nosso Departamento de Ensino - ESCOLA "HUGO TAYLOR" -, comunicamos-lhe que o seu Contrato de Trabalho será rescindido a contar de 01 de março deste ano de 1986, quando lhe serão pagos todos os direitos resultantes dessa rescisão contratual, SEM JUSTA CAUSA.

Queira, pois, munida de sua Carteira Profissional, comparecer junto à nossa Divisão de Pessoal, para o acerto de contas.

Atenciosamente

Cooperativa de Consumo dos Empregados
da Viação Férrea de R. G. S. Ltda.

TOMEI CONHECIMENTO EM _____

PRESIDENTE

CC/Dpe.Cgs.Dec.Sme.